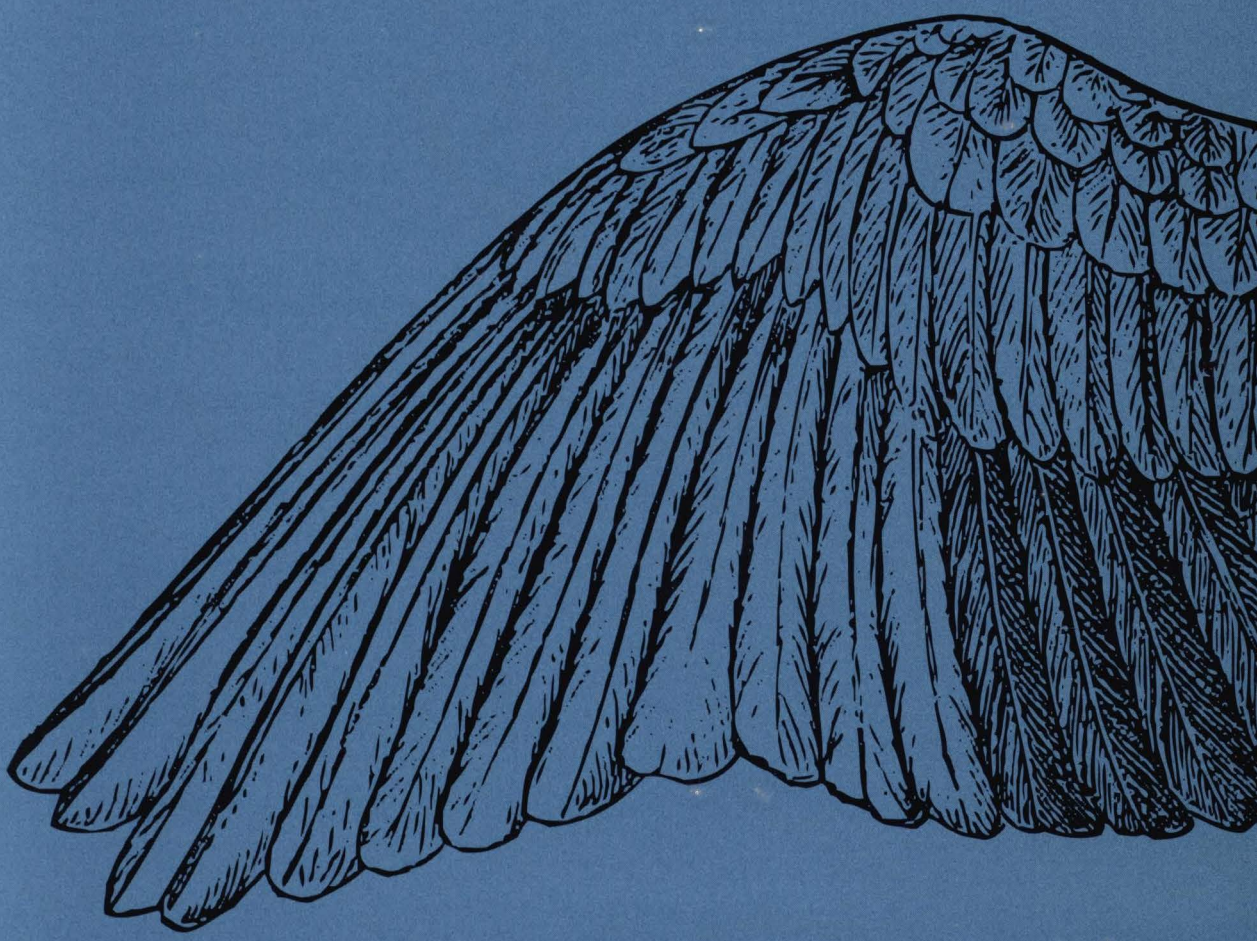
BOLETIM

Formação em Psicanálise



Publicação do Departamento Formação em
Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
Ano XXIV - Vol. 24, Nº 1 - Janeiro/Dezembro 2016

BOLETIM

Formação em Psicanálise

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA
MADRE
CRISTINA

Dados Internacionais de Catalogação-na-Fonte (CIP)
Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia

Boletim formação em psicanálise / Instituto Sedes Sapientiae, Departamento Formação em Psicanálise. – Vol. 1, no. 1 (maio/jun. 1992) – . São Paulo: O Departamento, 1992-

Ano XXIV, v. 24, (jan/dez. 2016)

Anual
Periodicidade bianual de 1992 a 1994; anual a partir desta data.
ISSN 1517-4506

1. Psicanálise – Periódicos. 1. Instituto Sedes Sapientiae. Departamento Formação em Psicanálise.

CDU 159.964.2 (05)

Indexação: Index Psi Periódicos (www.bvs-psi.org.br)

BOLETIM

Formação em Psicanálise

PUBLICAÇÃO DO DEPARTAMENTO FORMAÇÃO EM
PSICANÁLISE DO INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA MADRE CRISTINA
05/04/17
TOMBO Nº 31.254

ISSN 1517-4506

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
Departamento Formação em Psicanálise

COMISSÃO DE COORDENAÇÃO GERAL
Lucas Nogueira (coordenador), Lineu Matos Silveira (primeiro secretário), Ligia Polistchuck (segunda secretária), Antônio Geraldo de Abreu Filho (primeiro tesoureiro), Juliana Fiquer (segunda tesoureira)

Revista Boletim Formação em Psicanálise

EDITOR
José Carlos Garcia

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO
Aline Choueke Turnowski (coordenadora), Rodolfo Rangel (suplente)

COMISSÃO EDITORIAL
Aline Choueke Turnowski, Ana Karina Faschinni, José Carlos Garcia, Ligia Polistchuk, Luana Viscardi Nunes, Luciana Bocayuva Khair, Margarida Azevedo Dupas, Maria Carolina B. Gentile Sciulli, Maria Isabel Ghirardi, Maria Julia Arantes, Rodolfo Rangel, Sonia Saj Porcacchia, Telma Ximenes

CONSELHO EDITORIAL
Cassandra Pereira França (Universidade Federal de Minas Gerais), Claudia Paula Leicand (Instituto Sedes Sapientiae), Durval Mazzei Nogueira Filho (Instituto Sedes Sapientiae, GREA/Instituto de Psiquiatria da USP), Ede de Oliveira (Instituto Sedes Sapientiae, Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos), Eliane Michelini Marraccini (Instituto Sedes Sapientiae), Emir Tomazelli (Instituto Sedes Sapientiae), Flávio Carvalho Ferraz (Instituto Sedes Sapientiae), Francisca Isabel Teixeira (Instituto Sedes Sapientiae, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo), Fuad Kyrillos Neto (Universidade Federal de São João Del Rei), José Carlos Garcia (Instituto Sedes Sapientiae), José F. Miguel H. Bairrão (Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto), Lineu Matos Silveira (Instituto Sedes Sapientiae), Lucianne Sant'Anna de Menezes (Instituto Sedes Sapientiae, Universidade Federal de Uberlândia), Maria Beatriz Romano de Godoy (Instituto Sedes Sapientiae, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo), Maria Lúcia Castilho Romera (Universidade Federal de Uberlândia), Marina Ferreira da Rosa Ribeiro (Instituto Sedes Sapientiae), Marly T. M. Goulart (Instituto Sedes Sapientiae), Marta Cerruti (Instituto Sedes Sapientiae), Nora de Miguelez (Instituto Sedes Sapientiae), Sonia Maria Parente (Instituto Sedes Sapientiae, Universidade Ibirapuera), Suzana Alves Viana (Instituto Sedes Sapientiae), Tiago H. Rodrigues Rocha (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)

OFICINA DE TEXTOS
Lineu Matos Silveira

GRUPO DE PUBLICAÇÃO DE LIVROS
Luciana Bocayuva Khair, Ligia Polistchuck, Maria Carolina B. Gentille Sciulli

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
Rua Ministro Godoy, 1484
05015-900, São Paulo, SP
(11) 3866-2730
www.sedes.org.br / sedes@sedes.org.br

DEPARTAMENTO FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE

O Departamento Formação em Psicanálise tem por finalidade desenvolver atividades de caráter formativo, científico, cultural e de pesquisa em psicanálise, de acordo com a Carta de Princípios do Instituto Sedes Sapientiae. Ele tem como fundamento prover a formação continuada de seus membros, constituindo-se como um espaço de pertinência para alunos, ex-alunos e professores, propiciando interlocução com o Instituto Sedes e com a comunidade psicanalítica em geral.

Oferece dois cursos regulares, abertos a psicólogos, médicos e profissionais com formação universitária: *Formação em Psicanálise e Fundamentos da Psicanálise e sua Prática Clínica.*

Além desses cursos, o Departamento promove cursos breves, pesquisas, grupos de estudo, eventos científico-culturais, além de publicar a revista *Boletim Formação em Psicanálise* e o jornal *Acto Falho*. Participa também da Clínica Psicológica Social do Instituto Sedes Sapientiae.

Sua organização é realizada através do trabalho de comissões, eleitas a cada dois anos entre seus membros. As comissões que compõem o Conselho Deliberativo do Departamento são: Coordenação, Curso, Clínica, Eventos, Divulgação, Publicação, Projetos e Pesquisa, e Alunos. Essas comissões têm funções específicas e o objetivo de refletir, discutir entre seus pares e implementar projetos que possam garantir que as propostas do Departamento sejam colocadas em execução.

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE BIBLIOTECA

CURSO FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE

Corpo Docente

Armando Colognese Júnior, Cecília Noemi Morelli de Camargo, Durval Mazzei Nogueira Filho, Ede Oliveira Silva, Eliane Michelini Marraccini, Emir Tomazelli, José Carlos Garcia, Ligia Valdés Gomez, Maria Beatriz Romano de Godoy, Maria Cristina Perdomo, Maria Helena Saleme, Maria Luiza Scrosoppi Persicano, Maria Teresa Scandell Rocco, Nora Susmanscky de Miguelez, Oscar Miguelez, Suzana Alves Viana, Vera Luíza Horta Warchavchik.

Objetivos

Curso de especialização, que tem como objetivo a formação de psicanalistas. Busca transmitir a Psicanálise em sua especificidade, com base nos três elementos essenciais da formação: análise pessoal, supervisão e estudo crítico da teoria psicanalítica a partir dos aportes das escolas francesa e inglesa. Visa desenvolver a escuta transferencial, considerando o sujeito em sua singularidade. Trabalha a clínica psicanalítica, desde a descrição clássica feita por Freud até as formas de sofrimento observadas na contemporaneidade.

Destinado a

Psicólogos, médicos e profissionais com formação universitária, com experiência pessoal em análise individual e com percurso na teoria psicanalítica.

Conteúdo programático

1. *Seminários teóricos*: Formações do inconsciente, O inconsciente, Pulsões, Narcisismo, As identificações, Neurose obsessiva e histeria, O Complexo de Édipo em Freud, Angústia, Superego e Édipo Kleinianos, Teoria das Posições e Inveja em M. Klein, Perversão e Psicose em Freud e em M. Klein;
2. *Seminários clínicos;*
3. *Supervisão individual (no 4º ano);*
4. *Monografia de conclusão de curso*: com orientação individual, a ser realizada após a finalização dos seminários teóricos e clínicos;
5. *Estágio opcional na Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae, sujeito à*

seleção e contando com supervisão específica;

6. *Formação continuada*: atividades extracurriculares e no Departamento;
7. *Acompanhamento clínico*: opcional para os alunos do 1o ano, no qual se trabalha em pequenos grupos a articulação da escuta clínica com os artigos sobre o método psicanalítico;
8. *Realização de análise pessoal*: obrigatória durante o curso.

Duração

O curso regular tem duração de quatro anos.

Carga horária do curso

731 horas.

Horário/concentração

Quartas-feiras, com média de seis horas/aula semanais e mais uma hora e meia de atividades.

Seleção

Duas entrevistas individuais. Apresentação de *curriculum vitae* (contendo foto) em duas cópias e um breve texto, no qual justifique sua a busca por esta formação (um para cada entrevistador).

FUNDAMENTOS DA PSICANÁLISE E SUA PRÁTICA CLÍNICA

Corpo docente

Antonio Geraldo de Abreu Filho, Berenice Neri Blanes, Celina Giacomelli, Maria Salete Abrão Nunes da Silva, Maria Tereza Viscarri Montserrat, Patrícia Leirner Argelazi.

Objetivos

O curso propõe trabalhar os conceitos que fundamentam a Psicanálise e que servem de alicerce à sua prática. Pretende, com isso, fornecer informação que preencha lacunas a quem já algo conheça e fundamentos a quem

desconhece, estimulando o interesse na continuidade do estudo, permitindo que uma eventual formação sistemática no futuro se faça sobre uma base mais sólida.

Destinado a

Àqueles que se interessam pela Psicanálise e que pretendam uma iniciação ao seu estudo: médicos, psicólogos e profissionais com formação universitária em geral.

Conteúdo programático

1. *Especificidade da Psicanálise*: Psiquismo e corpo, Terapias medicamentosas, Psicoterapias e Psicanálise;
2. *A Divisão do Sujeito*: Dois conceitos fundamentais: Inconsciente e Pulsão, Aparelho psíquico: consciente, pré-consciente e inconsciente, o ponto de vista tópico, O Recalque: Desejo, conflito e defesa. Pontos de vista dinâmico e econômico, Discussão clínica;
3. *Formações do Inconsciente*: Atos falhos, sonhos e sintomas, Discussão clínica;
4. *Ponto de vista estrutural*: Complexo de Édipo / Identificações, Segunda Teoria Tópica;
5. *Neurose, Psicose e Perversão*: Neurose, Psicose, Perversão, Uma introdução à psicopatologia psicanalítica, Discussão de casos: um estudo comparativo,
6. *Questões da Clínica*: A situação analítica, Transferência e contratransferência, Resistência, A interpretação;
7. *O Analista*: Diferenças entre formação e informação.
8. *O tripé da formação analítica*: Análise do analista, supervisão e estudo da teoria.

Duração

Um ano.

Carga horária do curso

68 horas.

Observação

O segundo ano é opcional e será oferecido para aqueles que cursaram o primeiro ano, que tenham interesse na continuidade de seus estudos. Médicos e psicólogos, que optem por dar continuidade ao curso, poderão se candidatar à seleção de estágio na Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae.

Mais informações:
Secretaria do Instituto Sedes Sapientiae
Rua Ministro Godói, 1484
05015-900 - Perdizes, São Paulo/SP
(11) 3866 2730
www.sedes.org.br / sedes@sedes.org.br

EDITORIAL

A revista *Boletim Formação em Psicanálise* tem para nós, da Comissão Editorial, um inequívoco sentido de conquista e realização. Inúmeros colaboradores partilharam conosco este caminho e outros tantos nos antecederam nos méritos desta conquista. Muitos serão aqueles que nos sucederão neste destino de veiculação da produção psicanalítica não apenas de nosso Departamento, mas também a de outros colegas com ou sem vinculação institucional, cujo trabalho tenha merecido nosso reconhecimento enquanto produção científica.

Cada idéia, manifestada aqui ao longo de todos esses anos, buscou dar expressão a formas de pensar a Psicanálise que pudessem abarcar, além das experiências, as inquietações e perplexidades advindas de nosso trabalho como clínicos.

Consideramos que a relação do analista com a clínica é uma constante e intrigante pesquisa, onde o pensamento se liga a uma experiência fundamental: a do texto a ser escrito. Em sendo assim, a escrita é o testemunho do texto psicanalítico. Na sua forma, nos seus arranjos, ou seja, no modo como se organiza para se publicar, é testemunha silenciosa, mas definitiva do infindável da pesquisa em psicanálise que, ao se finalizar num texto, já é relançada sob a forma de uma outra questão, ou de uma outra pergunta.

Para nós, do *Boletim*, a psicanálise não está contida nos limites conceituais ou políticos de nenhuma das escolas que, ao longo do tempo, foram se estruturando a partir de autores, cuja exuberância criativa e consistência intelectual geraram seguidores e formaram instituições. Na escolha de nossas publicações, pautamo-nos pela seriedade com que são levados adiante cada um dos temas desenvolvidos, independentemente das correntes de pensamento psicanalítico que eles representem.

Nesse sentido, temos nos dedicado a edificar um espaço institucional plural, onde possamos praticar a confrontação de idéias e extrair daí os estímulos necessários para a elaboração de paradigmas, que possam

enriquecer o perene percurso de nossa formação como analistas.

Acalentamos a expectativa de que o Boletim possa conduzir à reflexão a respeito de nossa prática e levar cada colega, cujo interesse consigamos alcançar, a sentir-se convidado a partilhar conosco suas experiências e sua forma de pensar, contribuindo assim para gerar maiores recursos para consolidação de nossa comunidade psicanalítica.Comissão

Editorial

SUMÁRIO

ARTIGOS

A dimensão de extensão do método psicanalítico
The dimension of extension of the psychoanalytic method.
LUCIANNE SANT'ANNA DE MENEZES 15

A formação do analista e o método em psicanálise (Como o analista chega à interpretação ou, mais precisamente, como a interpretação chega ao analista)
The analyst's training and the psychoanalytic method
(How does the analyst reach the interpretation or, more precisely, how does the interpretation reach the analyst)
LUANA VISCARDI NUNES 27

Bion ou Thanks to the tanks
Bion or Thanks to the Tanks
ORLANDO HARDT JR. 39

"E se eu fosse você?": Breve visita ao conceito de identificação projetiva
If I were you? A quick view of the concept of projective identification
ANA KARINA FACHINI ARAUJO, ELISA MARIA ULHÔA CINTRA 59

O feminino e suas nuances: relação entre o conceito de devastação e a violência contra a mulher
The feminism and its nuances: a relation between the concept of devastation and the violence against woman.
MARCELLA OLIVEIRA 71

A poeta bebe águia; os sonhos e as palavras
The poet drinks eagle; the dream and the words
EDUARDO RODRIGUES DE LARA 91

LEITURA

Defesas Primitivas: arrogância, identificação projetiva, estupidez
Primitive defenses: arrogance, projective identification, stupidity
CECÍLIA NOEMÍ MORELLI FERREIRA DE CAMARGO 101

O fim de uma análise
The end of an analysis
ESTANISLAU ALVES DA SILVA FILHO 105

AULA INAUGURAL

Transmissão, transformações e evoluções em psicanálise
Transmission, transformations and the evolutions of psychoanalysis
MARIA BEATRIZ ROMANO DE GODOY 113

ENTREVISTA

A psicanálise é a ciência da falta
Psychoanalysis is the science of absence
DURVAL MAZZEI NOGUEIRA FILHO 123

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO *139*

Artigo

A dimensão de extensão do método psicanalítico

LUCIANNE SANT'ANNA DE MENEZES

RESUMO: A proposta deste artigo é refletir sobre o método psicanalítico e, em especial, marcar sua dimensão de extensão, que possibilita a compreensão do funcionamento psíquico tanto no indivíduo e na sessão, como na cultura e nos laços sociais.

PALAVRAS-CHAVE: método psicanalítico; psicanálise extensa; pesquisa psicanalítica; cultura.

INTRODUÇÃO

Sabemos que há uma demanda contemporânea do diálogo entre disciplinas e observamos que os psicanalistas estão sendo chamados à discussão nas fronteiras de produção. Para que possa ser pensado com rigor científico, o trabalho nas interfaces da psicanálise exige questionamentos, definições e contornos de aspectos essenciais como por exemplo: o método, a epistemologia, seus fundamentos e pressupostos, assim como estabelecer uma noção de subjetividade e de suas relações com seus determinantes.

O intuito deste trabalho é refletir sobre o método psicanalítico e, em especial, marcar sua dimensão de extensão, que possibilita a compreensão do funcionamento psíquico tanto no indivíduo e na sessão, como na cultura e nos laços sociais.

Psicóloga e Psicanalista; Doutora pelo Instituto de Psicologia-USP; Membro Efetivo do Departamento Formação em Psicanálise - Instituto Sedes Sapientiae; Docente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia-MG; autora de livros e artigos científicos

PSICANÁLISE: MÉTODO, TÉCNICA E CIÊNCIA

Quando Freud inventou a psicanálise, criou ao mesmo tempo um método de investigação da psique e um exemplo na utilização desse método, isto é, o tratamento psicanalítico. A psicanálise começou de fato como um tratamento, na pesquisa clínica com as histéricas, mas superou as expectativas iniciais de seu criador a ponto de se tornar uma teoria da cultura.

Em uma conhecida passagem de *Dois verbetes de enciclopédia* (1923/1980, p.287), Freud define 'psicanálise' de modo a abarcar três aspectos indissociáveis: um método de investigação; uma forma de tratamento, baseada neste método, e uma teoria resultante do conhecimento que este método produz:

> *Psicanálise* é o nome de (1) um procedimento para investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo; (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos; e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica.

Note-se que Freud aponta, primeiro, para o aspecto da *investigação*, marcando o que é essencial no termo psicanálise, ou seja, um *método de pesquisa*, o que nos remete a 24ª Conferência - *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1917/1980, p.453), quando o autor enfatiza que "o que caracteriza a psicanálise como ciência não é o material de que trata, mas sim a técnica com a qual trabalha. Pode ser aplicada à história da civilização, à ciência da religião e da mitologia não em menor medida do que à teoria das neuroses".

Com isso, Freud mostra sua ousada proposta de que a teoria psicanalítica não se reduz à prática terapêutica e tampouco à psicologia individual. Pelo contrário, o fundador da psicanálise enfatiza que sua nova ciência ocupa uma área muito maior que a prática de consultório e as teorias psicológicas, sendo extensiva à cultura, à literatura, aos mitos, à arte e à religião, dentre outras áreas do conhecimento. Extensiva, portanto, a tudo o que é relativo ao humano nas diferentes manifestações da psique.

Ambas as passagens freudianas nos reportam a um campo semântico em que há três termos que merecem ser esclarecidos: *aplicação*, *método* e

técnica. Apesar de Freud usá-los, indiscriminadamente, é interessante mostrar essa diferenciação. Como veremos mais adiante, há autores que comentam sobre estes termos, por exemplo, Jean Laplanche (1992) e Fábio Herrmann (1991, 2004, 2005).

Na 24ª Conferência (1917), a palavra *técnica* se refere ao método em operação. Em *Dois verbetes* (1923), "procedimento para investigação" traz a noção freudiana de *método psicanalítico*, enquanto que "método para o tratamento" refere-se à noção de *técnica*, noções essas que o conjunto da citação esclarece e clarifica. Um ano mais tarde, ao tratar das formas e motivos de resistência a sua ciência, Freud mais uma vez mostra as noções de *método psicanalítico* e *técnica de tratamento*, marcando a psicanálise "como um procedimento para o tratamento das doenças nervosas, como um método de pesquisa psicológica e como um instrumento auxiliar para o trabalho científico nos mais variados setores da vida intelectual" (1925[1924]/1980, p.266).

Técnica diz respeito a um conjunto de procedimentos que cria condições para que o *método* possa se concretizar como: a associação livre e a atenção flutuante. O divã não é uma regra técnica, mas um instrumento que facilita o manejo da técnica. Já o *método* se refere ao caminho (direção) para investigação do inconsciente. Portanto, *método psicanalítico é diferente de técnica de tratamento*. A técnica pode variar, mas o método não. O que caracteriza a psicanálise como ciência é o *método* com o qual trabalha: a interpretação psicanalítica.

Herrmann (1991, p.14-21) esclarece que método significa caminho para um fim, enquanto que técnica é referente aos princípios de como encaminhar o processo analítico em adequação ao método:

> Em conjunto, processo e técnica formam um todo solidário de adequação ao método. Processo: encarnação do método em fato clínico. Técnica: arte de bem conduzi-lo em relação ao método. (...) Do método deriva o critério geral de validade teórica, a exigência de adequação à origem e função. (...) *O sentido geral do processo, a forma da técnica, a origem e finalidade da teoria dependem precisamente dessa noção [de método]*. (Grifos nossos)

O *método psicanalítico* é recortado do trabalho clínico, tendo em vista ser a clínica o lugar privilegiado na recuperação dos significados das formações psíquicas, na investigação do inconsciente, não como uma unidade universal, mas operando na relação com o outro.

A clínica é o lugar por excelência de investigação do psiquismo. O coração da pesquisa freudiana era a clínica. Freud só pôde construir uma teoria geral sobre a psique porque a patologia lhe abria brechas para pensar sobre o funcionamento psíquico. Foi a partir da investigação clínica que Freud pôde fazer desdobramentos para uma teoria da cultura, *marcando a dimensão de extensão do método interpretativo.*

Assim como Freud partia do coração de sua clínica para refletir sobre a cultura, uma pesquisa psicanalítica caminha na mesma direção, do exercício de um patrimônio clínico compartilhado por todo psicanalista, em que seja possível, a partir de sua trajetória (do referencial psicanalítico que foi banhado por sua própria experiência clínica e transmissão da psicanálise), recortar uma abordagem do fenômeno psíquico, portanto, um lugar de observação psicanalítica.

A Psicanálise com "P maiúsculo", como mostra Herrmann (2005), é uma ciência que se debruça sobre o mundo, sobre as vivências do cotidiano, desvelando sentidos outros, sob os quais estamos submetidos, determinados pelas regras do inconsciente. O inconsciente está presente em toda manifestação humana, na cultura, na arte, no social, nos acontecimentos do dia a dia, nas relações entre as pessoas e delas com as instituições. As manifestações do inconsciente não estão restritas ao espaço do tratamento analítico como Freud mostrou em *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901), ao marcar a presença do inconsciente nos esquecimentos, nos *actos-falhos* e no tipo de humor.

Enfim, a possibilidade da 'escuta analítica' fora do *setting* habitual é operação do método, o que torna o uso da palavra *aplicada* inadequado.

Na introdução de *Novos fundamentos para a psicanálise* (1992), Laplanche nos adverte sobre o uso inadequado do termo "psicanálise aplicada". Ao abordar a questão de que a experiência psicanalítica não se restringe ao tratamento, mostra quatro aspectos segundo o agrupamento de seus lugares e objetos: a clínica, a psicanálise exportada, a teoria e a história, constituintes,

na verdade, da definição freudiana de psicanálise (FREUD, 1923). Aqui nos interessa o aspecto da *psicanálise exportada* ou *extramuros*. O autor diz utilizar essa expressão para se distinguir da de 'psicanálise aplicada', que certamente é a mais comum e conhecida, tendo sua origem em Freud, mas traz consigo uma noção sujeita a críticas:

> "Aplicação" suporia que, a partir de um domínio privilegiado, que, com efeito, é o tratamento, uma metodologia e uma teoria seriam abstraídas, para, em seguida, serem transferidas, sem mais - como numa engenharia - para outro domínio, assim como a ciência aplicada de um engenheiro, para construir uma ponte, nada mais é do que uma engenhosa derivação a partir dos conceitos fundamentais da física ou da mecânica. Por isso *rejeitamos essa noção de psicanálise aplicada que desdenha o que constatamos quanto à sua função, quanto ao seu papel, à sua importância, no movimento psicanalítico e, antes de mais nada, em Freud; em Freud onde verificamos não apenas sua importância quantitativa na obra, mas também sua fecundidade.* (LAPLANCHE, 1992, p.11; grifos nossos)

A crítica de Laplanche à noção de 'psicanálise aplicada' marca um cuidado terminológico e um esforço conceitual na busca dos fundamentos da psicanálise freudiana. Há outras passagens na obra freudiana que tratam da extensão da psicanálise. Por exemplo, em *Psicanálise* (1926/1980, p.307), ao falar sobre o 'Tema da psicanálise', o autor termina dizendo que "nem houve espaço para aludir às aplicações da psicanálise (...) a outros setores do conhecimento (como a antropologia social, o estudo da religião, a história literária e a educação)". Ou em *A questão da análise leiga* (1926a/1980), em que Freud reforça a importância da psicanálise na compreensão do funcionamento dinâmico e conflitante entre o homem e a civilização:

> (...) como uma 'psicologia profunda', uma teoria do inconsciente mental, *pode tornar-se indispensável a todas as ciências que se interessam pela evolução da civilização humana e suas principais instituições como a arte, a religião e a ordem social.* Em minha opinião ela já proporcionou a essa ciência considerável ajuda na solução de seus problemas. Mas essas são apenas pequenas contribuições

> em confronto com o que poderia ser alcançado se historiadores da civilização, psicólogos da religião, filósofos e assim por diante concordassem em manejar *o novo instrumento de pesquisa que está a seu serviço. O emprego da análise para o tratamento das neuroses é somente uma das suas aplicações; o futuro talvez demonstre que não é o mais importante. Seja como for, seria errôneo sacrificar todas as outras aplicações a essa única*, só porque diz respeito ao círculo de interesses médicos. (p.280-1; grifos nossos)

Nessa passagem, Freud marca a importância da investigação psicanalítica das relações do sujeito com a cultura, da vida nas instituições. Em outras palavras, ressalta a importância da abordagem psicanalítica dos fenômenos sociais, o que nos remete a *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921/1980), quando, logo no início ao explicar a importância do outro na construção e funcionamento do psiquismo, conclui que as relações de que tratamos na pesquisa psicanalítica podem ser consideradas como 'fenômenos sociais':

> Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social. As relações de um indivíduo com os pais, com os irmãos e irmãs, com o objeto de seu amor e com seu médico, na realidade, *todas as relações que até o presente constituíram o principal tema da pesquisa psicanalítica, podem reivindicar serem consideradas como fenômenos sociais e*, com respeito a isso, *podem ser postas em contraste com* certos outros *processos*, por nós descritos como *'narcisistas'*, nos quais a satisfação das pulsões é parcial ou totalmente retirada da influência de outras pessoas. (p.91-2; grifos nossos)

Freud recusa a divisão indivíduo-sociedade e reforça a importância dos fenômenos sociais serem postos em contraste com processos narcisistas, trata-se da construção de ideais que articulam o sujeito nos laços sociais. Já nos seus fundamentos, a psicanálise pensou no indivíduo inserido na sociedade, portanto, *em relação*. Com isso, nosso intuito é mostrar a legitimidade da

abordagem psicanalítica dos fenômenos sociais, retomando aspectos do pensamento freudiano como aquele que Laplanche (1992) denomina de "pensamento extramuros", na ideia de que a psicanálise pode se dirigir para *fora-do-tratamento*, não para qualquer lugar, mas num movimento em direção ao cultural.

Herrmann (2005), na sua distinção entre método e técnica psicanalítica, formula o conceito de *clínica extensa*, que diz respeito à "vasta medida em que o método ultrapassa a técnica" no tratamento ou fora dele. O autor assinala que a expressão 'clínica extensa' desperta a ideia do uso do método psicanalítico em situações exteriores ao consultório como em hospital, na escola, dentre outros, e que não há nada de errado nesse entendimento usual, porém merece uma consideração:

> Por *clínica extensa* não pretendo referir-me tão-só à extensão a outros domínios, como também à recuperação daquilo que constitui nosso patrimônio original, em parte abandonado com o tempo. Como a atenção analítica é sempre clínica, a psicanálise da cultura e da sociedade, a correlação de mão dupla com a literatura e as artes, a própria integração com o reino das ciências, tudo isto é clínica extensa (...) mesmo a prática de consultório pode configurar como clínica extensa. (HERRMANN, 2005, p. 24)

Ao dizer que 'a atenção analítica é sempre clínica', Herrmann marca o lugar da observação psicanalítica, de um modo específico de o psicanalista incidir sobre seu objeto de estudo, "a *psique em relação*", nos seus dizeres. E o que é o *estudo da psique em relação* senão a própria pesquisa psicanalítica?

A RESPEITO DA PESQUISA PSICANALÍTICA

Recuperar o fundamento do método psicanalítico na sua dimensão de extensão é importante para o trabalho nas interfaces da psicanálise. Em *Psicanálise e saúde do trabalhador: nos rastros da precarização do trabalho* (2012), Menezes traz os aspectos principais de uma pesquisa na interface dos campos da saúde do trabalhador e da psicanálise. A partir de casos investigados na Vigilância em Saúde do Trabalhador, da Coordenação de Vigilância da Saúde (VST-COVISA) da Cidade de São Paulo, a autora mostrou que, pela lente freudiana, os casos

expressam a maneira como os laços sociais estão se construindo, na atualidade, aspecto para o qual Freud chamou atenção desde os primórdios da psicanálise.

A respeito da pesquisa psicanalítica, em especial, de psicanálise em extensão, Rosa (2004) mostra que ela pode ser tomada como um dos campos da psicanálise, dispondo de dispositivos de análise da articulação sujeito e sociedade. Este tipo de pesquisa tem sua pertinência teórica e conceitual a partir de Freud, apesar das várias críticas e discussões que tem gerado. Para a autora:

> Inúmeros são os modos como se pode desenvolver, dentro dos fundamentos éticos e teóricos da psicanálise, uma investigação dos fenômenos sociais, contribuindo para a elucidação de sua eficácia no processo de alienação do sujeito e apontando os laços que possibilitem a sua inclusão como sujeitos do desejo. (ROSA, 2004, p.340)

Sobre os dispositivos de análise da articulação da construção da subjetividade aos laços sociais, Plon (1999, p.108) ressalta que a psicanálise tem

> (...) a possibilidade de isolar os elementos de subjetividade empregados nas práticas sociais para, ao mesmo tempo, esclarecer o que é residual nessas práticas, quer dizer, aquilo que, nessas práticas, escapa à análise sociológica ou econômica e enriquece por sua vez nosso conhecimento teórico das engrenagens desta subjetividade que tais práticas podem fazer aparecer.

Nesse sentido, como enfatizam Rosa e Domingues (2010, p.187), "cabe à psicanálise incidir (...) sobre a dimensão inconsciente presente nas práticas sociais".

No campo dos processos políticos, Plon (1999) mostra que é possível localizar modalidades e efeitos de relações transferenciais e da ação da organização pulsional utilizados para governar:

> (...) analisar os modos de funcionamento da subjetividade, da banalização do mal e do sofrimento; localizar as formas de evitação da castração como motores postos a serviço do bom funcionamento e da boa "gestão" daquilo que

> as empresas modernas, impregnadas de um saber psicológico a toda prova, chamam de "recursos humanos" (...). (p.108)

A pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos, nos dizeres de Rosa e Domingues (2010, p.187), "pode contribuir para elucidação dos modos como os sujeitos estão enredados nas malhas da dominação, de modo a indicar possíveis saídas individuais, sociais e coletivas".

Sobre a pesquisa psicanalítica, Herrmann (2004, p.6) enfatiza que todo analista pesquisa: embora o trabalho clínico de consultório seja uma fonte elevada de investigação, os analistas "praticam outras formas de clínica", em que também há pesquisa da psique, "não necessariamente a partir da técnica terapêutica (...), mas, tal como as psicanálises da cultura de Freud, obedecendo ao método interpretativo". Para o autor:

> Uma pesquisa psicanalítica é mais que um relato clínico (...), pois (...) faz avançar decisivamente o conhecimento da psique humana. Um ensaio teórico, apoiado em material clínico ou na análise de certo recorte da sociedade e da cultura, constitui também uma pesquisa. (...) pesquisa é algo que os analistas estão sempre a fazer; bastaria saber como transformar o trabalho diário em pesquisa comunicável. (...) a opção pelo método psicanalítico equivale a propor uma alternativa ao modelo usual de pesquisa psicológica, baseada em protocolos, estatística, grupos de controle, etc.. (HERRMANN, 2004, p.6)

Como aponta Rosa (2004, p.341), "um psicanalista deve estar a serviço da questão que se apresenta. A observação dos fenômenos está em interação com a teoria, produzindo o objeto da pesquisa, não dado *a priori*, mas produzido na e pela transferência".

Lembremos que a transferência não é restrita à situação do tratamento analítico, ocorrendo em todo tipo de relação humana. O campo da transferência é um campo intersubjetivo que propicia uma situação de comunicação do inconsciente. É *na* e *pela* relação transferencial que se constrói a questão a ser estudada.

Menezes (2012) relata que, como psicanalista, foi capturada pelo tema

da *precarização do trabalho*, sendo enganchada neste tema por conta de suas observações cotidianas de trabalho. Ela não escolheu o tema. Ele foi se impondo para ela ao longo dos anos de prática no campo da saúde do trabalhador, pelo viés da experiência da vigilância em saúde do trabalhador, de tal forma que passou a fazer parte dos seus interesses de pesquisa.

Ao utilizar o referencial da metapsicologia freudiana, para refletir sobre determinadas questões, é fundamental problematizar a produção de subjetividade na atualidade e seus efeitos nos sujeitos e nos laços sociais. Como foi apontado no início deste artigo, há uma demanda contemporânea do diálogo entre disciplinas. A produção do saber na psicanálise e seus intercâmbios com outros saberes configuram um campo que podemos chamar de *'psicanálise e conexões'*, ideia que aparece claramente na 10ª Conferência - *Simbolismo nos sonhos* (1916/1980), em que Freud diz o seguinte:

> *No trabalho da psicanálise formam-se vínculos com numerosas outras ciências mentais, cuja investigação promete resultados do mais elevado valor: vínculos com a mitologia e a filosofia, com o folclore, com a psicologia social e com a teoria da religião.* (...) Em todos esses vínculos a participação da psicanálise é, em primeira instância, a de doador e, apenas em menor escala, a de receptor. É verdade que isso lhe traz a vantagem de seus estranhos achados se tornarem mais conhecidos quando constatados também em outras áreas da ciência; porém, em seu conjunto, é a psicanálise que provê os métodos técnicos e as concepções cuja aplicação nesses outros campos deve se mostrar proveitosa. *A vida mental dos seres humanos, quando sujeita à investigação psicanalítica, oferece-nos explicações com cujo auxílio conseguimos resolver numerosos enigmas da vida das comunidades humanas ou, pelo menos, enquadrá-los num enfoque verdadeiro.* (p.200-1; grifos nossos)

Na atualidade, ao refletir sobre o tema do sujeito e do laço social, é imprescindível considerar as articulações de diferentes discursos, tendo em vista a complexidade de relações existentes na constituição do sujeito, assim como do laço social, que ordena como um tipo de civilização trata o que é da ordem do real. De qualquer modo a questão do psicanalista, na contemporaneidade,

refere-se a *como a psicanálise pode ser útil nos vários ambientes em que o psicanalista é demandado.* E o que nos possibilita o trabalho das conexões é a dimensão de extensão do método.

The dimension of extension of the psychoanalytic method

ABSTRACT: *The purpose of this article is to reflect about the psychoanalytic method and, in particular, to define its dimension of extension, which enables the comprehension of psychical operation in the individual and in the session, as well as in the culture and social bonds.*

KEYWORDS: *Psychoanalytic method; external psychoanalysis; research psychoanalytic, culture.*

REFERÊNCIAS

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980.

(1912b). *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, v. 18.

(1915). *O inconsciente*, v. 14.

(1926). *A questão da análise leiga*, v. 22.

HERRMANN, F. *Andaimes do real.* São Paulo: Vozes, 1991.

_____. Pesquisa psicanalítica. *Ciência e Cultura*, v.56, n.4, p.26-8, 2004.

_____. Clínica extensa. In: BARONE, L. M. C. (Org.) *A psicanálise e a clínica extensa.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p. 17-31.

LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise.* São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MENEZES, L. S. *Psicanálise e saúde do trabalhador:* Nos rastros da precarização do trabalho. São Paulo: Primavera, 2012.

PLON, M. A face oculta da análise leiga. *Agora*, v.2, n.1, p.91-110, 1999.

ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: Metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v.4, p.329-48, 2004.

_____. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: Metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v.4, p.329-48, 2004.

ROSA, M. D.; Domingues, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: A utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, v.22, n.1, p.180-8, 2010.

_____.; Domingues, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: A utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, v.22, n.1, p.180-8, 2010.

Lucianne Sant'Anna de Menezes
Av. Pará n. 1720, Bloco 2C
Instituto de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Campus UMUARAMA - CEP: 38405-320
Uberlândia - MG
telefone: (34) 992029093
lucianne.menezes@ufu.br

Artigo

A formação do analista e o método em psicanálise (Como o analista chega à interpretação ou, mais precisamente, como a interpretação chega ao analista)

LUANA VISCARDI NUNES

RESUMO: O artigo faz trabalhar o problema da subjetividade do analista enquanto condição de possibilidade e de resistência à prática psicanalítica. Nossos desenvolvimentos nos levaram a considerar a formação de um analista como o processo da apropriação criativa que ele faz da psicanálise. Este processo é concebido como condição necessária para que o analista possa colocar-se em atenção flutuante. A argumentação apoia-se no conceito de sublimação, tomada como modelo para pensar o dispositivo analítico enquanto espaço de recriação de sujeitos desejantes.

PALAVRAS-CHAVE: subjetividade do analista; método psicanalítico; formação do analista; sublimação.

Psicanalista, Membro do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

A SUBJETIVIDADE DO ANALISTA E O MÉTODO PSICANALÍTICO

Na análise, como na vida, há prazer em falar. Se há eficácia no tratamento analítico, ela evidentemente deriva do fato de que o dispositivo psicanalítico, mais especificamente a regra da associação livre, convoca a falar. Os pensamentos que analisando e analista tecem a cada sessão são os móveis da "cura". A noção de cura - importada do modelo médico - **é, no entanto, inapropriada para pensar o processo analítico. Exceto se acrescentarmos a ela a ideia de que, em psicanálise, o objetivo de cura se afasta dos parâmetros médicos e aponta para a possibilidade do sujeito experimentar uma relação menos conflitiva - sublimada - com seu desejo** (GOLDGRUB, 2012).

Aulagnier (1995) lembra que, na neurose, a exclusão de uma série de pensamentos resulta no empobrecimento da atividade de pensamento, sendo a inibição intelectual uma das razões do sofrimento neurótico. Nesse sentido, o primeiro efeito de prazer que o paciente poderia experimentar na e pela análise se deveria à recuperação de uma atividade de pensamento livre (AULAGNIER, 1995, p.35). Segundo a autora, o anseio por criar pensamentos novos e ter prazer com isso desempenha importante papel no trabalho compartilhado entre analista e analisando.

A abstinência do analista não supõe uma impassibilidade afetiva; ela aponta antes para um modo de se colocar diante do paciente que busca prevenir a anexação deste último ao narcisismo do praticante da psicanálise. A escuta do analista, assim como as associações do analisante, o impacto de uma interpretação e tudo aquilo que se passa no *setting* analítico, tem uma dimensão afetiva. Aulagnier (1995) acredita que a resposta do analisando à interpretação será função, entre outros fatores, de sua percepção acerca das modificações afetivas presentes no analista durante sua enunciação. Ela afirma que a interpretação que não se acompanha e que não visa qualquer modificação afetiva no analista tem menos chance de ser eficaz (p.29). A questão sem dúvida merece maiores esclarecimentos, mas penso que a ideia da autora lança alguma luz sobre a experiência de que a interpretação vem ao analista como uma surpresa, uma novidade, algo que irrompe.

Não é o *eu*[1] do analista que interpreta. A interpretação fala através do analista, mas não é dos aspectos imaginários de sua subjetividade que ela surge. Aliás, a suspensão de seu *eu* (valores, julgamentos, opiniões, etc.) constitui condição para que o analista se coloque em atenção flutuante. A interpretação parece vir do encontro das associações do paciente com um vazio de referências, que é paradoxalmente o que sustenta o analista em sua escuta. Busca-se assim ouvir o analisando em sua alteridade radical. Quando em atenção flutuante, o analista não deve querer compreender o que ouve ou explicar o que pensa. Ele se afeta pela fala do paciente.

A "verdadeira" interpretação - aquela que **não resulta da interferência** da teoria na prática clínica - **emerge como uma surpresa ao analista. Uma interpretação** nunca está dada de antemão. **A metáfora freudiana**, que aproxima a relação analítica da comunicação telefônica, alude à função do analista como aquele que utiliza o seu inconsciente para reagir ao inconsciente do paciente:

> Constitui fato marcante que o Ics. de um ser humano possa reagir ao de outro, sem passar através do Cs. Isso merece uma investigação mais detida, principalmente com o fim de descobrir se podemos excluir a atividade pré-consciente do desempenho de um papel nesse caso; descritivamente falando, porém, o fato é incontestável. (FREUD, 1915, p.222)

Para Goldgrub (2011) é preciso que o analista mantenha em si um silêncio interno: que se "calem" nele as significações de seu próprio discurso a fim de que o sentido subjacente às significações do discurso do paciente possam manifestar-se. Interrogando-se sobre a natureza e as condições de possibilidade da interpretação, o autor aponta que o silêncio interno, necessário à compreensão de qualquer diálogo, constitui uma atitude que, se estendida às

1. Referimo-nos aqui ao conceito lacaniano de *moi*, diferenciando-o do conceito de *je*. O *moi* corresponde ao eu imaginário, herdeiro da imagem especular que se constitui a partir do Outro no estádio do espelho. O *je*, sujeito do inconsciente, refere aquilo que em nosso ser escapa a essa alienação fundante.

dimensões bem maiores do discurso do paciente em análise, cria o estado descrito por Freud como atenção uniformemente suspensa (mais conhecida como atenção flutuante) (p.13). A escuta do analista se faz em atenção flutuante para que o sentido do discurso e não apenas a sua significação possa se fazer ouvir[2].

Esta posição é diametralmente oposta à de Viderman (1990), que afirma que a interpretação traz a marca do analista e que "(...) a verdade de uma descoberta depende menos dos *´observable facts´* **que da luz específica em que optou por colocá**-los" (p.187). Em nota de rodapé sobre o que Viderman (1990) considera um *"preconceito teórico"* de Wilhem Reich (p.188), o autor parece cair numa contradição de difícil superação: **como distinguir a** *"luz específica"* que o analista utiliza para escutar o paciente do *"preconceito teórico"* que deforma o fenômeno para ajustá-lo a uma grade conceitual prévia?

Seguindo a argumentação de Serge Viderman, talvez possamos considerar que a distinção entre *"luz específica"* e *"preconceito teórico"* visa indicar que a subjetividade do analista poderá acolher as associações livres do paciente sem necessariamente buscar no material clínico a confirmação do referencial teórico, que permitiria "descobrir" apenas aquilo que já se sabe.

Permanece, de todo modo, a questão: Qual **é o lugar da subjetividade do analista? Ela interfere sempre no sentido de prejudicar uma** recepção sem preconceitos do material trazido pelo paciente? A pessoa do analista impõe necessariamente uma resistência às análises que conduz? Ou é ele enquanto pessoa que "cura" o paciente?

Freud (1926) advoga que a interpretação independe da personalidade do analista e que a escuta livre depende em grande medida do trabalho que realiza na análise pessoal:

> Quando o senhor [o analista] atingiu certo grau de autodisciplina e possui certo conhecimento à sua disposição, **suas interpretações serão independentes de suas características pessoais e atingirão o alvo. Não estou afirmando que a personalidade do analista seja uma questão** de indiferença **para essa parte**

2. Conforme indica Goldgrub (2011), os termos "significação" e "sentido" designam, respectivamente, os valores semânticos consciente e inconsciente de um discurso (p.9).

> da tarefa dele. Uma espécie de agudeza em ouvir o que está inconsciente e reprimido, que não está igualmente na posse de todos, tem seu papel a desempenhar. E aqui, antes de tudo, somos levados à obrigação do analista de tornar-se capaz, por uma profunda análise dele próprio, da recepção sem preconceitos do material analítico. (p. 249/250)

Por outro lado, em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912b), Freud assevera que as regras técnicas por ele desenvolvidas são as que melhor se ajustam à sua individualidade. Ele considera que "um médico constituído de modo inteiramente diferente possa ver-se levado a adotar atitude diferente em relação a seus pacientes e à tarefa que se lhe apresenta" (1912b, p.149). Consideramos que essa observação, que introduz o artigo, estimula o analista a rejeitar os dogmatismos e trabalhar criativamente. No entanto, é interessante observar que, no último parágrafo do mesmo artigo, o autor faz um comentário que desdiz o relativismo inicial quanto ao problema do método:

> Permitam-me expressar a esperança de que a experiência crescente da psicanálise cedo conduza à concordância sobre questões de técnica e sobre o método mais eficaz de tratar os pacientes neuróticos. (p. 159)

Além das considerações sobre a eficácia, talvez Freud tenha sido levado a formular o método psicanalítico por seu rechaço ao caráter autoritário da sugestão:

> Estaremos assim preparados para a assertiva de que a sugestão (ou, mais corretamente, a sugestionabilidade) é na realidade um fenômeno irredutível e primitivo na vida mental do homem. Essa também era a opinião de Berheim, de cuja espantosa arte fui testemunha em 1889. Posso, porém, lembrar-me de que mesmo então sentia uma hostilidade surda contra essa tirania da sugestão. Quando um paciente que não se mostrava dócil, enfrentava o grito: ´Mas o que está fazendo? *Vous vous contre-suggestionnez*!´, eu dizia a mim mesmo que isso era uma injustiça evidente e um ato de violência, porque o homem certamente tinha o direito a contra-sugestões, se estavam tentando dominá-lo com sugestões. (1921, p.114)

A FORMAÇÃO DO ANALISTA

Para pensar a questão, que ora propomos, parece ser útil desdobrá-la: Sob que circunstâncias a subjetividade do analista pode representar um obstáculo à análise de seus pacientes? Abordamos aqui os famosos "pontos-cegos" do analista: ali onde ele não escuta o paciente porque faz barulho demais a força dos próprios conflitos. A afirmação canônica de que a formação do analista estrutura-se sobre o tripé composto por análise pessoal, supervisão clínica e estudo da teoria/técnica é norteadora, mas pode esvaziar-se de seu valor se for tomada enquanto algo meramente prescritivo ou protocolar. Trata-se antes de experiências intrinsicamente necessárias à sua formação. Formar-se analista implica expor-se aos próprios conflitos: são talvez os «pontos-cegos" do analista as paradas necessárias no singular caminho que percorrerá na direção de trabalhar analiticamente.

A exigência de que o analista tenha passado pela experiência de análise não se confunde com o ideal de um analista "emocionalmente maduro", qualquer que seja o significado dessa expressão. A psicálise culturalista[3] enveredou por esse caminho, atribuindo ao psicanalista um papel educativo. Pensamos que as análises didáticas são uma perpetuação desse enviesamento da proposta psicanalítica. É oportuno lembrar aqui a indicação lacaniana de que o analista se autoriza por si mesmo.

Lacan (1958) aborda a questão da resistência do analista no contexto de sua crítica aos analistas do ego, que se colocam como modelos identificatórios para seus pacientes. Ele afirma que a resistência à análise é sempre a resistência do analista (p.601). Uma colocação ousada, certamente, mas que ajuda a lembrar que a resistência do paciente é esperada. A resistência do analista, embora possa ser pensada também como vicissitude possível de uma análise, cria obstáculos à escuta em atenção flutuante.

O analista não ocupa o lugar de mestre em relação ao paciente. É a coerência de sua prática com os pressupostos que circunscrevem o campo propriamente psicanalítico que fundamenta a sua autoridade. O estudo teórico, tomado

3. *Psicanálise culturalista* é a "expressaão utilizada para designar a caracteriística principal da psicanálise tal como desenvolvida nos Estados Unidos, cujos teóricos enfatizaram a adaptacão à sociedade como critério de maturidade, concedendo ao ego o papel de "aliado" do psicanalista" (GOLDGRUB, 2008b, p.8).

isoladamente não é suficiente para formar um analista. Em *A questão da análise leiga* (1926), Freud afirma que a convicção que nasce da experiência de análise pessoal é necessária ao psicanalista. **Sem ela, aqueles que recebem instrução teórica em psicanálise absorvem os conteúdos «tão friamente quanto outras abstrações com as quais são alimentados» (p.226).**

> (...) exigimos que todo aquele que quiser praticar a análise em outras pessoas se submeta ele próprio a uma análise. É somente no curso dessa «autoanálise» (como é confusamente denominada), quando eles realmente têm a experiência de que sua própria pessoa é afetada - ou antes, sua própria mente - pelos processos afirmados pela análise, que adquirem as convicções pelas quais são ulteriormente orientados como analistas. (p.226)

A elaboração teórica e clínica - o modo como o analista acolhe e responde às questões teóricas e clínicas que a ele se apresentam - produz nele efeitos de formação. Cabe a cada analista articular pensamentos que lhe sirvam para alargar sua escuta clinica, sem que isso represente a sobreposição da teoria sobre o material clínico. Sobre a relação entre o saber do analista e as coisas que ele fala ao paciente, Mannonni (1992) indica que:

> (...) o analista interpreta forçosamente com o seu saber ou os seus saberes - mas sobre esses saberes ele nada diz. Eles são seu mapa e sua bússola. Permitem-lhe orientar-se e a reagir analiticamente aos obstáculos com que o analisando esbarra. Talvez o analista seja um guia - mas só o analisando deve acabar por saber onde quer chegar. (p.92)

Mannoni (1992) entende que a autoridade do analista reside em seu conhecimento sobre a teoria, que lhe permitirá encontrar a intervenção apropriada. Esta última, no entanto, não deve adotar a forma de uma explicação teórica, pois nesse caso não terá a menor utilidade.

> Se se trata de encontrar a intervenção adequada, essa intervenção não deve ter a aparência de uma observação teórica; uma observação teórica assemelha-se

> a uma recusa do que o analisando procurava dizer. Ou então, relega-o a um lugar onde já não tem a palavra. (p.84)

Assim, se por um lado sua atuação deve estar lastreada pelo campo de imanência psicanalítico, por outro parece ser necessário para sustentar a posição analítica legitimar um espaço de vazio de referências, de escuridão e de não-saber para que se mantenha viva sua potência criativa. Não se trata apenas de não aplicar a teoria ao material discursivo do paciente, mas de renunciar a qualquer saber prévio que representaria controle e segurança ao analista.

O esteio representado pelo aparato teórico-técnico não poupa o analista de refazer o percurso inaugural de Freud. É como se cada analista tivesse que buscar aquilo que favorece nele a emergência da interpretação. Segundo Mannoni (1992), o analista que se identifica com Freud não tem ninguém a imitar. Isso sem dúvida é uma contradição, mas expressa bem as coisas que se passam em uma análise e na formação do analista. Em resumo, *"Só podemos imitar Freud se mostrarmos confiança em nós próprios"* (p.90). É nesse paradoxo que se dá a formação do analista. Não há analista sem a marca da subjetividade daquele que pratica a psicanálise. Dentro de parâmetros que circunscrevem o propriamente psicanalítico, chegamos à posição analítica somente por caminhos pessoais.

As transferências de trabalho, que ele estabelece com professores, supervisores e colegas, são partes importantes de sua formação. Por outro lado, essas mesmas transferências podem funcionar como resistência ao projeto de trabalhar analiticamente se os modelos forem tomados de modo totalizador. A expectativa de um sistema que dê conta de recobrir toda a experiência clínica é a imagem absurda da inutilidade dos mapas desmedidos de Borges[4]. É desde o lugar de não-saber, de quem aceita o desconhecido, que exercermos a função de analistas. O analista navega em águas desconhecidas tendo como norte suas experiências anteriores e uma carta teórica aproximativa. É um ignorante douto[5].

4. "Do rigor na ciência", de Jorge Luís Borges.
5. Termo de Nicolau di Cusa (século XV), que é definido como "um saber mais elevado e que consiste em conhecer seus limites" (QUINET, 2002).

ANÁLISE E SUBLIMAÇÃO

O conceito de sublimação, tal como teorizado por Jacques Lacan em "O problema da sublimação" (1960), pode servir como um modelo que ajuda a entender um pouco melhor a prática de um psicanalista. Freud situa na mudança de alvo (finalidade) da pulsão - que deixa de ser sexual - o mecanismo básico do processo sublimatório. Lacan entende que a satisfação da pulsão num alvo diferente revela precisamente a natureza própria ao *Trieb* (pulsão). O autor sublinha que a pulsão, por poder ser satisfeita de muitas maneiras (diferentemente do instinto, cujo objeto é fixo), cria as condições necessárias ao processo sublimatório (LACAN, 1960, p.113). Estaria contida aí, na plasticidade essencial da economia das pulsões, a possibilidade da sublimação.

A sublimação, segundo o aforisma lacaniano, eleva o objeto à dignidade da Coisa (*das Ding*) (LACAN, 1960). Ele diferencia o objeto tal como concebido dentro de uma relação narcísica, imaginária, e *das Ding*, situando nessa diferença o problema da sublimação (p.121/122). O objeto não é a Csa: ele é um ponto de fixação que imaginariamente obtura o vazio do desejo. O objeto se inscreve dentro da economia das substituições significantes. A sublimação não, ela é um modo distinto, paradoxal de satisfação da pulsão:

> É um paradoxo - a pulsão pode encontrar seu alvo em outro lugar que não seja naquilo que é seu alvo, sem que se trate aí de substituição significante que constitui a estrutura sobredeterminada, a ambiguidade, a dupla causalidade, do que se chama de compromisso sintomático. (p.135)

Tudo parece se passar como se o objeto sublimatório, diferentemente do objeto da demanda, não se prestasse a ser um arremedo que visa tamponar a falta, mas se constituísse como uma espécie de resposta nova, criativa, às demandas do sujeito. Lacan indica, diferentemente de Freud, que não se deve buscar na valorização social, que se confere ao objeto sublimado, o móvel da sublimação. Para que o objeto seja alçado à dignidade da Coisa "é preciso que algo tenha ocorrido no nível da relação do objeto com o desejo" (1960, p.138). Que "algo" é esse? O objeto sublimado não busca evitar o desejo, pelo contrário, ele o explicita. Na sublimação «há uma identidade entre a

modelagem do significante e a introdução no real de uma hiância, um furo" (LACAN, 1960, p.149).

Essa Coisa, da qual todas as formas criadas pelo homem são do registro da sublimação, será sempre representada por um vazio, precisamente pelo fato de ela não poder ser representada por outra coisa - ou, mais exatamente, de ela não poder ser representada senão por outra coisa. Mas em toda forma de sublimação o vazio será determinante. (p.158)

Goldgrub (2008a) assinala que a "coisa" lacaniana explicita que a falta, antes de mais nada, antes de seu suposto representante, está presente (p.9). Desdobrando a indicação lacaniana, o autor propõe que o verbo da sublimação é o *fazer*. O fazer criativo em oposição ao *ter* ou *ser* o falo:

> A práxis se torna mais importante do que a "recompensa" oferecida pelo resultado. O prazer na sublimação deriva da vivência da falta como prazer, na medida em que constitui a pré-condição da ação criativa. O verbo da sublimação é o fazer, que se contrapõe tanto ao "ser" (o falo) como a "ter" (o falo). O fazer pressupõe aceitação da falta, aceitação da incompletude, enquanto ser e ter pressupõem demanda (desejo) de completude, conflito com a falta (neurose e perversão), ou rejeição da falta (psicose). (p. 7)

Talvez possamos pensar a prática do analista como um fazer sublimatório. A palavra do analista desvela "a outra cena", o inconsciente, mas não o faz de forma saturada, fechada, conclusiva: interpretar é um convite a fazer novas associações. Sabemos que a pertinência da interpretação poderá ser avaliada somente pelas associações seguintes à intervenção do analista. Na análise a posição desejante **é recriada.**

A análise pensada como espaço de criação de sujeitos implica na abertura do analista para a própria falta, para a sua castração. Ele sustenta em si a posição desejante (em termos lacanianos, **é um Outro castrado**). **É daí, desse lugar não-todo, de quem sabe que não sabe sobre o paciente, que advém a sua capacidade de escutar a singularidade, a verdade do desejo.** A relação analítica, nesse sentido, atualiza o próprio processo da constituição subjetiva na medida em que o sujeito só pode emergir enquanto tal se há um Outro barrado que o interpele.

O desejo aponta para a inexistência de um objeto que possa nos dirimir de nossa condição de faltantes. Isso porque o desejo é sempre desejo de desejo. Sua negatividade constitutiva é justamente o que em nós escapa a uma determinação identitária forjada na imagem de um "eu" (*moi*). O desejo é aquilo que no sujeito sustenta uma potência de indeterminação, condição para que as transformações possam ocorrer.

The analyst's training and the psychoanalytic method (How does the analyst reach the interpretation or, more precisely, how does the interpretation reach the analyst)

ABSTRACT: *This article approaches the problem of the analyst's subjectivity as a condition of possibility and resistance to psychoanalytic practice. It argues that the analyst's training is a process of creative appropriation of psychoanalysis itself. This process is considered as essential to the analyst's ability to reach free floating attention. Sublimation is the concept used here to conceive the analytical setting as a place to recreate desiring subjects.*

KEYWORDS: *Analyst's subjectivity; psychoanalytic method; training in psychoanalysis; sublimation.*

REFERÊNCIAS

AULAGNIER, Piera Castoriadis. "O trabalho da interpretação. A função do prazer no trabalho analítico". In: MAJOR, René (org). *Como a interpretação vem ao psicanalista*. São Paulo: Escuta, 1995.

BORGES, Jorge Luis. Do rigor da ciência. In: *Obras Completas*, v. II (1952-1972). São Paulo: Editora Globo, 1999.

FREUD, S. (1912b). *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, v. 18.

(1915). *O inconsciente*, v. 14.

(1926). *A questão da análise leiga*, v. 22.

GOLDGRUB, Franklin. Necessidade - Desejo - Demanda (2008a). Disponível em: <http://franklingoldgrub.com/psico/wp-content/uploads/2009/08/Necessidade.pdf>. Acesso em: 8/6/15.

_____ . "A alienção do sujeito no eu (moi) - O esquema L - A forclusão do sujeito"(2008b). Disponível em: <http://franklingoldgrub.com/psico/wp-content/uploads/2009/08/A-aliena%C3%A7%C3%A3o-do-sujeito-no-eu.pdf>. Acesso em: 8/6/15.

_____ . Significado - Significação - Sentido (2011). In: *Psic. Rev.* São Paulo, v. 20, n. 1, 79-91, 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/viewFile/ 6794/4917>. Acesso em: 8/6/15.

LACAN, Jacques [1949]. O estádio do espelho como formador do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____ 1958]. A direção do tratamento. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar,1998.

_____ [1960]. O problema da sublimação. In: *O seminário, livro* 7: a ética da psicanálise [1959-1960]. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MANNONI, Octave. "O que é associar livremente?", "O divã de Procusto". In: *Um espanto tão intenso - A Vergonha, O Riso, a Morte*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

QUINET, Antônio. *As 4 +1 condições de análise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

VIDERMAN, Serge. *A construção do espaço analítico*. São Paulo: Escuta, 1990.

Luana Viscardi Nunes
Rua Coronel Arthur de Godoy, 149
Vila Mariana - CEP: 04018-050
São Paulo - SP
Tel: (11) 3384-0575
luana.viscardi.nunes@gmail.com

Artigo

Bion ou Thanks to the tanks

ORLANDO HARDT JR.

RESUMO: Baseado na micro-história, um conceito criado por Ginzburg o artigo considera que alguns conceitos teóricos de Bion poderiam ter sua origem na vida militar deste autor, conceitos tais como a grade, ataque ao vinculo, visão binocular, mudança catastrófica, continente/contido e outros estariam associados com fatos do "front" da Primeira Grande Guerra.

PALAVRAS-CHAVE: Bion, Primeira Guerra Mundial, Darwin, Tank, Flash buzz.

INTRODUÇÃO

Horácio sustenta que para interpretarmos um texto é necessário antes de tudo decifrar as referências ambientais, os lugares, vegetação e até o clima que ele contém. Essa paixão pelos detalhes microscópicos inspirou um livro que foi importante para a construção deste texto: *Pickett's Charge* (*O ataque de Pickett - uma micro-história do ataque final em Gettisburg, 3 de junho de 1863*). Nesse livro, George R. Stewart, um estudioso, professor na Universidade de Berkeley, analisou em 1959, minuciosamente, a decisiva batalha da guerra civil americana. Pesquisou um episódio que durou 20 minutos, a carga de cavalaria sulista comandada pelo general George Pickett, desenrolada no exíguo espaço entre um arvoredo e um muro de pedras numa batalha que durou 15 horas. "Através da dilatação do tempo e da concentração do espaço, Stewart analisa com minúcia quase obsessiva o que define como 'momento culminante do acontecimento culminante da guerra', o momento central da nossa história" (GINZBURG, 2007, p. 251).

Psiquiatra e Psicanalista membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Este artigo tem como proposta priorizar a Primeira Guerra como um fator determinante na vida e na teoria de Bion, e, para tanto, penso que a micro-história, a teoria que diversos historiadores italianos (CF. GINZBURG) têm utilizado para examinar as relações que podem acrescentar algumas visões de conjunto desenhadas pela macro-história, pode ser útil.

Muitos escrevem sobre Bion, existem inúmeras interpretações possíveis para os conceitos bionianos, calcadas em distintas relações intelectuais e transferenciais com a obra e o autor. Este artigo pode acrescentar mais dúvidas sobre a "nebulosa bioniana", portanto qualquer coincidência com Bion deve ser bem examinada, pois proponho que ele utilizou fatos de sua experiência militar para estruturar parte de sua teoria: visão binocular, o princípio de notação, a grade que decorreria da mesa de mapas militares, a ideia do tanque associado com continente contido e mais os conceitos de tela beta, mentiras e mudança catastrófica.

Teria a vida militar contribuído indelevelmente em parte da teoria bioniana?

A história nos mostra que sempre que são transmitidos ideias e conceitos, os autores elegem o que consideram significativo para si no momento histórico e cultural que vivem, e isso não foi diferente com Bion, a vertente da micro-história conclui, como dizem Tolstói e Aby Warburg: "Deus está nos detalhes".

Teria sido sua teoria uma maneira de elaborar as múltiplas impressões e experiências pelas quais passou? Por esse motivo, detalhar episódios militares desse psicanalista teve suas razões. Em vez de prestar uma homenagem inútil, pareceu-me mais proveitoso tentar situá-lo em relação ao tempo em que combateu. Assim, uma das finalidades deste trabalho será apresentar, de modo abreviado, como Bion transpôs sua experiência militar para a teoria psicanalítica. O fato de ter participado de uma guerra na qual milhões de homens enfrentaram-se durante quatro anos, milhões deles britânicos, foi uma experiência terrificante, marcou-o profundamente. As consequências práticas e políticas das pesadas perdas de vidas de camaradas permaneceram em Bion e penso que isso foi se elaborando da passagem do conhecimento e da aprendizagem à sabedoria. É na guerra que a experiência de emoção do vínculo,

chamada camaradagem, é muito valorizada, surge entre homens que sofrem juntos um real contato, mente com mente, uma relação de indiscutível valor nesse cenário. Cicatrizes permaneceram em Bion, desde a efêmera glória até o medo de enlouquecer.

Seria impossível não acrescentar Wilfred Bion e suas contribuições para a psicanálise no conjunto daqueles que formaram uma nova visão de mundo que adveio da Primeira Guerra: Sandor Ferenczi e Karl Abraham foram médicos militares na frente oriental. Outros europeus de vários pontos de vista e de várias ideologias sobressaíram no pós-guerra: Hitler fora cabo da 6ª Divisão Bávara, ferido no Somme em 1916; Winston Churchill, coronel de um Batalhão de Fuzileiros Escoceses, depois eleito à Câmara dos Comuns; Mussolini foi ferido; três ministros ingleses serviram no Somme (Clement Atlee, Eden e MacMillan); De Gaulle foi ferido e capturado em Verdun; vários oficiais, generais importantes como Rommel e Alexander, foram veteranos, estudiosos e historiadores ingleses, como Gerard Ritter, Basil Lidell Hart, que estiveram em trincheiras, assim como os escritores E. Hemingway, J. R. R. Tolkien, autor de *O senhor dos anéis*, e Erick Maria Remarque, que escreveu *Nada de novo no front*.

Até o surgimento da teoria de Bion, a psicanálise era criticada por apresentar certa impermeabilidade à contemporaneidade; foi necessário um tanque para romper e avançar linhas estabelecidas. Penso que o contexto do desenvolvimento teórico desse autor estabeleceu formas provocantes e esclarecedoras para a psicanálise. Sua compreensão dos processos percebidos na guerra e pós-guerra contribuiu para um deslocamento radical da teoria antes existente na psicanálise. Bion foi marcado por uma visão historiográfica e evolucionista e sua perspectiva crítica o habilitou a avaliar e pensar elementos catalisadores e fatores conjunturais. Este artigo é uma contribuição para que o leitor possa pensar alguns conceitos por um novo ângulo. Supus que parte dos conceitos da obra de Bion estaria baseada na combinação de um sofisticado desenvolvimento clínico com sua sensibilidade atenta, fruto de uma experiência que permitiu reunir novos conhecimentos, como fenômenos observados por meio da "dor psíquica" pela qual passou como coadjuvante na Primeira Guerra. Assim, este artigo denotará atenção para alguns termos criados por seu autor, pois há neles o liame da guerra. Esses conceitos possuem força, chamam atenção de

imediato pelo fato de apresentar uma estrutura disruptiva. A tendência à estruturação da teoria psicanalítica, apesar de intelectualmente sofisticada, foi para Bion uma peça fundamental de simplificação: "os elementos que procuro devem ser tais que relativamente poucos sejam necessários para expressar através de mudanças de combinação praticamente todas as teorias para o psicanalista que trabalha. [...] A combinação em que certos elementos são mantidos é essencial para o significado transmitido por esses elementos" (BION, 1963).

A participação em um "front" coloca as emoções no centro das questões do funcionamento e desenvolvimento da personalidade, faz surgir o caráter primitivo das emoções e também propicia ferramentas que operam sobre essas emoções. Na guerra Bion deve ter compreendido como as percepções das emoções surgem, modificam e fixam experiências. Embora nos inclinemos a valorizar mais as influências provindas da Filosofia do que as vivências, e Bion tenha estudado História e Filosofia, no Queen's College, e também Medicina, acredito que, mais do que isso, a guerra causou-lhe o impacto identificado em sua teoria.

MOBILIDADE E SURPRESA

Mais da metade da Primeira Guerra Mundial passou-se em busca de uma arma. Durante séculos a manobra foi competência da Cavalaria, mas em 1914 ela estava indiscutivelmente ultrapassada, os campos de batalhas eram dominados por uma mortífera trindade: a metralhadora, o canhão de campanha de carga rápida e o arame farpado. A ação da Cavalaria nessas circunstâncias era impossível. Seria necessária uma medida militar adequada, a única maneira de evitar o volume de baixas que já havia sacrificado metade de uma geração de jovens soldados europeus. Os generais só manobravam por ataques pelos flancos, mas não havia mais flancos, somente uma contínua linha de 700 km de trincheiras e arames farpados enferrujados. Foi uma guerra de atrito, com baixas enormes e ambos os lados relutavam em recuar como meio de derrotar um ao outro. Até 1916 somente duas técnicas foram apresentadas para romper o impasse dessa linha: a Artilharia, que concentrava poder de fogo para destruir o sistema de trincheiras e tentar assim o uso posterior da Cavalaria, mas, após o bombardeio, teriam as metralhadoras nos ângulos das trincheiras,

que aguardavam cavalos e cavaleiros. A segunda tentativa, o uso de gás pelos alemães em Ypres (1915), também impraticável como arma - o vento mudava de direção. Com o uso de máscaras, o gás torna-se indecisivo também. A ausência dos dois mais importantes princípios da guerra: mobilidade e surpresa tornou a Primeira Guerra uma guerra de sítio, com tudo que acarretava. Mas a resposta à guerra de sítio seria a notável mudança, o uso do motor de explosão, fato totalmente estranho em um campo de batalha até 1914, quando um coronel inglês apresentou um plano para movimentar um veículo de combate sobre lagartas. Foi assim que nasceu o tanque.

Leonardo da Vinci, em 1492, afirmou que estava "construindo carros de guerra seguros, cobertos, e, quando eles avançarem com seus canhões entre as linhas inimigas, farão recuar até mesmo as mais compactas formações adversárias, e atrás deles a infantaria poderá evoluir a salvo sem oposição". Essa ideia ressurgiu algumas vezes nos séculos seguintes e foi repetidamente relegada porque a inexistência de uma força necessária para acionar massas tão pesadas a tornava irrealizável. Em 1914 existiam planos viáveis para pôr em ação "navios terrestres", mas foi em 1916, na ofensiva de Somme, que 49 Marks I ficaram prontos para serem usados em batalhas, graças à dedicação de homens que perseveraram contra a oposição ao novo. A falta de tripulação experiente e tanques ainda não experimentados em batalhas eram alegações alardeadas, mas o arame farpado fora rompido, e assim viram que ali estava uma nova arma, e, talvez, decisiva. Quatro dias após o batismo de fogo desses tanques, foram solicitados mil outros mais pesados e com melhor blindagem.

Desde o início, o objetivo principal do tanque seria ajudar o avanço da infantaria.

A CONJUNÇÃO GUERRA E GRELHA

O Sistema *Flash-buzz* era a maneira de detectar a localização da posição da artilharia inimiga por meio de cálculo da distância percorrida pelas ondas sonoras de um microfone. Era um sistema de localização precisa que funcionava em nevoeiros e noites e apesar da camuflagem da artilharia. Era "um equipamento

altamente sofisticado com resultados precisos e rápidos"[1], o equipamento era usado sobre mapas e diria onde estaria a artilharia alemã e onde haveria de cair o petardo. Este trabalho era chamado de contrabateria e talvez tenha sido a maior invenção secreta da Primeira Guerra, tanto que cada unidade na frente de batalha carregava dinamite e tinha ordens para explodi-la se estivesse em perigo de ser capturada. [...] o pré-requisito do método descrito era a disponibilidade de mapas precisos. Até antes da guerra, o nível de precisão dos mapas militares parecia infantil comparados aos mapas de 1918, o desenvolvimento da fotografia aérea e sua divulgação para os oficiais da linha de frente foram importantes, era notável a facilidade com que as informações poderiam ser reunidas com o advento da fotografia aérea.

Assim como o "*flash-buzz*, a grade de Bion é um instrumento utilizado como epistemologia psicanalítica - examina as afirmações da dupla no transcorrer da sessão, oferece posições para precisar afirmações verbais do paciente e parâmetros de aproximação à realidade psíquica, mostra como está a interação da dupla e, por fim, traz uma autoavaliação do trabalho para o analista. Embora na elaboração desse conceito surgiram elementos provenientes de distintos campos de saberes, desde geometria até noções de Locke, Kant, funções de ego de Freud, relação entre as posições de Klein, proponho que Bion possa ter se inspirado no sistema *flash buzz* para simplificar a comunicação entre psicanalistas, algo entre uma tabela periódica de química e um mapa militar, um dispositivo, ou tabuleiro de xadrez, um modo de apresentar, pela interseção de dois eixos uma representação visual de um conceito euclidiano que delimitam cotas, "momentos decisivos" que mudam caleidoscopicamente pela dinâmica da ação envolvida na sessão como ocorrem em campos de batalha.

Essas semelhanças impressionantes, a meu ver, pela prontidão com que se ajustam às categorias de utilização da grade, devem ter sugerido a Bion que seriam construções com uma particular relevância para a teoria em que pensava na época. Acredito que o *grid* teria em si a inspiração da complexidade deste sistema de inteligência britânico, uma forma de apreensão da realidade. As linhas verticais teriam a função de fornecer uma "visão ontogenética" do

1. A experiência dos Aliados, p. 27

desenvolvimento do aparelho de pensar, sendo uma descrição desde estímulos sensoriais primitivos até atingir as mais sofisticadas expressões do humano. Em 1962, Bion descreveu o *grid* como a natureza empírica e observacional. Tomo o *grid* como um instrumento de senso comum, que militares utilizaram em um sentido vetorialmente diferente de Bion, que usará de forma construtivamente clínica. É na grelha que encontraremos estruturado o pensamento de Bion, pois ela descreve a elucidação sobre o crescimento do pensamento, a tentativa de arrancar algo do caos.

A PRIMEIRA VÍTIMA

"Numa guerra a primeira vítima é a verdade", segundo Ésquilo; e a guerra seria um experimento em escala cósmica, segundo Ferenczi, que escreveu que "a guerra arrancou brutalmente a máscara do homem, mostrou-nos o homem em sua natureza profunda e verdadeira e, no fundo do homem, a criança, o selvagem, o primitivo. [...] A guerra simplesmente nos lançou de novo na era glacial ou, melhor, ela pôs nu as profundas marcas que esta imprimiu no universo psíquico da humanidade" (FERENCZI, 1992, pp. 249-250).

Em seu ensaio sobre a mentira, Wilde escreveu que "falsas retóricas árduas e irreais são encantáveis. Eles conseguem fazer a pior parecer a melhor causa [...]" (WILDE, 1992). Bion, certa vez ouviu um conhecido ditado popular nas trincheiras: "Tempo de guerra, mentiras por mar e terra". Em *Memórias do futuro*, seu autor trata desse fato deixando claro que as mentiras fazem com que o vínculo de uma mente com outra termine com a destruição de ambas. Bion também estivera em contato com falsas informações das autoridades sobre a real situação militar na frente, os erros do alto comando ou as formas de fugir da insuportável verdade. Suponho que um desses exemplos foi a pandemia da gripe entre soldados em maio de 1918. "Mais de 6 milhões de soldados morreram e essas mortes foram omitidas pelos ingleses. Os demais governos beligerantes censuraram as reportagens sobre a extensão e a gravidade do surto da gripe. Alguns relatos iniciais, mais precisos, vieram da neutra Espanha, levando a imprensa e as autoridades de saúde pública a chamarem de 'gripe espanhola'..." (SONDHAUS, 2014, pp. 400-401).

Mentir é um tópico intimamente ligado à verdade absoluta. Quando a verdade surge, não importa por quem foi dita, pode precisar de uma língua que a exprima, mas pode ser anônima, como uma guerra. Com frequência, não ouvimos a verdade porque ela é dita por alguém de quem não gostamos, a abertura sem preconceitos à verdade é difícil de alcançar. E a Primeira Guerra pôs o homem nu.

UM OUTRO *FRONT* É DESCOBERTO

Presente nas diversas batalhas da I Guerra, Bion hipoteticamente estaria preso em uma posição defensiva em Cambrai ou Ypres, quando percebeu ou concebeu a ideia e o termo "barreira de contato", teoricamente desenvolvido por ele.

Bion estaria familiarizado com o terreno onde marcadamente havia a separação entre as linhas inimigas ou, analogamente, a ideia da contiguidade consciente/inconsciente. O conjunto formado pela proliferação de elementos-alfa unidos entre si fazia com que os soldados permanecessem vigilantes ou adormecidos dentro das trincheiras, esta tênue linha entre acordado e adormecido era igualmente permeável em situações especiais. Mais tarde, no futuro, Bion pode ter considerado o desdobramento desse modelo em um segundo nível de articulação do observado *in loco*, que a passagem seletiva destes elementos do inconsciente para o consciente, e vice-versa, possibilitaria uma possível analogia com um *front* e a terra de ninguém. Talvez a observação *in loco* dos distúrbios de pensamentos dos inúmeros indivíduos apresentados nas batalhas, consistindo em imagens onde proliferavam as frases desconectadas, como que sonhando acordado ou alucinando, fizeram Bion elaborar essa experiência. Verificou de modo ampliado as possibilidades do conhecimento objetivo do real, implicou o processo de representação subjetiva da realidade expressa em uma estrutura metafórica. Os sinais de confusão observados levaram Bion a associá-los inicialmente ao uso de identificação projetiva, mais tarde, pode ter sido influenciado por Freud, ao pensar a consciência como o "órgão sensorial para a percepção dos atributos psíquicos"; isso não foi satisfatório, passou a pensar transferencialmente em seus casos clínicos e pôde realizar este material produzido como um vínculo

entre o analista e o paciente. Daí em diante passou a tratar esse material como nos moldes de "Ataques ao vínculo", no qual a contraparte psicótica é pensada como algo tendente a destruir qualquer função de união.

A barreira de contato era outro *front*, interno, da experiência emocional em curso, momento em que a guerra de atrito pode ter sido o modelo que mais tarde Bion utilizou para transformar as impressões sensoriais das experiências emocionais. Os elementos alfa se agrupariam como soldados em uma posição à medida que se alinhariam, este ponto marcaria o ponto de contiguidade como uma cabeça de ponte de alguma batalha.

A tela beta, concebida por Bion, seria outra ideia herdada das experiências militares, uma grande quantidade de restos compactados de elementos beta, fruto de uma não integração que causaria algum desenvolvimento imperfeito da memória e a repressão. Os elementos beta assim constituídos provocariam uma saturação e a necessidade de serem evacuados, assim como um campo onde haveria feridos e mortos incapazes de uma efetiva ação militar, ou que não cumpririam o papel de memória seletiva. Em clínica, a tela beta está associada a estados confusionais, a estados oníricos... Com o avanço da guerra, menos visitas dos oficiais superiores ocorriam à frente, a miscelânea de odores nauseabundos de dejetos, mortos em decomposição, cal, cordite, os espantaram.

Na Alte Pinakotek de Munique existe uma tela datada de 1529, do artista Albrecht Altdorfer, que descreve uma famosa batalha entre Alexandre e Dario. O pintor descreve a cena dessa batalha, vista do alto, como um pássaro a veria em pleno voo. Ele pintou reflexos nas armaduras, bandeiras, cavalos, lanceiros, as montanhas ao fundo e também a curvatura da Terra. Olho humano algum, segundo Ginzburg, "jamais conseguirá focalizar ao mesmo tempo, como fez Altdorfer, a especificidade histórica (verdadeira ou suposta) de uma batalha..." (2007, p. 267).

As batalhas ficam invisíveis dentro das guerras, não só pela censura militar como também pela complexidade dos milhares de fatos, apenas uma tela ou uma imaginação visionária de um pintor pode comunicá-las por completo. Logo, parece-me legítimo estender essa conclusão para a ideia transmitida por Bion com seu olhar de um ex combatente.

VISÃO BION-OCULAR

Poderíamos também associar o conceito de visão binocular às expressões bionianas que decorreram da sua vivência militar?

Esta expressão, visão binocular, decorre do instrumento óptico concebido em 1608, quando juntou-se dois tubos telescópicos para observar objetos a grandes distâncias, buscando assim uma imagem mais nítida. No século XVII, um padre alemão uniu duas lunetas, o que chamou de binocular ou binóculo. Como é utilizada a visão dos dois olhos simultaneamente, ao olhar-se por um binóculo tem-se uma percepção da profundidade da cena, ou seja, visão tridimensional: pode-se notar largura, altura e profundidade quando lunetas e telescópios não têm essa capacidade.

Este instrumento adequado para visualização terrestre ou marítima foi utilizado rotineiramente pelos oficias para obter dados sobre movimentação de tropas ou atividades inimigas, largamente usado na Primeira Guerra.

Visão binocular é um conceito criado por Bion, e trazido à psicanálise, com o fim de desenvolver nos pacientes a capacidade de confrontar e relacionar distintos vértices de observação e, assim, capacitá-los a ver de um ponto ao outro alterando distâncias, como faz um binóculo, examina de um ponto acerca do que sucederia em outro ponto, em uma dada experiência emocional. Da mesma maneira que um binóculo permite examinar uma cena distante, Bion utiliza a nossa possibilidade para examinar as múltiplas facetas do indivíduo para uma tomada de contato, tanto do paciente como do analista, com as diversas partes de sua personalidade, de modo que haja amplo campo de visão.

"Um modelo é uma analogia concreta de uma relação que tentamos descrever. Deste modo, cria uma imagem viva e pode ser facilmente compreendido", escreveu Symington (1999, pp. 109-110). A focagem diferencial da atividade do paciente em determinado momento lembra a descrição de Bion da visão binocular psíquica produzida pela barreira de contato de elementos alfa, que permite a intervenção simultânea de elementos inconscientes e conscientes que dariam à imagem profundidade e ressonância no pensamento. Esse fato deve ter sido elaborado pelo autor partindo da dicotomia consciente/inconsciente como forma de observar o objeto psicanalítico. O modo que se usa para criar a tridimensionalidade proporcionada pelo uso dos dois olhos em

conjunto seria o momento do *insight* que ocorre na conjunção da realidade interior e a exterior, ou quando as duas imagens provenientes das duas retinas são conjugadas, dando nitidez e profundidade à imagem final observada.

NO DIA EM QUE OS VÍNCULOS FORAM ATACADOS...

"Faces dos antigos espectros pairam sobre a batalha..." Uma vez mais, em sua viagem em torno do sol, o mundo alcançou as mesmas paragens que ocupara na Batalha de Amiens (8/8/1918). Segundo Ludendorff, ela assinalou um dia negro para o exército alemão. Os espectros vindos da batalha nos visitam outra vez... (BION, p. 379).

O Sistema de Armas foi um método preconizado por um estrategista-[2]como uma combinação equilibrada de infantaria, artilharia, veículos blindados e aviação para derrotar uma linha de defesa fixa e estilos de combate de resistências menos estruturados. Hipoteticamente, associo o Sistema de Armas com o conceito bioniano de ataques aos vínculos.

O ataque ao processo de pensar destruiria a capacidade de conhecer a realidade interna e a externa, e uma eficiente forma de isso acontecer seria atacar qualquer função que ligue ideogramas pré-verbais e seu posterior desenvolvimento que conduziria ao pensamento verbal. Isso nos mostraria que guerra e psicanálise compõem um universo multiverso.

Como descrito, o contato com uma batalha não é uma experiência emocional que apresenta características precisas, é muito diferente de todos os demais contatos que podem ocorrer com o frágil ser humano. Improvisos ocorrem entre fragmentos hostis e pedaços de ódio, sentimentos que surgem da perseguição a respeito de impressões sensoriais, de bombardeios e morte. Todas essas impressões são indicativas de ter de entrar em um estado mental apropriado, longe de estilhaços, estalos e pedaços...

Na metade da existência da psicanálise, Bion trouxe para ela novo arsenal de conceitos psicanalíticos, como o descrito acima. Essa nova arma a fez avançar, como o tanque na Primeira Guerra. Bion percebeu claramente que entre analista e paciente constitui-se um *front* emocional intersubjetivo

2. Gary Sheffield.

e intrapsíquico no qual existe uma topografia de trincheiras e resistências que o trabalho analítico deve ultrapassar. Concebeu a psicanálise como uma aventura com duas mentes em que está incluída a possibilidade de uma nova história pessoal. Não há mais a possibilidade de estar neutro. Haverá o constante e inevitável envolvimento do psicanalista no front da relação, *a two-way affair*. Segundo Bion, o importante "é aquilo que nós, analistas e analisandos, ainda não vimos" (BION, 1978).

Azevedo cita que "Bion descreve a tarefa do analista como sendo semelhante a de um oficial no campo de batalha: este precisa manter sua mente em condições para pensar no meio da tempestade emocional. Isto, diz Bion, só pode ser esperado de alguém que se tornou *feeling person*, alguém sensível, capaz de partilhar a experiência emocional mesmo quando esta se caracteriza por uma tempestade mantendo-se em condições para pensar" (BION, Ano da edição, p. 31).

O *TANK* E A TERRA DE NINGUÉM

O nome *tank* foi empregado pelo serviço de inteligência britânico para proteger a nova arma da espionagem alemã. *Tank* significa reservatório ou similar que contenha, reúna e proteja determinado material. O tanque tornou-se uma nova arma, para atravessar os vários tipos de terrenos e avançar por entre o fogo de barragem.

Os tanques Mark I montavam uma metralhadora e um canhão de seis libras, uma forma romboide, forma losangular, pesava 28 toneladas, 2,40 m de altura e 8,10 m de comprimento, com velocidade máxima de 5 km/h. Comportava uma tripulação de oito homens, um comandante, motorista, dois condutores e quatro artilheiros numa temperatura poluída e abafada. Independentemente de ser uma inovação, impunha enorme esforço à tripulação. O uso do Mark I em combate despertou opiniões contraditórias no exército inglês, da dúvida ao sarcasmo. Na primeira ação dos tanques, foram utilizados 49 tanques, e causaram surpresa. Deles, só 32 penetraram 1600 metros nas linhas inimigas. De início não foram convincentes, mas com a destruição causada por dois tanques usados simultaneamente como arma pivotante, foram efetivamente adotados como armas. Na guerra dos tanques, o ápice da tormenta

moral foi alcançado nos pantanais e lodaçais da primavera, onde esses monstros chapinhavam presos e indefesos, foi a época de aturdimento para os entusiastas tanquistas.

Heinz Guderian, o gênio do uso dos tanques, mais tarde diria:-

"As divisões de tanques devem agir apenas quando não houver obstáculos que excedam a capacidade de suas máquinas; caso contrário, o ataque dos carros blindados será um fracasso" (MARIX, 2014, p. 40). Assim, foram introduzidos melhoramentos e aperfeiçoamentos para o uso dessa arma.

Do ponto de vista humano, o Corpo de Tanques, criado em 1917, progrediu. Foi na Batalha de Cambrai, aplicou-se pela primeira vez a técnica de lançamento de tanques em massa, 476 tanques contra os inimigos, foi uma surpresa total, em poucas horas renderam mais de 4000 soldados inimigos, 10 km de território conquistado e 100 canhões foram capturados.

Para o militar, "terra de ninguém" seria um vastíssimo espaço, sem limites espaciais e temporais, nunca são definidos, pois nesse local todos os acontecimentos são concomitantes e o tempo pode ser considerado distância. O espaço mental teria tal extensão.Quando Bion intuiu a mudança radical na atitude de um analista trabalhando afastado da memória e na abstenção de desejo para com isso realizar uma interação entre continente/contido, ele poderia ter concebido o único meio possível de uma travessia pela "terra de ninguém", o *tank*...

Talvez, para Bion, a associação com o termo *tank* não foi por acaso, teria para ele uma maior ressonância, pois articularia entre si um sistema que representasse uma realização até então desconhecida e ele precisava um modo de representação que indubitavelmente considerasse forte e eficiente para estabelecer ligações psíquicas com os objetos reais da clínica. Definiu um objeto móvel e definiu o continente onde este objeto é projetado, e contido. Tanto o continente, terra de ninguém, como o contido, *tank*, são unidos e seriam interpenetrados. Se forem separados perdem a sua função, vitalidade, e se tornam inanimados.

Mais tarde lendo Jacobus, vi que algumas dessas ideias seriam estendidas por ela em *Palinurus and the Thank: Bions War*.

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA MADRE CRISTINA

> "O homem ainda traz em sua estrutura física a marca indelével de sua origem primitiva."[3]

Estudando Bion identificamos outros conceitos, originários da biologia, como por exemplo, vínculos parasitários, simbióticos ou comensais. A ideia de associar enunciados a respeito de situações militares, como esses conceitos bionianos, não seria tão original, Charles Darwin também usou imagens e vocabulários bélicos para articular conceitos naturais e biológicos em *A origem das espécies* (1859) e *A descendência do Homem* (1871). Depois disso, os conceitos básicos do darwinismo, tais como sobrevivência do mais apto e a luta pela existência, irão propiciar alicerce "científico" para ideologias e, de forma geral, será esteio para unidades de grandes causas, até ao nacionalismo. Esse pensamento afetou intelectuais europeus de uma ponta à outra do espectro ideológico. "Na verdade o que alguns acadêmicos rotularam de 'militarismo' e tentaram generalizar em termos sociais, econômicos e políticos originou-se nas décadas anteriores de 1914, como uma manifestação distinta do darwinismo" (SONDHAUS, 2014, p. 42).

No pensamento de Bion inscreve-se o conceito de "pensamento sem pensador", de difícil assimilação[4], quando afirmou que existem pensamentos errantes em busca de quem queira alojá-los. Alguns autores recentes entendem que o "pensamento sem pensador" ganha melhor entendimento à luz do conceito de *zeitgeist*, ou "o espírito da época", que abriga ideias latentes até que alguém seja capaz de formulá-las, como ocorreu com Darwin e Bion, cujas descobertas foram feitas simultaneamente por autores que nem se conheciam. O "pensamento sem pensador" continua sendo matéria de muitas reflexões.

Tendo a pensar esses conceitos como descobertas que procedem de uma área da mente não obstruída por memórias, desejos, juízos e julgamentos desde a Primeira Guerra Mundial. O corolário das concepções evolutivas da vida, como a teoria da seleção natural de Darwin ou a teoria de Bion, seguiu-se a uma série de debates anteriores, e esteve calcado em ideias que estavam "pairando" sobre o mundo ocidental em virtude daqueles grandes volumes de dados sobre espécies de seres vivos ou sobre

---

3. Darwin.
4. Exposto na 4ª Conferência de New York, em 1977 (1992, p.131).

uma guerra. Ademais, como ocorreu com a psicologia, a biologia evolutiva sofreu o impacto de obras como as de Descartes, Locke, Hume etc., até que um naturalista como Darwin pudesse estabelecer uma teoria que desse conta das leis pelas quais os organismos e as espécies interagem com a natureza, modificando-se ao longo do tempo.

Lendo Bion, encontraremos pontos da teoria de Darwin?

Indiretamente, sim, essa teoria perpassa e é mencionada pelo autor em vários pontos distintos, quando, por exemplo, menciona que as interpretações não poderiam ser confundidas com a teorização, esta não deve ser uma atividade do analista enquanto está analisando, ela é como Darwin assinalou, "hostil à observação", ou quando Bion faz uma longa distinção entre memória e evolução em notas sobre *Memória* e *desejo*,(2000, p. 396) o ponto de vista darwiniano sobre o assunto, ao explicar para os debatedores desse encontro que o julgamento seria inimigo da observação, segundo o cientista. Bion explicitou que um psicanalista tem que formular julgamentos simultaneamente às observações feitas. Bion havia feito uma distinção entre evolução e memória, acreditava que essa distinção responderia parte das objeções que lhe faziam. Percebeu Bion que seria útil se pudesse distinguir dois fenômenos diferentes, ambos chamados usualmente de memória; fez a distinção, referindo-se a um deles como "evolução", termo pelo qual designou a experiência em que alguma ideia ou impressão pictórica aparece como um todo na mente, sem ser convidada. "Gostaria de distinguir essa experiência das ideias que se apresentam respondendo a uma tentativa deliberada e consciente de recordá-la; para estas últimas eu reservo o termo "memória". (Cogitações, p. 396)

Na base da teoria de Darwin, como também na de Bion, está a luta pela vida, e somente os mais aptos, os fortes, conseguem sobreviver, como aconteceu no conflito de 1914-1918.

MUDANÇA CATASTRÓFICA OU O ARMISTÍCIO

Com o conceito de mudança catastrófica, cunhado por Bion, encerro este artigo. Cogito que tenha surgido na décima primeira hora do décimo primeiro dia do décimo mês de 1918 quando "as tropas inglesas não ficaram muito emocionadas, ouviram-se alguns gritos de alegria, cumprimentos solenes e tapa nas costas, mas em geral os soldados receberam a notícia do grande acontecimento com calma. Os sinos das igrejas tocaram sem cessar saudando o fim da guerra" (EVANS, 2014, p. 204). Com essa alusão,

considerei a importância do final do conflito, o armistício, um exemplo de mudança catastrófica que, com hora marcada, entrou em vigor às 11h de 11 de novembro de 1918.

A etimologia de catástrofe decorre de dois étimos gregos, *katá+strofein* ou abaixo de + revolta, calamidade, evento.

Bion poderia ter usado essa expressão por tê-la vivido, nesse dia e hora. Sabe-se que a palavra *catastrophy*, em inglês, significava uma evolução, uma mudança de um estado para outro, decorrente de *estrofe*, quando o coro grego anunciava a próxima cena teatral dentro de um drama.

Bion emprega essa terminologia como uma mudança nos pacientes submetidos à análise, quando intenso sofrimento ocorre tanto no paciente como no analista, sob a forma de um estado confusional ou depressivo, vivências paranoides com o analista ou somatizações. O autor deixa claro que, apesar do descrito acima, não significaria uma piora da clínica desse indivíduo, porém pode advir de mudanças importantes, por exemplo, a passagem de um estado mental natural de uma posição esquizoparanoide para uma posição depressiva. Na maioria das vezes frisa-se que a expressão designa o fato de que está acontecendo uma mudança importante ou prenúncio de um crescimento. "A questão é como cada um de nós vai conseguir exorcizar as mudanças catastróficas indescritíveis que a guerra nos reserva, tornando-as descritíveis através de uma forma artística. Uma ajuda palpável seria conseguirmos sonhar as catástrofes em vez de admiti-las como pesadelos" (JUNQUEIRA, 2015, p. 61).

O primeiro artigo publicado por Bion tinha por título "Guerra dos nervos" (1940), desde então o *front* parece ter sido seu habitat, segundo Giovannetti (1996, p. 264), e " no front não há tempo e nem história: não são eles todos iguais na medida em que situam cada homem no limite de seu próprio tempo, radical possibilidade que são da transformação do corpo vivo em cadáver?". A experiência limite de um homem no *front* muitas vezes é rememorada em nosso dia a dia, em nosso consultório, aparentemente controlado. Bion trouxe o *front* para a psicanálise conhecê-lo "para Bion não é o parâmetro da falta incidente o problema do humano mas sim o excesso, a causa da desorganização que provém da carga excessiva, do ar carregado, que provem da atmosfera irrespirável impregnada de dores da terra de ninguém para o consultório." (GIOVANNETTI, 1996, p. 264)

Essas visões, muito particulares e incompletas, não perturbam a tradição e tampouco modificam a maneira de admirar Bion, que nos apresentou o insólito, deixou muita coisa escrita com o "prazeroso terror de não ser entendido". Não é sem razão

que seus escritos renovam leitores, também não seria sem razão que Bion foi buscar para continentes inexplorados da mente conceitos variados e outros ferramentais.

A Primeira Guerra, deflagrada em 1914, não só provocou mudanças sem precedentes na História, como também redesenhou o mapa da Europa e a própria Psicanálise. As consequências dessa guerra foram além de alterações políticas e militares, transformaram atitudes sociais, e, depois de Bion, a Psicanálise também nunca foi a mesma; Bion foi um autor que produziu mudanças e as implantou na Psicanálise, ainda assim, ele não é tão estudado como precisa ser, talvez pela difícil textura de seus escritos, surpreendentes parágrafos e sobretudo pela complexidade de suas ideias que exigem disponibilidade do leitor. Acredito que as experiências de Bion na guerra foram "manifestadamente formativas da compreensão psicológica de si mesmo e da natureza humana, que precisamos voltar a elas e retomá-las mais pormenorizadamente" (SYMINGTON, 1999, p 36).

Bion deixou à Psicanalise um legado, pois, com muito tato, fez a dessensibilização da brutalidade, desumanidade e carnificina, e a trouxe para pensarmos, talvez daí advenha seu artigo *Making the best of a bad job*, pois "na guerra o objetivo do inimigo é aterrorizar você para impedi-lo de pensar claramente, enquanto seu objetivo é continuar a pensar com clareza apesar da situação ser adversa ou amedrontadora, porque isto é uma vantagem para você" (BION, 1979, p. 476). E assim foi que Bion fez a tempestade emocional da Primeira Guerra ser olhada por outro vértice, ou: "a minha teoria é uma espécie de sumário de minha experiência".

Bion or thanks to the tanks

ABSTRACT: *This article considers that some of Bion's theoretical concepts could have been originated from the author's military life. Concepts such as the grid, attacks on linking, binocular vision, catastrophic change and others could be associated with facts from the First World War.*

KEYWORDS: *Bion, First World War, Darwin, Tank, Flash buzz.*

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, K. *Clinical papers and essays on psycho-analysis , el psicoanálisis y las neuroses de guerra* 1918, p.57 editado por Hogarth Press - London

BION W.R. *The war of nerves: Civilian reaction, morale and prophylax.* Referência. In: MILLER, E., **The Neuroses in War**. Nova York: Macmillan Cia., 1943, p. 180-200

_____Como tornar proveitoso um mau negócio. In: *Revista Brasileira de Psicanálise.*, v.13, n. 4, 1979, p.467-78

_____ *Transformações: Do aprendizado ao crescimento.*(Trad. Paulo Cesar Sandler). 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 2004

DARWIN, C. *A origem das espécies.* (Trad. John Green). São Paulo: Martim Claret,. 2004.

_____.*A expressão das emoções nos homens e animais.* (Introdução de Konrad Lorenz; Tradução de Leon de Souza Lobo Garcia). LOCAL, EDT, Ano???.

EVANS, M. *História da Primeira Guerra Mundial - Vitória na Frente Ocidental.* (Trad. Marisa Motta).São Paulo: M. Books do Brasil, 2014

ORGILL, D. *The tank.* Londres: Heinemann, 1970.

FERENCZI, S. *A era glacial dos perigos.* Psicanálise, 2. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 249-250.

FERENCZI, S. *Dois tipos de neurose de guerra: histeria.* In: Psicanálise, 2. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 259-273.

FREUD, S. *Introdução à psicanálise e as neuroses de guerra.* In: História de uma neurose infantil e outros trabalhos. Rio de Janeiro : Imago, 1976. p. 259-270. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 17)

FULLER, J.F.C. *Memoirs of an unconventional soldier.* Londres: Nicholson and Watson Redhill, 1978

_____. *Tanks in the Great War.* Londres: Murray, ANO.

GINZBURG, C. O fio e os rastros: Verdadeiro, falso, fictício.(Trads. Rosa Freire de Aguiar e Eduardo Brandão). São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

REMARQUE, E. M. *Nada de novo no front oriental.* Porto Alegre: LP&M, 2004

FRANÇA, M.O (org.) *Ressonâncias - Bion em São Paulo,* SBPSP 1996

JACOBUS, M. *The poetics of psychoanalysis*: In the wake of Klein. Londres: Oxford University Press, 2005.

JUNQUEIRA, L. C. O vazio e a negatividade como fatores na "Mudança Catastrófica" de Bion. In: *Revista Brasileira de Psicanálise.*, v.46, n.2, 2012.

JUNQUEIRA, L. C. BION,W. *War's Memoirs, Diary* tradução, Cópia fornecida.

_____. "O estranho encontro" entre o fantasma de Wilfred Bion e a alma de Wilfred Owen. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.49-2., 2015, p.49

Mac MILAN, M. *A Primeira Guerra Mundial.* (Trad. Glauber Vieira) 1.ed. São Paulo: Globo Livros, 2014.

SANDLER, P.C. Um desenvolvimento e aplicação clínica do instrumento de Bion, o *grid*. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.33, n.1, 1999.

SONDHAUS, L. *A Primeira Guerra Mundial.* História Completa. (Trad. Roberto Cataldo). 1.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SYMINGTON, J. & N. *O pensamento clínico de Wilfred Bion.* (Trad. Dália Dantas, G.C.). 1.ed. Lisboa: Gráfica de Coimbra, 1999.

RESENDE, A. O. *O pensamento de Bion: um universo em expansão.* Rev. Bras. Psicanal, v.26,3, p. 273-84, 1992.

VISENTINI, P. F. **A primeira Guerra Mundial e o declínio da Europa.** Rio de Janeiro: Alta Books, 2014.

WILDE, O. *A Decadência da Mentira e outros ensaios.* (Trad. João do Rio. Preparação do texto Artur Nestrovski). Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Orlando Hardt Jr.
São José dos Campos
Av. São João, 660
Cep 12 242 000
Tel. 12 39227931

Artigo

"E se eu fosse você?": Breve visita ao conceito de identificação projetiva

ANA KARINA FACHINI ARAUJO

ELISA MARIA ULHÔA CINTRA

RESUMO: A partir do estudo sobre identificação projetiva, fruto de minha pesquisa de doutorado, surgiu a ideia de escrever este artigo com o objetivo de apresentar o desenvolvimento do conceito na obra de Melanie Klein e seu uso na clínica. Realizei uma breve revisão da literatura sobre a temática na obra da referida autora e, posteriormente, articulei-o à clínica. Sendo assim, este artigo apresenta o desenvolvimento e uso formal que de Melanie Klein sobre a identificação projetiva e sua presença na situação clínica como uma ferramenta de trabalho para que o analista possa compreender o que o paciente lhe comunica, muitas vezes, sem palavras.

PALAVRAS-CHAVE: Identificação projetiva; Mecanismo de defesa; Empatia; Comunicação; Clínica.

Psicanalista, membro do Departamento do Formação em Psicanálise, professora do curso de psicologia das Faculdades Metropolitanas Unidas

Psicanalista, professora da faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. wAutora de *Melanie Klein: estilo e pensamento*, em co-autoria com L.C. Figueiredo.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto da pesquisa de doutorado que parte da importância do conceito de identificação projetiva[1] na construção do campo relacional que se estabelece entre analista e paciente.

É nesse campo que se desenvolvem as trocas transferenciais e contratransferenciais entre paciente e analista. Interessei-me em estudar o que acontece nessas trocas emocionais e de que maneira elas acontecem e, então, me deparei com a importância da identificação projetiva.

Portanto, me propus a escrever esse artigo apresentando o desenvolvimento e uso do conceito em Melanie Klein e sua presença na clínica como ferramenta para que o analista possa compreender o que se passa no mundo interno do paciente.

SOBRE A IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA

Em meu cotidiano clínico é bastante comum acompanhar relatos de pacientes adolescentes e jovens adultos que tendem a buscar justificativas ou causas para suas angústias, colocando-as no outro, seja uma pessoa ou uma situação desfavorável. "A culpa das brigas que tenho com meu noivo é dele, é ele quem está ansioso com a proximidade do casamento e com o fato de sair da casa dos pais..."; "não fui bem no vestibular porque o ar-condicionado estava muito gelado"; "foi minha namorada quem me atacou primeiro, eu só reagi, escolhendo o que mais doía nela para responder...". Essas falas exemplificam muito bem o que Melanie Klein (1946/1991a) denomina de cisão e projeção - trata-se de mecanismos de defesa que tendemos a acionar em muitos momentos da vida, quando as angústias se tornam intensas e não conseguimos lidar com elas. Esses mecanismos são expulsivos e de desresponsabilização, correspondem ao desejo de livrar-se da culpa e do desejo de repassar a responsabilidade à outra pessoa, corresponde, ao desejo de livrar-se de algo que causa incômodo e alienar-se.

1. Conceito já discutido na monografia "Um estudo sobre as relações entre identificação projetiva e contratransferência e suas implicações na clínica", orientada por Maria Luiza Scrosoppi Persicano e apresentada ao Departamento de Formação em Psicanálise em março de 2015.

Freud (1905[1901]/1996) ao atender Dora, dá-se conta de que ela atribuía sempre aos outros a origem de seus problemas. Uma das interpretações básicas de Freud foi perguntar, à paciente em questão, como ela se implicava na trama daqueles acontecimentos que vivia, a perceber, *a posteriori*, que isto a enfureceu.

Considerando que nossas características pessoais têm suas raízes em nosso desenvolvimento mais arcaico, ou seja, o adulto que somos hoje é reflexo da criança que fomos ontem, é importante retomarmos aqui como Klein nos apresentou esses processos em sua obra.

Ambos os mecanismos - a cisão e a projeção - se fazem presentes na posição esquizo-paranóide, dominante nos primeiros 3-4 meses de vida, quando o ego frágil da criança os utiliza contra as angústias persecutórias: a cisão, divisão dos impulsos e objetos; e a projeção, capacidade de atribuir ao outro os próprios sentimentos, que podem ser de amor ou ódio. Isto torna este outro um objeto bom quando identificado com as emoções amorosas, ou perigoso quando identificado com os sentimentos de ódio. O mecanismo de cisão visa proteger o objeto bom e expulsa as partes más que não tolera, pois são ameaçadores e exigem realizar algum trabalho psíquico.

Retomando os exemplos acima: temos uma jovem mulher que não está conseguindo reconhecer os próprios temores frente a um grande acontecimento em sua vida, o casamento, e acaba fazendo de seu noivo o fiel depositário dessa sua angústia. No outro exemplo, impossibilitada de assumir sua responsabilidade diante de situações de avaliação acadêmica, a adolescente buscava no ambiente a razão de seu insucesso, o que a impedia de tratar esse aspecto como seu e, assim, transformá-lo. Já o jovem adulto atribuía a agressividade à namorada, colocando-se apenas como um bom rapaz que ataca para se defender, não assumindo sua própria beligerância. Temos nos três casos o movimento onde os aspectos causadores de dor e angústia foram separados do sujeito e colocados no objeto, aliviando seu sofrimento. Isto acontece com frequência quando o bebê, em razão de seu ego frágil e intolerante à frustração e à angústia, faz uso desses mesmos mecanismos para se aliviar e proteger-se.

Essas percepções me levaram ao texto de Klein, publicado em 1959, intitulado: "Nosso mundo adulto e suas raízes na infância". Para a autora, nosso funcionamento psíquico tem suas raízes nos primeiros anos de vida e nas

primeiras relações objetais; sendo assim, "a exploração do desenvolvimento do indivíduo remete o psicanalista, através de estágios graduais, à infância" (1959/1991b, p.281).

E ainda considera que:

> Tanto a capacidade de amar quanto o sentimento de perseguição têm raízes profundas nos processos mentais mais arcaicos do bebê. Eles são focalizados primeiramente na mãe. Os impulsos destrutivos e seus correlatos - tais como o ressentimento devido à frustração, o ódio provocado por ela, a incapacidade de reconciliar-se e a inveja do objeto todo poderoso, a mãe, despertam ansiedade persecutória no bebê. *Mutatis mutandis*, essas emoções ainda operam mais tarde na vida: impulsos destrutivos dirigidos a qualquer pessoa estão sempre fadados a dar origem ao sentimento que essa pessoa também se tornará hostil e retaliadora (op. cit., p. 283).

Sendo assim, é possível pensar que os três pacientes, acima mencionados, continuam lançando mão da identificação projetiva como mecanismo de defesa para se protegerem de angústias e hostilidades, sentidas como intensas e perturbadoras.

Klein (1946/1991a) continua sua teoria afirmando que tanto a projeção quanto a cisão estão relacionadas à identificação projetiva. Ou seja: trata-se de projeções do ódio e partes do *self* dirigidas à mãe - "para dentro da mãe" - com a finalidade de controle, sendo assim um tipo de identificação que estabelece o protótipo de uma relação de objeto agressiva.

Quando a cisão e a identificação projetiva acontecem em excesso, provocam o empobrecimento do ego, pois os aspectos cindidos, ligados à agressividade, precisariam ser integrados ao ego. São dimensões de força, poder, potência e conhecimento que estão associadas à agressividade e ficam assim dissociadas do eu. Do ponto de vista do bebê, ele quer jogar essa agressividade fora, mas uma parte dela precisa ser revertida, sublimada como força para o impulso epistemofílico, no sentido do conhecimento e da criatividade (KLEIN, 1952/1982).

Assim, o ego enfraquecido se sente governado pelos objetos internos[2] e não consegue assimilá-los e nem consegue tomar de volta para si seus objetos projetados para o mundo externo. Para Klein (1946/1991a, p. 30): "Essas várias perturbações entre projeção e introjeção, e que implicam uma cisão excessiva do ego, exercem um efeito prejudicial sobre a relação com o mundo interno e externo, e parecem estar na raiz de algumas formas da esquizofrenia." Isso porque, apesar da cisão ser um mecanismo de defesa primário eficaz para dispersar angústia causada pelo medo da aniquilação das forças destrutivas internas, ela também provoca uma desconexão entre o amor e o ódio. E ainda "falha, num outro sentido, porque resulta num sentimento muito semelhante à morte - pois é a isso que equivalem a desintegração e o sentimento de caos que acompanham a cisão" (1955/1991c, p.173). Isto é, há uma desvitalização ou anestesia pela falta de confiança no bom objeto, a mãe, uma vez que é perdido o contato com os sentimentos. O fio que liga aos sentimentos foi cortado, em razão do desejo de livrar-se da agressividade, do desejo de colocá-la no outro e ficar na posição de vítima. A identificação projetiva leva a um estado mais passivo, e a iniciativa, a força fica atribuída ao outro.

Em seu texto "Notas sobre alguns mecanismos esquizoides", de 1946, Klein apresenta pela primeira vez o conceito de identificação projetiva, definindo-o como: "Um nome genérico para um número de processos distintos ligados à cisão e à projeção." (KLEIN,1946/1991a, p.18) Para a autora, a principal defesa contra a angústia[3] na posição esquizoparanóide, é a identificação projetiva, também responsável pela construção das relações de objeto que se dão nessa posição.

Já no texto de 1955, "Sobre a identificação", Klein amplia o que

2. As articulações entre forças e objetos podem ser explicadas da seguinte maneira: aquilo que agride em mim, o impulso agressivo personaliza-se, transforma-se em uma cena. É isto que chamamos de 'objeto interno'. Objeto fonte da pulsão.
3. Neste trabalho optei, com base em Cintra (2006) e Persicano (2004,2013), pelo uso do termo angústia e não ansiedade. Ansiedade está relacionada à vivência do sofrimento psíquico causada por um sofrimento interno. Já angústia indica um aspecto mais geral que abrange não só o componente psíquico, mas manifestações somáticas decorrentes dos estados de tensão e causadoras de sofrimento humano. Por esta razão, apenas nas citações literais o termo ansiedade não será alterado.

introduziu no texto de 1946, quando apresenta as mudanças na identidade do sujeito provocadas pela "intrusão" no objeto, realizadas através da identificação projetiva. Ou seja, o "sujeito toma posse e adquire a identidade do objeto" (KLEIN, 1955/1991c, p.169). Isto poderia ser um interessante dispositivo de apropriar-se de qualidades do outro, mas pode levar a um estado de alienação.

1.1 VISITANDO O ASPECTO CLÍNICO DA IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA

Ainda no texto de 1955, Klein analisa um romance de Julien Green intitulado *E se eu fosse você*, em que um jovem funcionário, Fabian, está infeliz consigo mesmo no que diz respeito a seu corpo, ao sucesso com as mulheres, à penúria e à sua situação de trabalho. Atribui à sua mãe suas crenças religiosas, as quais tem dificuldade em suportar. Seu pai morrera quando ainda estava no colégio e desperdiçara todo o dinheiro da família com jogos e mulheres. Ele guarda grande ressentimento desse pai, pois o privara de dar continuidade aos seus estudos e, consequentemente, conseguir uma vida melhor. O referido ressentimento parece estar na base da inveja e do ódio que sentia das pessoas que tinham mais do que ele e por seu desejo insaciável por riqueza.

Como saída para essa situação, Fabian faz um pacto com o diabo. Este lhe atribui o poder de se transformar nas pessoas cujos atributos inveja; para isso, deve sussurrar no ouvido delas uma fórmula mágica. A primeira delas é um garçom que se recusa a trocar de identidade com Fabian. Em seguida, inveja enormemente seu patrão, chamado Poujars, por sua posição social e riqueza. Fabian se sente humilhado por ele e aprisionado em seu escritório. Antes de sussurrar a fórmula em seu ouvido, o trata da mesma maneira arrogante que era tratado por ele. Já no corpo de Poujars faz um cheque polpudo em seu nome, deixando em seu bolso o endereço da casa em que morava com a mãe para que fosse cuidado por ela.

Saindo de seu corpo desinteressante e estando no corpo de Fabian-Poujars, logo percebe as desvantagens da transformação ao descobrir o problema de saúde de Poujars e da proporção avantajada de seu corpo. Então, no corpo de seu patrão, percebe que havia se afastado de seu *self* e que pouco se lembrava dele. Decide sair dessa pele em que se colocara. Percebe que a nova personalidade não o agradava e que a falta de vontade e iniciativa, vindas de

seu patrão, não eram condizentes com sua idade. Assim, decide tomar posse de uma pessoa mais jovem, logo encontra um rapaz num café que chama sua atenção; aproxima-se dele e o distrai com um maço de dinheiro enquanto sussurra a fórmula em seu ouvido.

Ao se transformar no jovem, perde um pouco mais do seu *self* original. E assim, descontente com o jovem, procura outra pessoa para se transformar. Nota que o nome Fabian já estava distante de si. Assim, se o intuito original era adquirir traços, talentos e capacidades que admirava nos outros, vai se dando conta de que há sempre perdas nestas trocas, perdas estas que ele não tinha contabilizado quando fez o pacto com o diabo. Não consegue sempre sair ganhando nestas invasões dos outros, ao contrário, vai se diluindo e se perdendo de si mesmo. Assim mesmo continua seu trajeto e vai então para uma biblioteca. Lá, entra na personalidade de Fruges e recupera sua capacidade de pensar. Nesta transformação, a natureza original da personalidade de Fabian aparece especialmente em seu aspecto pesquisador/interrogador, que faz com que Fabian-Fruges descubra mais sobre a personalidade do próprio Fruges. Esta descoberta não o agrada, fica enjoado e decide livrar-se de Fruges, "a quem agora é capaz de julgar, até certo ponto, com os olhos de Fabian" (KLEIN, 1955/1991c, p.177).

Depois, encontra um garoto de seis anos de idade com faces coradas que sinalizam para Fabian-Fruges a inocência. A criança o remete a si na mesma idade, o que lhe desperta ternura; sente-se tentado a se transformar no garoto. Luta contra essa tentação por sentir-se um criminoso ao roubar a personalidade da criança, mas não resiste e sussurra a fórmula em seu ouvido. Fica surpreso ao perceber que nada acontece, pois o diabo não tem poder sobre a criança.

Apavora-se ao perceber que não consegue se separar de Fruges, de quem gosta ainda menos. Em desespero, sente que ficará aprisionado naquele corpo como um túmulo. Mas encontra um jovem de vinte anos, bonito e saudável, Camille, que era casado e tinha um círculo familiar formado pela cunhada, irmão e tio. Ao encontrar a esposa de Camille, Fabian-Camille se percebe, no primeiro momento, exultante. Mas, em seguida, sente-se fraco e frágil e decide abandoná-la. Encontra com a cunhada e diz a ela que deveria ter casado com ela e não com a irmã, pois entra em contato com o amor não retribuído

que Elise, a cunhada, nutria por Camille. Percebe que o que ama em Elise são seus olhos, que lhe são familiares. Mas, antes de sair da casa, se vinga do tio e de sua mulher, através de Elise.

Mais uma vez, Fabian se ressente com a pessoa em quem se transforma. Alegra-se ao saber que quando abandonar Camille, ele será recebido pela família que tinha ficado perturbada com a intrusão de Fabian em Camille. Sente abandonar Elise e lhe vem à mente o motivo - seus olhos lembram os de Fabian. Percebe que ele havia escapado de si, ao não levar consigo nem o nome e nem o próprio endereço, na pressa em sair da personalidade de Fruges e se transformar em Camille.

Passa a desejar encontrar-se consigo mesmo - "eu quero ser eu novamente" - e uma criança o auxilia. Faz o percurso de volta das identificações ainda como Fabian-Camille e chega até onde mora com sua mãe; ao subir as escadas, uma dor forte aperta seu coração. Durante o período de três dias, que esteve vagando de personalidade em personalidade, sua mãe estivera ao seu lado. Sente que se tivesse amado mais sua mãe, ela teria retribuído; faz as pazes com a humanidade e transborda de felicidade. Assim, a mãe o aconselha a rezar, mas Fabian lembra-se somente do "Pai Nosso" - ao pronunciar essas palavras, é invadido novamente por uma alegria e morre. Vale dizer que o autor da ficção não conhece Klein e apresenta um fim trágico para sua história. Mas, na experiência analítica, o resgate da mãe boa e do bom objeto conduz à vida e à vitalização e não à morte! Além disso, quando as identificações projetivas são dissolvidas e elaboradas, há uma expansão do ego.

Assim, de acordo com Klein (1955/1991c), Fabian se projeta totalmente na identidade de outra pessoa, a quem inveja. Nesse sentido, buscava sugar "vampirescamente" o atributo do outro através desta ação agressiva. A "voracidade, inveja e ódio, os motores básicos das fantasias agressivas, são traços de caráter de Fabian (...) [que o] impulsionam a se apoderar das posses de outras pessoas, tanto materiais como espirituais" (op. cit., p.183). Essa voracidade parece ser impulsionada pelo ódio que sente por si e pela necessidade de escapar de sua personalidade. Entretanto, rapidamente, ao estar no outro, sentia-se insaciado, incomodado e com a sensação de que partes de sua personalidade original haviam se perdido, então, precisava sair desse outro para tentar recuperar-se.

É também neste texto que Klein fala sobre a empatia como uma outra qualidade da identificação projetiva, amorosa, que consiste no processo de nos identificarmos com outras pessoas ao atribuirmos qualidades ou atitudes nossas a elas. Assim, projetamos os bons aspectos e a libido no mundo externo/no outro, sem que nos sintamos esvaziados. Ou seja, a projeção do amor não leva ao esvaziamento, mas sim leva à reintrojeção de um mundo amoroso através do bom objeto.

Lembro-me de uma situação vivida em consultório com a paciente que chamarei de Laura. Apresentava-se como uma pessoa esvaziada de recursos e esperava sempre que o outro resolvesse seus problemas. Ela veio me procurar após assistir a uma aula que dei num curso de pós-graduação. Formada em psicologia há três anos, não tinha conseguido se colocar profissionalmente. Percebi que veio me procurar por identificar-se comigo no sentido de considerar-me uma jovem psicóloga apaixonada pela profissão e que ela via como bem-sucedida. É possível que minha vivacidade, interesse e engajamento na psicologia tenham sido os elementos com os quais Laura se identificou empaticamente, como a possibilidade de poder sonhar com sua realização profissional através do contato comigo em análise. Também me identifiquei empaticamente com ela e lhe ofereci minha "barriga analítica" acolhedora, procurando proporcionar-lhe uma boa relação objetal. Sentia sua dificuldade em receber e ser grata ao que lhe era oferecido e, ainda, o quanto relutava em se vincular.

Hoje, pensando sobre o que vivemos juntas, penso o quanto foi difícil sustentar uma relação com Laura no sentido de guardar em mim seus bons objetos, que a mantinham em análise. Conseguimos trabalhar juntas por alguns anos, ela vinha para as sessões e não faltava, eu insistia para ampliar nossos encontros, sem sucesso. Ela pôde se transformar, mas sempre muito aquém do que ela desejava e esperava, não reconhecendo quase nada do que conquistara. Por fim, minhas tentativas de mantê-la viva, ao menos em mim, fracassaram e seu núcleo mais mortífero tomou conta de nós duas o que culminou com sua mudança de cidade e fim do processo analítico. A empatia tão importante no início do nosso trabalho se enfraqueceu, pois, as trocas transferenciais-contratransferenciais-transferenciais no campo foram se apagando.

Voltando à teoria, Klein (1952/1982) destaca que a capacidade da criança de projetar seus bons sentimentos e partes do eu para dentro da mãe é importante, pois amplia suas condições de estabelecer boas "relações objetais" e, também, integrar seu ego. Através da reintrojeção das partes boas e da sua assimilação ao ego. Mas o excesso de projeção das partes boas ocasiona o empobrecimento do eu.

No livro *Uma visão da evolução clínica kleiniana: da Antropologia à Psicanálise*, Spillius (2006) faz uma importante observação, destacando que Klein usou mais o conceito de identificação projetiva nos arquivos clínicos não publicados do que em sua obra publicada. Nas seis conferências realizadas por Klein e organizadas por Spillius, ela faz uso de material clínico para ilustrar o conceito. Em um dos episódios analisa um garoto chamado John, que, na brincadeira, é um leão que a come enquanto ela está adormecida. Klein interpreta o brincar como a expressão do medo de que ela o tivesse comido, em retaliação ao desejo-leão de John de comê-la. Num primeiro momento, o paciente fica ansioso com essa interpretação, mas, depois, se sente aliviado, o que aumenta seus sentimentos de amor e confiança em Klein.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontramos, no texto de Klein, várias facetas da identificação projetiva: ela a apresenta como um mecanismo de defesa ligado à cisão e projeção. Posteriormente, trabalha o conceito no sentido da empatia quando o sujeito se identifica com qualidades e atributos do outro, sendo assim, me aproximo do outro se me identificar com ele. Esse aspecto me faz pensar no quando precisamos ser empáticos com o sofrimento das pessoas que nos procuram na clínica para que possamos tomá-los como nossos pacientes. É preciso ainda destacar o aspecto da inveja na identificação projetiva, como no caso de Camille.

Noto uma outra faceta da identificação projetiva que é compreendê-la como comunicação. Considero esse aspecto muito importante para clínica, apesar de Klein não ter dado essa ênfase, continuo pensando que ela não falou disso diretamente, mas se a identificação projetiva é uma forma de acessar o funcionamento psíquico do paciente, a compreendo como uma forma de comunicação, mesmo que sem palavras.

If I were you? A quick view of the concept of projective identification

ABSTRACT: *This article aims to present the development of the concept of projective identification in Kleinian´s work and its clinical use, as a result of my doctoral research. Through the review of the theory concerning to this theme and its clinical articulation, this article points out kleinian´s development and the formal use of projective identification and its presence in the clinical situation as a working tool to help the analyst comprehend what the patient communicates to him, many times, without words.*

KEYWORDS: *Projective Identification, mechanism of defense, empathy, communication, clinic.*

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Ana Karina Fachini. *Um estudo sobre as relações entre identificação projetiva e contratransferência e suas implicações na clínica.* [Monografia]. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 2015.

CINTRA, Eliza Maria Ulhôa; FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Melanie Klein:* Estilo e pensamento. São Paulo: Escuta, 2006.

FREUD, Sigmund (1905[1901]). *Fragmento da análise de um caso de histeria.* v. 8.

KLEIN, Melanie (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos.* Rio de Janeiro: Imago, 1946/1991.

_____ (1952). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: RIVIERE, Joan. (org.). *Os progressos da psicanálise.* 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____ (1959). Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos.* Rio de Janeiro: Imago, 1991b.

_____ (1955). Sobre identificação. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos.* Rio de Janeiro: Imago, 1991c.

PERSICANO, Maria Luiza Scrosoppi. *A angústia na trilha da pulsão:* Entre psique e soma. A metapsicologia da angústia e de suas manifestações

somáticas. [Dissertação e Mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

_____. Ler Freud: Retomar a angústia na trilha da pulsão - entre psique e soma. In: *A imago somatossensitiva na fantasia somática.* São Paulo: Escuta, 2013.

SPILLUS, Elizabeth Bott. Melanie Klein revisitada: Seus pensamentos não publicados. In: *Uma evolução da clínica kleiniana:* Da antropologia à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Ana Karina Fachini Araujo
Rua Apeninos, 400 - oj. 909 - Paraiso
01533-000 - São Paulo, SP
(11) 98441 0321
karinafachini@uol.com.br

Elisa Maria Ulhôa Cintra
Rua Vargem do Cedro, 201 - Sumaré
01252-050
(11) 97152 1119
elcintra01@gmail.com

O feminino e suas nuances: relação entre o conceito de devastação e a violência contra a mulher

MARCELLA OLIVEIRA

RESUMO: Este trabalho está situado na linha de estudo sobre o feminino, cara à psicanálise de orientação Freud-Lacan. Tem por objetivo relacionar o conceito de devastação, trabalhado na teoria lacaniana como uma decorrência da relação mãe e filha, cuja filha não encontra um lugar no desejo materno, com a prática habitual na sociedade brasileira de violência contra a mulher. Levanto a hipótese de que a devastação, inerente ao feminino, quando não elaborada reflete não só na relação da filha com sua mãe como também nas relações amorosas desta filha enquanto mulher, a qual com frequência se envolve com homens repetindo o modelo de relação com a mãe: sem lugar no desejo do Outro, antes mãe e agora marido. Coloco que este modelo de relação facilita a entrada da violência com esta mulher numa posição masoquista de aceite de qualquer comportamento do marido para com ela, até mesmo agressões físicas. É uma posição de assujeito: a mulher como objeto do Outro; o que lhes permite serem humilhadas, maltratadas, agredidas. Finalizo dizendo que a forclusão do significante d'A mulher no inconsciente faz que seja inerente ao feminino uma constante busca por uma consistência fálica que coloque limite ao seu gozo, fabricando algo com seu o sintoma de modo que a devastação não leva ao pior - representado pela violência.

PALAVRAS-CHAVE: violência; devastação; feminino; Freud; Lacan.

Psicóloga pela USP, mestre em psicanálise pela UFSC, formação em psicanálise pela EBP

APRESENTAÇÃO

Devastação é a tradução do termo francês *ravage*, que significa arrasar, fazer estragos, segundo o dicionário *Larousse*. O termo em português, no dicionário Aurélio, significa destruição, ruína.

O conceito de devastação é trabalhado na psicanálise como referência à mulher que se deixa encarcerar inteiramente de objeto do homem; fazendo dele não o seu sintoma, mas o seu estrago. Na teoria lacaniana, o estrago se encontra primeiramente entre mãe e filha - está relacionado ao *Penisneid*: é quando a filha não deixa de esperar conseguir tudo da mãe.

Lacan (1965/2003) trabalha este conceito em homenagem a à Maguerite Duras sobre o caso de Lol Stein, uma de suas obras. Refere-se ao arrebatamento, que foi a visão por Lol Stein de seu homem a traindo em um baile. Trata-se de um caso no qual a inconsistência de seu corpo, como um objeto de desejo, a fez ser entregue como objeto do desejo do Outro; e no momento desta cena traumática "sua nudez ficou por cima" (Lacan, 1965/2003, p. 201). Lol desde pequena nunca esteve exatamente ali. Ao perder o homem, perdeu-se no desejo do Outro. Nesta relação que vivia com objeto indescritível, restou-lhe a vida vazia.

Freud (1931/2006) introduz uma questão inédita à sua teoria da sexualidade ao afirmar que a mulher que se casa ainda menina - sem ter se colocado em reflexão sobre a famosa frase: "o que quer uma mulher?" - tende a repetir com o marido o mesmo modelo de relação que teve com sua mãe; e não com o seu pai, o que estaria de acordo com a teoria do complexo de Édipo. Isto porque o primeiro objeto de amor da menina também é a mãe no período pré-edípico, e este amor não desaparece por completo. O autor usa a palavra catástrofe, da mesma forma como os pós-freudianos usam a palavra devastação, referindo-se ao que acontece quando a menina não realiza o depósito de afeto sobre o pai, fixando-os na mãe.

Com ajuda dos pós-freudianos mencionados neste texto, podemos compreender que a dificuldade da menina em se desligar psiquicamente da mãe é devida à dificuldade daquela encontrar lugar no desejo materno. Quando a mãe não é atravessada pelo gozo fálico do homem, ela não se divide em mãe e mulher: permanece toda mãe. Desta forma, sua filha ou fica no lugar de seu

fetiche ou fica no lugar de seu dejeto. Este lugar provoca uma tensão neste relacionamento afetivo e a consequente não elaboração do mesmo, o que é fundamental para um posterior deslocamento de afeto.

A rivalidade da menina para com a mãe não é, portanto, apenas devida ao *Penisneid*, ou seja, a inveja do pênis seguida por raiva da mãe, que é a culpada por ela não ter um, mas também é devida ao amor ambivalente da menina com a mãe nos primórdios da vida. Todo amor infantil é intenso, desmedido, insaciável e ambivalente, ou seja, dicotômico entre o amor e o ódio.

De acordo com Fuentes (2009), devastação é "caracterizada por um objeto rebaixado, sem lugar no desejo do Outro". Uma vez que o desejo materno não foi subjetivado pela filha, relacionados ao depósito de narcisismo efetuado pela mãe - sua majestade, o bebê - que culmina no que Freud (1914/2006) chama de eu ideal; resta a esta filha uma posição de eterna demandante de afetos; resta-lhe uma inevitável identificação ao pior; e resta-lhe permanecer colada à posição de objeto do Outro.

A devastação é ilustrada na obra *Sonata de outono*, de Ingmar Bergman, uma filha que deseja o sem limite de uma mãe; algo que mais além, para além do domínio do falo: é quando se esgotam os semblantes. E esta demanda insaciável está relacionada à falta de lugar no desejo deste Outro materno, a este rebaixamento a um lugar de resto. Lacan conecta toda a dimensão do desejo do sujeito ao lugar em que este ocupa no desejo do Outro. Sendo este Outro o materno primordial. Quando o bebê percebe que a mãe não é uma extensão do seu próprio Eu, mas sim um objeto com desejos próprios, que vão muito além de seu corpo, surge um questionamento a respeito do desejo deste Outro. O que quer ele de mim? O que quer ele a respeito desse lugar do eu? São as perguntas que introduzem o sujeito na dimensão da demanda e do desejo, nos primórdios da vida (LACAN, 1962-1963/2005). A falta de lugar neste desejo do Outro é sinal da angústia.

Junto à angústia e devastação advém o pesado sacrifício de tolerar a civilização. Freud (1927/2006) fala sobre a dificuldade que a vida se torna sem as ilusões que permeiam os laços sociais - os quais são baseados nas relações de desejo. Não há avanço possível em termos de tecnologia e controle quando se trata de assuntos humanos. O sujeito só pode ser reconciliado com o seu

sofrimento pela via do amor. O autor encerra o texto dizendo que: "Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar podemos conseguir em outro lugar" (FREUD, 1927/2006, p. 63).

O FEMININO E A SOCIEDADE ATUAL

Neste trabalho venho enfocar na mulher vítima de violência doméstica do século XXI: seus impasses, suas questões, suas saídas; e levanto a hipótese da articulação da devastação apontada por Lacan (1965/2003) à mulher vítima de violência. Uma vez que a devastação ocorre quando os semblantes fálicos estão ausentes, esta falência que implica na escassez das dimensões imaginária e simbólica (LACAN, 1974-1975) pode ser facilmente pensada como uma abertura à dimensão real, na qual a pulsão e os sentimentos ficam sem contorno: porta aberta à violência.

Miller (2005) reflete sobre a sociedade atual, enfatizando a escassez de significantes mestres orientadores: ou seja, ausência de conceitos fortes que orientem nossa conduta, mesmo que estes sejam semblantes da ordem do imaginário. Neste novo cenário é o próprio sujeito que precisa criar e seguir seus significantes mestres; eles não estão mais nas mãos do estado, da religião, da família, como já estiveram em anos passados. A possibilidade de escolha é muito maior.

Penso que esta diversificação na possibilidade de escolhas, no que se refere aos modos de vida, é reflexo de lutas que aconteceram em décadas passadas pela conquista da liberdade. Ela, sim, veio. A sociedade de hoje é liquida (BOUMAN, 2001). Isto se refere tanto ao âmbito do trabalho, com a enorme diversidade de carreiras, quanto ao âmbito do amor, com as múltiplas formas de fazer casal.

Se, por um lado, esta abertura a uma maior possibilidade de escolhas pode confundir o sujeito, que se sente perdido e procura por um analista na posição de mestre, que lhe diga o que é certo fazer, por outro lado existe uma maior diversidade de formas de se fazer laço social. Esta diferenciação na sociedade trouxe um preço no que diz respeito à parceria amorosa. Em contrapartida, os discursos políticos-econômicos, representados nesta luta por liberdade, por exemplo, pelo movimento feminista, não dizem nada sobre o amor. A forma

como a mulher irá se comportar em relação a um homem na parceria amorosa, na medida em que agora pode fazer dele seu objeto, já que ela quis ser independente e conseguiu, é um desafio para a clínica do século XXI.

A forma de se comportar como homem ou mulher e fazer casal não é, de forma alguma, inata ao homem. Como já dizia Lacan (1964/2008): "No psiquismo não há nada com que o sujeito pudesse se situar como ser macho ou ser de fêmea. O que se deve fazer como homem ou como mulher, o ser humano tem que aprender, peça por peça, do outro" (LACAN, 1964/2008, p. 220). É reflexo da cultura e sociedade e depende de uma interpretação.

O FEMININO DE FREUD A LACAN

Para Lacan, ser mãe não basta para que o ser do sexo feminino encontre uma posição enquanto mulher na sexuação: é preciso ir mais além, situar-se e sustentar-se como objeto causa do desejo de um homem (LACAN, 1975/1982). O caminho do ter, ter um filho, apontado por Freud (1931/2006) não é suficiente. É no caminho do ser que a mulher encontra um contorno para lidar com a falta, que lhe é inscrita no corpo.

O conceito de mascarada, facilmente associado à ideia da mulher gostar de usar maquiagem e adornos singulares, refere-se às múltiplas formas de semblantes do feminino: os nomes singulares da mulher se inscrever. Todos através do semblante, ou véu, aquele que lhe faz parecer algo, adquirir um rosto singular em meio ao gozo não-todo inscrito na lógica fálica.

É importante lembrar que fálico remete ao que vai de encontro ao universo narcísico, ou seja, caminha em direção à sensação de completude. Portanto, restringir-se à dimensão fálica no amor está no desencontro do amor regido pelo desejo. O desejo faz o caminho contrário ao do narcisismo, pois é permeado pela falta, a qual começa com a castração. O amor é definido por Lacan (1975/1982) como "dar o que não se tem". Ele vem como saída para suportar a invencível incompletude: finge-se fazer. Um. Só é possível amar suportando a castração, reflexão que vem desde *O Banquete* de Platão, uma vez que o objeto amado não está exatamente no parceiro, está mais além.

Freud foi acusado de misógino pelas feministas ao elucidar o *Penisneid* como uma questão crucial na análise de mulheres. Na verdade, o autor estava

apontando para a impossibilidade de partilha entre os sexos; já que a diferença entre o significante masculino e o feminino não é da ordem da completude. Freud (1931/2006) aponta para dois complicadores no desenvolvimento da sexualidade feminina, que dizem respeito à troca do objeto amoroso do pai para a mãe; e do órgão sexual do clitóris para a vagina.

Diz ainda que existem três possíveis saídas da mulher no complexo de Édipo: a primeira seria a recusa da sexualidade (a neurose), a secunda seria a identificação com o masculino que resulta da menina permanecer fixada na identificação com o pai no desfecho edipiano (a masculinidade, a qual pode resultar numa escolha de objeto homossexual), e a terceira seria o desejo de ter um filho, como um substituto ao desejo de ter um pênis, tomando o pai como objeto de amor (saída mais elaborada, na qual a mulher toma o pai como objeto, atingindo o caminho feminino do complexo de Édipo).

A psicanálise de modo algum rejeita o feminismo em sua importância político-econômica, embora o critique em termos de reduzir toda a problemática do feminino em um discurso sócio-histórico e encarar os dois sexos como completamente iguais em posição:

> A psicanálise como clínica do singular pode ser a via fecunda de demonstração de que desejo e gozo não se reduzem a uma questão política de direitos, e que o sexo não é um livre arbítrio, mas o nome de uma divisão subjetiva que designa um impossível. O feminismo reduz o feminino a uma construção discursiva histórica e refuta a diferença sexual. Se o feminino é como tal inominável, resta como tarefa para cada mulher que se inscreva do lado feminino das fórmulas da sexuação encontrar um meio de tratar esse gozo real quando a referência ao falo não satura o gozo nas mulheres (FUENTES, 2009, p. 104).

A autora acima trata da complexidade de se posicionar na partilha dos sexos, de uma forma singular, sustentando o próprio desejo. O modo de se fazer mulher, no uma a uma, não é de certo algo simples. É pela via do sintoma que a psicanálise, clínica do singular, abre caminho para uma mulher se encontrar. Ou seja, identificando-se com o próprio sintoma, e fazendo algo de singular com o mesmo.

A forclusão do significante d'A mulher no inconsciente requer soluções de nomeações para ele. Não é por acaso que a mulher já foi designada por diversos nomes ao longo da história, desde os relacionados à difamação até a adoração e beleza. Todo este mistério em torno do feminino rende-lhes muito sofrimento, ao ponto de mulheres terem sido queimadas durante a idade média devido a sua busca por liberdade.

Já nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2006) inicia a reflexão sobre o feminino ao afirmar, referindo-se às transformações da adolescência, que:

> O desenvolvimento das inibições da sexualidade (vergonha, nojo, compaixão) ocorre nas garotinhas mais cedo e com menor resistência do que nos meninos. Nelas, em geral, a tendência ao recalcamento sexual parece maior, e quando se tornam visíveis as pulsões parciais da sexualidade, elas preferem a forma passiva (FREUD, 1905/2006, p. 207).

Observa-se o autor relacionando o feminino à passividade e a recalcamento. Contudo, em nota de rodapé na mesma página, ele aprofunda na temática ao dizer que masculino e feminino não são simplesmente formas estanques do ser humano se comportar enquanto homem ou enquanto mulher; mas sim categorizações psíquicas das mais complexas, as quais habitam a subjetividade tanto de homens quanto de mulheres:

> É indispensável deixar claro que os conceitos de "masculino" e "feminino", cujo conteúdo parece tão inambíguo à opinião corriqueira, figuram entre os mais confusos da ciência e se decompõem em pelo menos três sentidos. Ora se empregam masculino e feminino no sentido de atividade e passividade, ora no sentido biológico, ora ainda no sentido sociológico. O primeiro desses três sentidos é o essencial, assim como o mais utilizável em psicanálise. A isso se deve que a libido seja descrita no texto como masculina, pois a pulsão é sempre ativa, mesmo quando estabelece para si um alvo passivo. O segundo sentido de masculino e feminino, o biológico, é o que admite a definição mais clara. Aqui, masculino e feminino caracterizam-se pela presença

> de óvulos e espermatozóides, e pelas funções decorrentes deles. A atividade e suas manifestações concomitantes - desenvolvimento muscular mais vigoroso, agressividade, maior intensidade da libido - costumam ser vinculadas à masculinidade biológica, embora essa não seja uma associação necessária, já que existem espécies animais em que essas propriedades correspondem antes na fêmea. O terceiro sentido, o sociológico, extrai seu conteúdo da observação dos indivíduos masculinos e femininos existentes na realidade. Essa observação mostra que, no que concerne ao ser humano, a masculinidade ou a feminilidade puras não são encontradas nem no sentido psicológico, nem no biológico. Cada pessoa exibe, ao contrário, uma mescla de seus caracteres sexuais biológicos com os traços biológicos do sexo oposto, e ainda uma conjugação da atividade e da passividade, tanto no caso de esses traços psíquicos de caráter dependerem dos biológicos, quanto no caso de independerem deles (FREUD, 1905/2006, p. 207).

Penso que este texto é fundamental para a reflexão de como a psicanálise inicia o seu pensamento sobre as questões de gênero; como um semblante criado e recriado a todo instante, por meio das relações de identificação. A relação do feminino à passividade é, portanto, o ponto de partida para pensar nesta divisão subjetiva inerente a ideia de masculino e feminino como significantes que querem dizer algo para além da diferença biológica. A ideia é que o significante de um dos sexos predomine no sujeito, pois o significante do outro foi reprimido ao inconsciente.

A DEVASTAÇÃO DE FREUD A LACAN

Em *Sexualidade feminina*, Freud (1931/2006), tornando a relação mãe e filha ainda mais instigante e complexa, afirma que na alienação psíquica em relação à mãe, posteriormente encontramos a origem da paranoia das mulheres de ser morta, devorada pela mãe. A mãe - como alvo das primeiras súplicas de necessidades vitais da criança - está desde já em lugar de um objeto de amor de super importância tal, que com muita facilidade, este amor pode ser revertido em ódio e hostilidade, uma vez que o oposto do amor é a indiferença: amor e ódio caminham juntos. O amor infantil é ilimitado, não tolera a frustração, sendo fadado

a terminar numa atitude hostil. Quando a menina fantasia, podendo esta fantasia ser real ou não, que a mãe não lhe amamentou o suficiente, já basta para que esta hostilidade para com o objeto materno tenha vazão.

O autor não poupa linguagem ao enfatizar que a sexualidade feminina não é nada simples, complexidade esta que já inicia na troca do alvo dos sentimentos amorosos da mãe pelo pai, durante o período edípico. A menina sente raiva da mãe por esta não ter lhe dado um órgão sexual apropriado: se a mãe possui vagina e o pai possui o pênis, o culpado pelo fato da menina não ter o pênis seria, portanto, a mãe. O *Penisneid*, ou inveja do pênis, é algo com que Freud se depara nas análises de mulheres como um complicador para a mulher subjetivar a sua feminilidade e, assim, situar-se como mulher na partilha dos sexos.

Esta operação de desinvestimento no objeto materno vem a reforçar a possibilidade de sentimentos de hostilidade da mulher para com a mãe, os quais tiveram início desde os primórdios da vida. A competição da mulher com sua mãe, que tem como alvo o homem/pai, intensifica os sentimentos de ódio e agressividade.

E ainda ocorre a troca biológica de órgão sexual do clitóris para a vagina, tornando a sexualidade feminina ainda mais capciosa. Esta existência de dois órgãos sexuais nas mulheres trás ressonâncias na disposição bissexual inata do sujeito humano, a qual tem mais clareza nas mulheres do que nos homens. A troca para a vagina é acompanhada de tendências passivas e de calmaria nas tendências ativas - desde 1905, Freud associa o feminino à passividade.

Freud (1931/2006) ainda levanta a questão de que a posição da mulher de eterna demandante de afeto e cuidados maternos - o que é o estrago, a devastação - culmina na mulher repetindo este modelo de relação com o marido, ao menos no primeiro casamento, principalmente em mulheres que se casam jovens.

O que acontece é que a mulher na posição de assujeito, sem lugar subjetivo, cola-se na posição de objeto de uso do Outro e, portanto, identifica-se com um objeto que não tem lugar no desejo deste Outro. Esta mulher, quando supera esta hostilidade pré-edipiana à mãe, tem mais chance de encontrar seu lugar como mulher num segundo casamento, pois o primeiro foi permeado por uma repetição de sua relação fracassada com o objeto materno.

Lacan (1965/2003) trabalha pela primeira vez o conceito de devastação em sua homenagem à Marguerite Duras pelo caso do *Arrebatamento de Lol Stein*, uma obra que nos convida a entrar no universo do amor e suas vicissitudes, da relação triangular, da decepção amorosa.

Lol é uma mulher que ficou órfã cedo, e o acontecimento mais marcante de sua vida acontece num baile quando, acompanhada de seu noivo, fica petrificada com a chegada de Anne-Marie Stretter. Esta mulher rapta-lhe o noivo. Porém, Lol parece precisar deste casal recém-formado para dar continuidade ao fascínio que fora iniciado com a entrada desta mulher no baile. O momento-chave da obra é quando Duras afirma que Lol não ficou afetada por amor, pela perda do marido - Lol não sofreu esta perda e nem sentiu ciúmes - mas, sim, por ter sido separada do casal.

Após um tempo na casa de seus pais, Lol casa-se com outro homem, com quem tem três filhas, e vive dez anos de sua vida em aparente normalidade. Lol adoece novamente quando junto ao seu marido irá visitar a casa de seus pais, após o falecimento de sua mãe, e encontra sua velha amiga Tatiana vivendo em situação de amante de um homem chamado Jacques Hold. O par formado por estes dois vem fazer suplência ao que havia ficado ressentido na famosa noite do baile, momento no qual Lol esteve mais próxima de captar o que significa o corpo de uma mulher ser incluído no desejo de um homem.

Lacan (1965/2003) afirma que Lol nunca esteve verdadeiramente presente. Diz que ela passa como uma alma que vagueava pela vida e na cena do baile encontra o desespero. Lol surpreendentemente não se via como a terceira, excluída da relação, mas ao contrário, desejava que o casal não parasse de dançar, colocando-se como terceira incluída. Ela cai por terra quando deixa de vê-los. Lol fica sem palavras, perde a imagem de seu corpo na ausência do casal que a traíra. Na falta da palavra resta-lhe fazer suplência pela fantasia, a qual só vai acontecer mais de dez anos depois quando Lol encontra o casal Tatiana e Jacques Hold, os quais inclui em sua fantasia por se sentir incluída no olhar deles. Até este encontro se dar, Lol leva uma vida errante e em meio a encontros casuais encontra um marido com quem mantém uma relação baseada na ausência.

Na teoria lacaniana encontramos o amor como uma possível saída para conter o gozo feminino. Quando o parceiro não entra no lugar de uma

devastação, ele pode ter efeitos de contenção do gozo ao nomear a mulher de Sua mulher. Ou seja, o homem faz papel de um semblante fálico, que dá consistência ao inconsistente do gozo feminino. Na ausência de um significante que inscreva A mulher no inconsciente, a nomeação d'A mulher pode produzir a ela uma inscrição fálica consistente.

A devastação trabalhada por Fuentes (2009) pode, no cotidiano, ser vista nas exigências indomáveis de mulheres que se submetem a dietas perigosas, cirurgias invasivas, horas intermináveis na academia de ginástica, em uma busca sem limite por um ideal de corpo de mulher imposto de fora do próprio corpo; imposto pela mídia, pelo parceiro, ou até pela ideia de competitividade, se comparando com as mulheres rivais. Isto pela dificuldade de entrar em contato com o corpo próprio e descobrir-se mulher com o próprio sintoma, pela via da castração.

A devastação pode ser lida como uma das saídas à mulher para lidar com os impasses do feminino. Saída esta deplorável. Lidar com o feminino é uma tarefa eterna às mulheres, já que ele está inscrito como o inconsistente, o não-todo fálico na tábua da sexuação - Lacan (1975/1982) - o que existe uma constante inventividade para dar consistência ao seu ser.

Em acordo com esta complexidade, ao longo da história ocidental, a mulher já foi vista de várias formas, assumindo diversos papéis sociais. Temos que maioria deles esteve associada à difamação e menosprezo; como se à mulher restassem papéis menos valorizados socialmente, devido a sua pouca capacidade de assumir funções consideradas mais elevadas.

Com Kant, no século XVI, temos a mulher como um ser incapaz de acesso à moral e à inteligência. Sua utilidade social estava vinculada a agradar ao homem e acompanhá-lo. Já com a modernidade e a família burguesa houve a preocupação com a família e a educação dos filhos, restando à mulher sua tarefa de divisão em mulher, com sua feminilidade e mãe. As formas como a mulher irá se posicionar em papéis em resposta ao feminino são múltiplas. Encontramos desde o transsexualismo até mulheres colocando regulamentos como formas de sedução, como se fosse possível estabelecer um controle à pulsão. Encontramos também as mulheres que se dizem independentes e não se vêem ao lado de um marido. Esta diversidade de imagens referentes à mulher

é consequência do que a teoria lacaniana chama de forclusão do significante d'A mulher no inconsciente: uma vez que não há inscrição deste nome, é preciso inventá-lo e reinventá-lo a todo tempo. A referência ao falo não basta como orientação ao gozo feminino, que é mais próximo ao real.

Em *O instinto e suas vicissitudes*, Freud (1915/2006) coloca que a transformação do amar em ser amado responde à dualidade da passividade e atividade inscritas no inconsciente. Penso que na devastação, com a mulher em posição de demandar eternamente um amor impossível, fica incapaz de receber passivamente. Em meio à angústia diante da inevitável possibilidade de perda do amor, esta mulher acaba por demandar mais e mais amor, infinitamente, numa busca que não é em nada sedutora para o homem, muito pelo contrário, o assusta.

Como efeitos da devastação advêm angústia, melancolia, sensação de despersonalização, perda de si mesmo, fragmentação... são sentimentos muito mais próximos da mulher que do homem. O pior acontece quando a mulher permanece fixada a este modo de gozo ilimitado, que não fixa o sujeito ao seu corpo e leva à perda de controle. É o contato com o nada, a identificação com o resto.

A mulher, por outro lado, que permanece identificada ao tudo também não encontra seu lugar na sexuação. Para dar-se um lugar no desejo do Outro é preciso consentir com o não-todo, ou seja, abdicar do Um, e tomar uma posição singular diante dos impasses do feminino.

O fato da mulher ser mais narcisista advém dela não ter o pênis e rivalizar com as demais para garantir sua consistência fálica. Em *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, Freud (1925/2006) coloca que o narcisismo feminino é a cicatriz decorrente do *Penisneid*. A mulher adorna sua aparência como compensação para a falta de adereço inscrita no seu órgão sexual. Os ciúmes também são outra decorrência do deslocamento da inveja do pênis para outro objeto; inclusive envolve outras mulheres como uma saída fálica para poder-se afirmar com posse: eu o tenho, você não o tem.

Contudo, o pior vem quando ela perde a sua subjetividade nesta rivalidade e cai na posição de assujeito - ou seja - objeto de gozo, objeto escravo do Outro, que não pode ser melhor do que ela. É a mulher que vive em função de competir

e ganhar de um Outro, competição esta que ganha traços masoquistas, uma vez que a mulher anula o próprio desejo em função de um Outro. Este Outro pode ser uma mulher com a qual ela compete, ou um homem ao qual ela fica assujeitada ao desejo, ganhando, nos dois casos, traços masoquistas em sua subjetividade.

O MASOQUISMO FEMININO

Freud (1919/2006) discorre sobre a fantasia "Uma criança é espancada", encontrada em meninas do período escolar, em três tempos, nos quais ciúme, masoquismo e rivalidade estão presentes.

O primeiro tempo inicia-se com a ideia "Uma criança é espancada", e encerra-se com uma formulação mais precisa: "O meu pai está batendo na criança que eu odeio". Aqui o ciúme prevalece como o afeto desencadeador: uma menina se vangloria com o fato de que outra criança, a qual ela não gosta, é punida com agressão pelo pai que ela ama. Este pai, portanto, a ama também porque pune o outro e não a ela. Este tempo o autor coloca como uma fantasia de nível consciente, a qual se acessa com facilidade.

Já o segundo tempo é visto como o mais importante e de nível inconsciente. Nunca será lembrada, mas pode ser construída em análise. Ele é descrito pela frase: "estou sendo espancada pelo meu pai" - o que dá a fantasia um caráter nitidamente masoquista. Esta fantasia é uma irrupção do sentimento de culpa da menina, que obteve prazer incestuoso anteriormente ao ver o outro ser espancado pelo seu pai. O fato de ela ser advinda do sentimento de culpa faz com que permaneça inconsciente, devido à repressão.

Mulheres em quem o segundo tempo desta fantasia atua a nível inconsciente apresentam dificuldade de lidar com qualquer figura que represente psiquicamente um pai, já que este a espanca, elas se sentirão espancadas no sentido de maltratadas com muita facilidade.

No terceiro tempo há uma indefinição, tanto no agente quanto no receptor da agressão. Ele pode ser pensado na frase: "bate-se em uma criança". O autor pensa este tempo como relacionado à excitação sexual advinda da visão de uma criança sendo espancada; a qual proporciona a satisfação masturbadora. Castigos e outras demais humilhações podem aparecer aqui como substituindo a agressão física.

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Uma vez que o feminino e seus impasses, sendo o mais focado neste artigo a devastação, já foram bem delimitados, resta antes de concluir dissertar sobre uma prática mundialmente comum e, especificamente, em nosso país: a violência contra a mulher. Desta forma será possível na sequência realizar uma articulação entre os impasses do feminino e a ocorrência desta prática lastimável.

Silva (2010) nos lembra de que a temática da desigualdade entre os gêneros vem de tempos muito remotos. Na Grécia antiga havia, de forma escandalizada, a crença de que a mulher era um ser inferior no circuito fálico, a ponto da prática do homossexualismo ser frequente, restando à mulher a incumbência da reprodução. Foi preciso uma cadeia de pensamentos libertários no século das luzes, que culminou com a Revolução Francesa, para a mulher ser vista como um ser de valor social e poder reivindicar seus direitos, sem ser destinada à fogueira, como fora na idade média.

No Brasil, após a revolução sexual da década de 1960, o movimento feminista trouxe à tona a liberdade econômica, política e sexual da mulher. Consequentemente, a mulher ganhou avanços no mundo do trabalho, econômico e no controle do próprio corpo; recriando todo um modo de relação com o homem.

Contudo, em todo o mundo e mais especificamente no Brasil, altos índices de violência contra as mulheres concretizadas em: agressões físicas e verbais domésticas, estupros, tráfico de mulheres, torturas físicas e psicológicas; dentre tantas outras formas.

De acordo com Chauí (1996/1997) as bases destes acontecimentos estão em um "conjunto de crenças, valores, saberes, atitudes que julgamos naturais, transmitidos de geração em geração sem questionamentos, e nos dá a possibilidade de avaliar e julgar positiva ou negativamente 'coisas e seres humanos" (p. 116). Ou seja, devido a um estereótipo cristalizado sobre o sexo feminino como menos forte que o masculino, ao qual seriam dados os direitos. O que irracionalmente viabiliza que um sujeito possa ser maltratado por pertencer a uma classe de gênero inferior. Aqui estão as bases do preconceito: uma ideia preconcebida antes da reflexão sobre ela, de acordo com a mesma autora. Um conceito só se forma a partir do questionamento das ideias. Se isto não ocorreu,

trata-se de preconceito - ele não inclui o pensamento.

A maioria das formas de preconceito contra a mulher encontra-se implícita na linguagem do dia a dia, embutidas em falas como "É mulher mesmo", quando ocorre um acidente de trânsito; "To pegando geral", dos garotos adolescentes sobre as meninas; "Mulher não pode transar na primeira na primeira noite". Falas que passam a sensação de um medo do que a mulher pode ser capaz se ela vier a ser dona de suas escolhas e seu discurso.

De acordo com Silva (2010) a região de Pernambuco corresponde ao maior índice nacional de queixas de mulheres por violência doméstica e a região do Sudeste é que apresenta maiores queixas de estupro. Talvez por ser a região mais populosa e por ser a porta de entrada do tráfico de mulheres.

PALAVRAS FINAIS

A psicanálise faz a leitura de um sintoma social como algo em potencial para um efeito revolucionário na sociedade. Ao atribuir sentido ao sintoma das mulheres serem agredidas, algo transformador acontecerá na vida das mesmas e, portanto, na sociedade brasileira. Este algo transformador opera numa responsabilização por este sintoma: ao relacionar o sentido do sintoma com a história de vida, o analista implica o paciente na causa de seu sofrimento e, portanto, responsabiliza-o por ele.

Em *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, Lacan (1958/1998) trata de precisar o objeto e, portanto, a importância da psicanálise em sua técnica de investigação do inconsciente, e posso colocar também como método de pesquisa do sujeito em sua dimensão profunda. Ele combate toda forma de reeducação emocional do paciente, sustentando que quando se trata de psicanálise o que está em jogo é o desejo. Portanto, qualquer forma de dirigir o paciente não renderá frutos. Ele afirma: "O analista cura muito menos pelo que ele diz e faz do que por aquilo que ele é." (LACAN, 1958/1998, p. 593)

Com isto vejo que qualquer forma de tratamento que vise educar a mulher espancada ao invés de escutá-la, não será eficaz na busca pelas bases deste tipo de atitude. A técnica psicanalítica, com todo seu estudo e aprofundamento no feminino e na dimensão do inconsciente, utiliza o conceito de devastação para articular sobre a filha que se cala em seu desejo, e o faz por

não encontrar lugar no desejo do Outro para que este escute a sua voz. A falta de lugar no desejo do Outro é vista na ausência de narcisismo depositado da mãe sobre a filha, ou seja, falta do recheio imaginário que preenche o sujeito com sonhos e fantasias. Este sujeito desamparado, vazio de desejo sobre ele, ampara-se em qualquer figura que aparente capacidade de sustentá-la e mantê-la viva. O desamparo ocasionado pela devastação (ausência de desejo e lugar de dejeto ao olhar materno) aliado ao masoquismo feminino - a mulher que goza ao ter seu corpo espancado - culmina na violência contra a mulher.

Estudos de gênero, preocupações com o bem-estar da mulher, questionamentos sobre o ser mulher e sobre o feminino, têm sido temas de debates dos últimos anos. Penso que a mulher que foi inscrita como o Outro sexo desde sempre, causa desconforto em sua inscrição pela diferença. O diferente é o que causa desconforto, pois ataca o narcisismo. A tolerância para com o diferente, junto ao respeito, é o que trará uma sociedade mais humana e com direitos mais justos, construindo com o outro.

A Lei Maria da Penha, promulgada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2006, foi um grande avanço em direção à proteção da mulher, e reconhecimento de sua vulnerabilidade social. A partir deste ano a agressão à mulher é punida com mais severidade (SILVA, 2010).

Para encerrar afirmo que a forclusão do significante d'A mulher no inconsciente sucumbe no conceito de feminino como algo que está para além de limites definidos pelo significante. Tal é a dificuldade de encontrar um nome para a forma de gozo do feminino, desenvolvida por Lacan no *Seminário XX*, a qual está para além do gozo fálico: Garganta de Irma, Continente negro, Furo no saber... (CALDAS, 2012). Vale ressaltar que o fálico vai de encontro à sensação de completude, de acordo com o universo narcísico. Remete à lógica competitiva. O feminino está para além desta lógica, embora passe por ela não lhe basta. Está mais além. É um desafio à clínica do século XXI, atrelada à sociedade capitalista fálica, sustentar esta forma diferente de gozo, que está no desencontro do atual sistema social. Sustentar o gozo feminino pela via da mascarada, fabricada com o sintoma, de forma que a devastação não leve ao pior e não culmine em violência.

The feminism and its nuances: a relation between the concept of devastation and the violence against woman

ABSTRACT: *This article is part of the studies concerning feminism in the realm of Freud-Lacan psychoanalysis orientation. It aims to relate the concept of devastation, pointed out in Lacanian theory as a result of the mother-daughter relationship, in which the daughter does not find a place in the mother´s desire, as the habitual practice in the Brazilian society of violence against woman. The hypothesis is that when devastation, inherent to feminism, is not elaborated, it can reflect not only in the daughter´s relationship with her mother but also in her love life as a woman, whom frequently gets involved with men by repeating the model of her relationship with her mother: without a place in the Other´s desire, first the mother and now the husband. This relationship model allows violence with this woman being in a masochistic position accepting any kind of behavior from her husband, even physical aggression. The woman as an object of the Other, which causes humiliation, abuse and aggression. Lastly, the foreclosure of the signifiers of A woman in the unconscious makes the constant search of phallic consistency that imposes a limit in her jouissance.*

KEYWORDS: *Violence, devastation, Freud and Lacan.*

REFERÊNCIAS

AURÉLIO. *Mini dicionário da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BERGMAN, I. *Sonata de outono.* Rio de Janeiro: Nórdica, 1978.

BOUMAN, Z. (2001). *Modernidade líquida.* Rio de Janeiro: Zahar,,2001.

CALDAS, H. Uma versão do feminino na contemporaneidade. In: *O feminino que acontece no corpo:* A prática da psicanálise nos confins do simbólico. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.

CHAUI, M. Senso comum e transparência. In: J. Lerner (Org.). *O preconceito.* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. p. 115/132. 1996/1997.

FREUD, S. (1905). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas.* Rio de Janeiro: Imago, 1980.

(1980). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, v. 7.

(1914). *Sobre o narcisismo*, v. 14.

(1915). *O instinto e suas vicissitudes*, v. 14.

(1919). *Uma criança é espancada:* Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais, v. 17.

(1925). *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, v. 19.

(1927). *O futuro de uma ilusão*, v. 21.

(1931). *Sexualidade feminina*, v.18.

FUENTES, M. J. S. *A mulher e seus nomes*: Lacan e o feminino (2009). 273p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia da USP. São Paulo, 2009.

LACAN, J. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____ (1962-1963). *O Seminário:* Livro X - A Angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 366p.

_____ (1964). *O Seminário:* Livro XI - Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 279 p.

_____ (1965). Homenagem à Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol Stein. In: *Outros Escritos.* Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____ (1966). Ciência e verdade. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____ (1974-75). *O Seminário*: livro 22: *R. S. I.* Tradução não publicada.

_____ (1975). *O Seminário:* livro XX - mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 201 p.

LAROUSSE. *Dicionário francês-português*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2005.

MILLER, J.-A. Uma fantasia. In: *Opção lacaniana:* n. 42. São Paulo, SP: Eolia, 2005. P. 7-18.

_____. *Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 243p.

PENEDA, J. M. *O arrebatamento de Lol V. Stein de Marguerite Duras*. Retirado de: http://repositorio.ul.pt/handle/10451/8281. Acesso em 10/8/2016

SAFRA, G. Investigação em psicanálise na universidade. *Revista Psicologia USP*, São Paulo, v.12, n. 2, 2001.

SILVA, G. S. Preconceito e discriminação: As bases da violência contra a mulher. *Psicologia ciência e profissão*, v. 30, n. 10, 2010. p. 556-571.

Marcela Oliveira
Rua Coronel João Cursino, 185 - Vila Adyana
São José dos Campos
(12)33419193
(12)991649171

Artigo

A poeta bebe águia; os sonhos e as palavras

EDUARDO RODRIGUES DE LARA

RESUMO: O artigo visa experimentar um local para a "palavra" e a poesia dentro de um conjunto de obras freudianas acerca das chamadas "Formações do Inconsciente": Estudos sobre a Histeria (1893-1895); A Interpretação dos Sonhos (1900); A psicopatologia da vida cotidiana (1901); e Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905).

PALAVRAS-CHAVE: Formações do inconsciente; poesia; sonho; ato-falho; chiste.

Este trabalho buscará estabelecer pontos de contato e distanciamento dentre aquilo que Lacan chamou de "Formações do Inconsciente" na obra freudiana: os sonhos, atos-falhos, sintomas, chistes; propomos a poesia. O próprio termo já nos direciona para um ponto de vista tópico e dinâmico: do local do inconsciente em relação aos outros sistemas e a partir do conflito entre tais lógicas de funcionamento. Sendo assim, fatalmente, teremos que nos debruçar na censura, na repressão, no desejo, e, por escolha, na palavra. Sabemos que o primeiro modelo de funcionamento do aparelho psíquico freudiano, constituído a partir de seu trabalho de (a) *Interpretação dos Sonhos*, é, antes de tudo, um aparelho da "representação", da memória; do simbólico. E, também, que o foco deste modelo forjado por Freud, sob o nome posterior de "primeira tópica do aparelho psíquico", é reconhecido como tendo o foco justamente nas questões tópicas e dinâmicas das forças intrapsíquicas.

Psicanalista em formação pelo Depto. Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; licenciado em Filosofia pela USP, com estudos voltados à Estética, acerca das vanguardas artísticas do século XX e do Tropicalismo. Atualmente atende em consultório particular, é Coordenador do Grupalavra (AT e psicanálise). Coordenador do grupo de estudos sobre "A compreensão estética dos sonhos e das palavras" e do Núcleo de Fomento à Filosofia, da Comissão de Projeto e Pesquisa deste Departamento

O conceito do *Inconsciente* foi erigido nas obras freudianas da última década do século XIX e na primeira do século XX para dar conta dos fenômenos como os sintomas (histéricos). Medicamente falando, a extração dos sintomas era o objetivo primevo. No caminho da cura tropeçou-se em uma lógica obscura à razão; Freud abriu-se para uma viagem ao mundo do sentido por debaixo das doenças histéricas, tomando o sintoma como uma linguagem sobredeterminada por esse desconhecido, traçando paralelos e perpendiculares entre outros fenômenos que "o" ajudaram a universalizar o Inconsciente - além dos sintomas, os sonhos, a "psicopatologia da vida cotidiana" e os chistes[1]. Assim, atingiu em cheio o umbigo da razão moderno-cartesiana, donde se sustentava que a psique correspondia somente à consciência. É verdade que as portas para esta crítica já vinham se abrindo desde Nietzsche (1886, p. 21 e 22), quando em 'Além do Bem e do Mal' (aforismo 17), para nos determos em apenas um exemplo, afirma que "um pensamento vem quando *ele* quer e não quando *eu* quero".

Tratando de compreender nossa escolha pela palavra como linha para tecer esta roupa, podemos puxá-la por diversos fios; primeiramente, o fio mais livre, mas não pouco importante, nos é dado pela luta dos poetas:

> Sabe o que é estilindrado?
>
> Estilindrado é uma caixa. E um delírio. Como toda caixa, foi construída para guardar algo. A ideia de que a caixa já nasceu guardando o que está dentro dela hoje é um delírio. O que existe mesmo, este algo, veio antes. A caixa é também uma tentativa; compreendemos que é uma tentativa de apreender algo. Algo anterior, primário, este algo que existe antes dela, e que quando não estava guardado estava perdido. Para que lhe explicasse o que este som - es-ti-lin-dra-do - tratou de apreender, eu deveria usar muitos outros sons, os quais chamamos palavras; como estas: "estilindrado é um sentimento de tristeza fina,

1. E suas obras correspondentes: *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895); *A Interpretação dos Sonhos* (1900); *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901); e *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905).

mas muito profunda, que faz comigo como cristal que racha e chora quando morre um Vô Manoel, mas é mais; é também não dar conta de descrever o que é; e ficar ali, meio perdido". Se abrir-me com um bisturi não encontrará um estilindrado. Estilindrado é uma palavra, um som, um delírio. E que esta palavra de 12 letras é somente um nome. O tudo é tão raso; nele não cabe nada. O nada é que é tudo profundo. Todas as palavras devem ter nascido assim, do "nada". "Que cara é essa, rapaz?"; "Nada não...". Cara do que viria a ser 'estilindrado'. Primeiro havia ali dentro do ser um sentimento, uma imagem de um algo, um troço. Depois é que ele construiu uma palavra, como uma caixa, onde pudesse guardar tais sensações e / ou imagens. Mas é que nascemos e depois ganhamos várias caixas, com coisas já dentro. Podemos abrir tais caixas, revisitar o seu conteúdo, dado a nós em um tempo do qual não temos lembrança. E vamos agindo como se elas fossem naturalmente cerradas; não, caixa pode ser aberta! E talvez por essas caixas com mesmo nome é que tudo se confunde, e nos iludimos de compartilhar os conteúdos: minha palavra-caixa "amor" guarda o mesmo conteúdo que a sua palavra-caixa "amor"? "Você me ama" ... O que isso quer dizer? Eu, como poderei saber, se a tua palavra "amor" foi construída para guardar uma coisa que só você experimentou? Daí que só 10% é verdade, o resto é vontade, ilusão. A pessoa me dá a caixa dela, mas eu só tenho a minha... Vou abrir e revisitar as palavras-caixas.[2]

A palavra é uma óbvia tentativa de apreender e dar contorno a um algo submerso. É uma representante de algo anterior, mais primitivo, mais complexo e impalpável. É, portanto, uma construção; por ser uma condensação (vide acima quantas palavras/ideias cabem dentro da palavra-caixa "estilindrado") há sempre um embate em cada escolha da expressão, pois a palavra já nasce falida desta tarefa de comunicar fielmente o que o Eu quer, já que este é uma pequena "parte" do sujeito limitado frente seu próprio universo, dentro do qual o obscuro é a fonte do conteúdo das caixas. A palavra seria, portanto, sua arma e armadilha. Entende-se que ela é fruto de um processo secundário de apreensão, pois é posterior; assim como a caixa construída sob medida

2. Autoria própria.

para abrigar o conteúdo que guardará. O funcionamento do processo secundário trata de organizar coerentemente. Qualquer de suas caixas tenta apreender o primário - um mundo para além da palavra. O poeta brinca com esses trânsitos entre instâncias coerentes e incoerentes ao sujeito consciente, o Eu: a condensação e o desmembramento, o deslocamento, a sagacidade, a rendição à regra ou à lógica primária; a poesia, próxima aos chistes, passa por aí. A "perna" - palavra - por exemplo, condensaria uma enorme gama de ideias sobre o objeto sobre as quais ela se refere, tais como: "dupla de membros inferiores, utilizados para a locomoção e etc."; não porque proibidas, mas por conveniência: palavras-caixa.

Há também o fio da "cura pela fala", inaugurada por Freud. De longe, o sintoma parecia um "mal-funcionamento" da mente ou do órgão afetado; Freud escutou de perto e flutuante as associações livres para descolar-se da crítica ao *nonsense* de uma perna parada e buscar outros sentidos; encontrou-os regidos por uma outra lógica que não a secundária e "racional". Pôs-se a escutar a palavra para além dela, o que ela representava, e também a falta dela. De onde vem, e por que não pode virar palavra, ou é palavra interditada? A perna parada seriam palavras deslocadas e condensadas, proibidas para o Eu: "Eu desejo o meu cunhado para mim, mas só minha irmã morrendo é que tenho alguma chance. E aí, basta eu dar um passo e pronto, consigo ele para mim"[3]; tudo isso converteu-se condensado em um sintoma. Dentre o propósito de proibir, manter proibido e posteriormente converter, o Eu dispôs de enorme energia/ quantidade de afeto: construir perna parada não é pouca coisa. O trabalho da análise seria capitalizá-los novamente refazendo o caminho por linhas tortuosas. A tal racionalidade, antes rainha, ocuparia definitivamente um espaço secundário e restrito: dava conta apenas e talvez de uma pequena parte de algo que funcionava sem qualquer notícia, ininteligível. E além: a falta de controle da maior parte do que nos habita não seria exclusividade dos "doentes", mas universal.

3. FREUD, em *Estudos sobre a Histeria* (1895d). [Edição Standard Brasileira, v,II, p. 205 e 216, IMAGO Editora, 1974. As palavras da paciente, Elizabeth Von R. não são citadas textualmente aqui.]

Há outros fios. Mas vamos logo vestir a roupa. Em verdade esta roupa é tão menos superficial que a pele e que a carne e os ossos, tão invisível e tão primária, que não podemos cair na ilusão de pensar que em alguma vez não a estamos vestindo.

A palavra é secundária. É uma casa de concreta de bases lisas. É uma coisa. Pode pegá-la você, derrubá-la, quebrá-la, construí-la. Ela vem do barro, ou de qualquer substância mais simples, pouco romântica. Concreta como caixa. Dentro tem surpresa. O óbvio da palavra - uma caixa - é pura sensação pra não acharmos que estamos sós.

"Vô, tô com sede, quero águia!". "Não é águia, nego... é água.". "Tá bom... quero água.". Criança no parque de diversões: "Vô, quero bagaria!". "Bagaria?". "É, quero bagaria!". O avô, girando, procurando a bagaria como coisa em algo que pudesse ser visto, procurando a palavra concreta ao redor, qualquer coisa parecida que pudesse entrar dentro da palavra-caixa "bagaria", que o menino há pouco lhe apresentara. O primeiro contato do garoto com a água, do avô com bagaria... Dentro da caixa "água" e da caixa "bagaria" tem surpresa. Dia seguinte, reflexivo, e depois cansado de pensar, abandona a lógica secundária e cai no submundo das palavras - o mundo "infantil" - e algo ecoa em sua lembrança: "Bagaria, bagos, porcos, restos, coisa ruim. Bagaria, porcaria": o avô se lembra do dia anterior, quando caminhava pela mesma feira do parque de diversões com o neto no colo, e o garoto pedia: "Vô, quero maçã do amor!". "Ah não, nego, isso é porcaria!". "Vô, quero bagaria!". Pronto. Uma criança poeta em seus ouvidos de avô. Por que água não voa? Por que não bebemos águia, não comemos porcaria ou bagaria e não dizemos que todo político é uma grande maçã do amor? Os deslizes das crianças nos revelam: o primeiro contato com cada palavra é um espanto. 50% é mentira, o resto é delírio; palavra é invenção. A maçã-do-amor dentro da caixa bagaria! A palavra é ensaboada e desliza na mão da criança, do poeta, do palhaço, e mesmo à contragosto, dos acostumados. Neste sentido é que compreendemos que a palavra é tentativa do sujeito de dar conta de um troço que existe sem nome, antes até da imagem, de atrás da consciência. A criança sabe o que quer, o nome é que desliza. O querer vem antes. Em palavras freudianas, as palavras são o conteúdo manifesto de ideias latentes. A palavra é o que aparece, e o que aparece é sobredeterminado

por elementos que, muitas vezes, habitam o sujeito, mas que foram jogados por seu Eu ao escuro, ou simplesmente nunca foram apreendidos, colocados em palavras-caixas.

Claro: um poeta, transgressor da norma, obediente às sensações e em busca de nominá-las, pode sim dizer:

O rapaz, apaixonadíssimo,
É como se bebeu águia demais,
E ficou com aquela estranha sensação
de gigantes borboletas no estômago.
E tudo era tão lindo
Que olhou pro céu e viu
Pombos, gaivotas, urubus, pintassilgos, canários e uma enorme água
Que voava!
não chovia neste dia. [4]

O que o poeta faz com a censura, esta película que está entre as instâncias psíquicas, e que barra, mas também possibilita a transcrição de um material para ser apreendido e trabalhado por uma outra lógica, outro modo de funcionamento? Como ele se porta quando diante de algo que o habita, mas que lhe é estranho e desobediente à coerência? O que faz o sonhador e o palhaço, que brinca e faz chistes? Qual o posicionamento do sujeito do "consciente" frente a seu conflito, seu desejo? Quanto eles se deixam levar pelas frouxas amarras da palavra com o que ela representa, ou seja, a caixa sonora com seu conteúdo?

O que se encaixa ali é o encaixador quem sabe. Neste caso, é chiste. Ou não sabe. Nesta casa, ato falho. Claro que há aqui um certo exagero sobre o completo domínio da lógica primária por aquele que faz um chiste ou uma poesia. Ele também surge "involuntariamente". Somente é importante frisar que há, neste sujeito espirituoso - com "Witz" - um aparente reconhecimento de sua fraqueza como motorista, e disso faz um ganho, não perda: em um deixar-se entregar ao terreno escorregadio, ele supera a censura sem medo e sabendo

4. Autoria própria.

que a palavra desata, como todo fio, mesmo o fio lógico: pois palavra comunica entrelaçada, independente da coerência, regida por processo coerente e secundário ou irrompida pela infantilidade do primário. O - poeta - bebe - águia. O discurso é um laço entre todas as caixas; a palavra é uma caixa com surpresa dentro. É uma casa e seu habitante.

Freud (1905, p 160):

> O pensamento que, com a intenção de construir um chiste, mergulha no inconsciente está meramente procurando lá a antiga pátria de seu primitivo jogo com as palavras. O pensamento retroage por um momento ao estágio da infância de modo a entrar na posse, uma vez mais, da fonte infantil de prazer.

É o garoto do parque de diversões que cresceu com a história da bagaria, da maçã do amor, da águia... Tratar a palavra como se fosse coisa... Mas ela é coisa; o resto é ilusão.

Nos sonhos bem que é possível tomar uma águia. No sonho, "eu tomei águia", só isso, e simples assim. Como diz Freud, o sonho é o território da "representação alucinatória"; onde substituímos o "Oh! Se ao menos eu fizesse..." pelo "É... eu faço". Há um rebaixamento da censura, o que não quer dizer que ela inexista. Tanto que o trabalho de análise dos sonhos nos indica certas deformações do material para driblar a censura, usando-se de deslocamento, condensação etc. Os motores dos sonhos são ideias latentes que não deram vazão - desejos inconscientes que foram reprimidos da consciência por algum motivo ou que não tiveram tempo de realizar-se - e que continuaram carregados mesmo sem acesso ao consciente, mas buscando vias de descarga; quando viram em algum "resto diurno" a oportunidade de vestir-se de legalizado e desimportante segundo a instância crítica, vestiu a roupa, juntou carga e foi em frente; chegou ao polo motor e teve de dar meia volta. "Esse cara dono da boca está dormindo." Regrediu atraído por complexos ainda mais primitivos, mais inomináveis, mais sensações até que imagens, atingiu o polo perceptivo, tornou-se um "percepto" e chamou a atenção da consciência: sonhador alucinou, bebeu águia. Fora da instância coerente, a palavra é mais percebida como 'coisa': por exemplo, a sonoridade - como a imagem de uma caixa - é

mais importante do que o que ela significa/representa - como o que há dentro da caixa. Água é similar à águia. Isto é coisa de inconsciente, ou de gente que trabalha com isso: poetas, palhaços; mas também de crianças, sonhadores e novamente os normais desavisados. Mas que trabalho bem feito, não? Transformar um montão de ideias latentes em uma imagem simples - beber águia. Temos acesso ao trabalho do sonho pelo seu reverso: o trabalho da análise, pela associação livre:

O sonhador foi dormir com sede (restos diurnos); seu pai vive nos Estados Unidos; o símbolo americano é a águia; ela sobrevoa continentes e viaja durante as noites; sua mãe não se relaciona bem com seu pai; um dia o jovem pediu à sua mãe para ir visitar o pai e foi proibido de ir de barco, ou seja, nada de água. Para não desagradá-la, bonzinho que deve ser, "esqueceu" o assunto. Logo, tomou águia para voar e ir além do mar.

O parágrafo anterior, com 80 palavras, nos diz o quanto há de condensação no sonho. O sonhador contou o sonho manifesto por apenas 3 palavras: "Eu tomei águia". O deslocamento operou-se, por exemplo, nas cargas proibidas da água que separa os continentes e os pais, e desagradaria a mãe, para a águia que viaja. A realização do desejo proibido foi deslocada de "Ah, como eu gostaria de visitar meu pai pelas águas com o navio", pelo de fato "beber águia".

Em Freud (1905, p. 156) sai sonhador:

> Primeiro, o transplante dos resíduos diurnos pré-conscientes ao inconsciente, no qual devem operar as condições que governam o estado de sono; depois, dá-se a elaboração onírica propriamente dita no inconsciente; e em terceiro lugar, a regressão do material onírico, assim revisto, à percepção onde o sonho se torna consciente. [5]

Em Freud (1905, p. 157) entra espirituoso (ou palhaço poeta?): "Um pensamento pré-consciente é abandonado por um momento à revisão inconsciente e o resultado disso é imediatamente capturado pela percepção consciente."[6]

5. FREUD, *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, p. 156.
6. Idem, p. 157.

Mas vamos utilizar nossos sentimentos de leitor: é provável que quando lestes o título deste trabalho tenha-te surgido um sorrisinho no canto da boca ou uma crítica do processo secundário: "Será um erro de digitação, uma água com 'i'?." Mas fiquemos com o sorriso. Por que o sorriso? Ora, enquanto imaginamos e somos surpreendidos, espantados, pelas sequências de palavras e com os ressignificados que a sequência entre elas, vai nos convidando, o riso vem irrompendo. O poeta bebe águia. Mas se antes o chistoso ou o poeta avisasse do que faria, não haveria graça: "Veja só: farei um jogo de palavras. Dizem da liberdade do poeta para trocar coisas, e que o seu pensamento pode voar. Então eu posso pegar uma palavra de ave que soe como água e dizer que ele bebeu, pra redizer ao mesmo tempo que ele pode viajar em pensamentos. E digo: O poeta bebe águia." Assim não tem graça. O riso indica a superação da crítica dando-lhe um drible: o ouvidor acha ótimo aquilo que no primeiro instante lhe soou "errado", e ri. E para isso há de ter o fator surpresa: primeiramente o encadeamento coerente para um repentino *nonsense*, para depois ampliar os "sense".

A crítica da instância secundária, que preza pela coerência e a inteligibilidade, que Freud desbancou da primazia, olha uma poesia ou a fala de uma criança e ri. Ridiculariza: "Que gracinha, ele fala errado." Manoel de Barros (2010, p. 397), então, escreve o *Tratado geral das grandezas do ínfimo:*

> A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei.
> Meu fado é o de não saber quase tudo.
> Sobre o nada eu tenho profundidades.
> Não tenho conexões com a realidade.
> Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.
> Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias.
> Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
> Fiquei emocionado.
> Sou fraco para elogios.

Será que quem insultou Manoel de Barros de imbecil foi seu processo secundário? Manoel de Barros triunfa, "não entende", esvazia a caixa-palavra "imbecil" - tira seu significado moral - e coloca outro, já reforçando as suas

intenções: eu não erro, eu subverto, pois essas suas regras não me bastam. Manoel pega a caixa-imbecil. Recebe-a como um presente, abre-a, como se fosse um completo "imbecil", e mostra outro conteúdo da caixa, além da aparência, deslocada da aparência. O Eu-Manoel triunfa, bobo que é.

The poet drinks eagle; the dreams and the words

ABSTRACT: *The article proposes a place for the "word" and the poetry within a set of Freudian works about the "Formations of the Unconscious": Studies on Hysteria (1893-1895); The Interpretation of Dreams (1900); The Psychopathology of everyday life (1901); and Jokes and their relation to the Unconscious (1905).*

KEYWORDS: *Formations of the unconscious; poetry; dream; freudian slip (parapraxes); joke.*

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. Tratado geral das grandezas do ínfimo [2001]. In: *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1895). In: *Publicações pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos (1886-1889)*, v. 1.

(1900). *A interpretação dos sonhos*, v. 4-5. (1901). Sobre a *psicopatologia da vida cotidiana*, v. 6 (1905). *Os chistes e sua relação com o Inconsciente*, v.8.

NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal* (1886). 2 ed. São Paulo: Cia de Bolso (Cia das Letras), 2005.

Eduardo Rodrigues de Lara
Rua Coronel Lisboa, 675
04020-041 - São Paulo
eduardo.rlara@gmail.com
(11) 9 8383 0086

Defesas Primitivas: arrogância, identificação projetiva, estupidez.

CECÍLIA NOEMÍ MORELLI FERREIRA DE CAMARGO

PRIMEIRO ATO

Começo com Fernando Pessoa:
"Se o homem fosse, como deveria ser,
"Não um animal doente, mas o mais perfeito dos animais..."
(*Obras completas* de Alberto Caieiro, Nobel, 1980)

A sobrevivência do homem, ao nascer, depende fortemente de um outro que possa cuidar dele: o homem nasce menos acabado, menos preparado... Ó maldita metade que me pertence e não está em mim!

É do seu destino ao nascer, além da tarefa de se transformar em ser humano, a luta pela sobrevivência: nasce biologicamente não capacitado para busca e encontro daquilo de que depende sua vida. Depende de que o outro o encontre! Ó maldita metade que deveria estar em mim e não está!

Esta marca é indelével e o acompanha sempre reforçada pela sempre presente possibilidade da não sobrevivência, da morte.

A tarefa complica-se geometricamente desde o início: o outro que deverá cuidar do primeiro padece da mesma história. É totalmente desamparado e tão louco quanto aquele de quem deve cuidar.

Dupla dependência: o outro precisa encontrá-lo: ele precisa consentir em ser encontrado. E, esta é uma condição desfavorável do animal

Graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP e Psicologia pela Unip, Mestrado pela Escola de Comunicações e Artes – USP, Psicanalista pelo Departamento Formação em Psicanálise – Instituto Sedes Sapientiae, Professora e Supervisora do Curso de Especialização Formação em Psicanálise - Instituto Sedes Sapientiae.

homem, já que mais complexa que a dos outros animais (é por isto que a tristeza vale muito, nos momentos mais penosos).

O valor deste outro fica potencializado, pois é o único que pode amparar o homem na tarefa de que depende sua vida. Esta dependência, esta necessidade de ser 'amado' e protegido nunca o abandonará; transformar-se-á na odisseia vivida por ele, embora sua consciência disso seja nula ou rudimentar, no melhor dos casos.

Paradoxalmente, e por outro lado, a possibilidade de poder-se permitir ser cuidado é dada por uma 'genética psíquica' sobre a qual não há nenhum controle.

Será necessário um longo e complexo processo de ajuste entre o 'um e o outro que cuida da sobrevivência do um'.

Assustadora situação! Grandes riscos de não dar certo!

Todos já vimos como, além das diferenças físicas, externas entre os bebês humanos, há diferenças de outras ordens. Poder-se-ia dizer, diferenças de temperamento. Todos conhecem o bebê 'reclamão', o chorão, o bonzinho e tranquilo, o agitado, o ansioso, o maníaco, o obsessivo, o histérico, o fóbico... Sinais de dotações de que tipo?

O bebê humano nasce assim, destes jeitos ou é assim lido pelo outro que cuida dele como sendo assim, ou é o outro que não atende o que a ele é necessário, ou o quê? Retome-se a afirmação que 'aquele que irá cuidar, padece da mesma história'.

E assim, em qualquer alternativa, a assustadora situação está dada e presente.

SEGUNDO ATO

Na Grécia antiga havia uma deusa chamada Hybris, que passava a maior parte do tempo entre os mortais. Representava o conceito chamado 'hubris': 'tudo que passa da medida', descomedimento aludindo a desprezo audacioso até a imprudência frente ao espaço alheio, unido à falta de controle sobre os próprios impulsos, a sentimento violento ligado a paixões exageradas, consideradas como doenças por seu caráter irracional, desequilibrado e levado à fúria (à Até, cegueira da razão).

À hubris se opõe sofrósina, ação moderada que o homem exerce sobre si mesmo, prudência, bom senso, comedimento. A moral grega que propõe a concepção de hubris como infração, apresenta-se como a moral da mesura, da moderação.

Nos tempos modernos, estudiosos como Freud, e mais recentemente Bion, estudaram personagens mitológicos, onde puderam explorar aspectos desses personagens tomando-os como símbolos de certas patologias. Bion escreveu um texto sobre arrogância(1) onde, a partir dos personagens míticos, apresenta reflexões que permitem constatar a atualidade do tema - orgulho exagerado, arrogância, insolência e estupidez, no sentido de estultice, burrice, como força maior que a inteligência e a esperteza.

O significado de arrogância, na língua portuguesa é: ter como seu, atribuir-se; o atribuir-se um conhecimento, qualquer direito a ele ou a qualquer coisa, a **qualquer preço**. O atribuir-se sem medida vem conduzindo o homem, do antigo ao moderno à Até, cegueira da razão. Acrescente-se um extremo julgamento moral, e o ter-se a sabedoria daquilo que está certo ou errado não importando o que é verdadeiro. O arrogante quer ter razão, não quer se aproximar da verdade.

A soberba do desprezo pela existência do outro perdura inalterada desde a Grécia antiga, até nossos dias.

Fato curioso! Essa curiosidade, no entanto, anda de braços dados com ignorância. Se, tudo sei, ou se, tudo me arrogo saber, minha curiosidade não me leva ao processo de descoberta, menos ainda ao de criação. Se sou arrogante, sou o saber, a onisciência e o tudo ter.

ENTREATOS

Fado cruel!

Como enfrentar o despreparo, o desamparo, os perigos do mundo sem este outro que tem o que me falta, sem amor e proteção deste outro, sem...?

O que poderá acontecer nos próximos atos?

O que a profecia e os oráculos reservaram para o homem?

TERCEIRO ATO E EPÍLOGO

Aquele que puder suportar perceber a natureza de incompletude de que é feito, estará no caminho da salvação.

Simples assim? Lamentavelmente não!

O longo e árduo processo de conquista da aceitação da incompletude e dependência 'não é para qualquer um, é só pra quem pode'! E, trata-se de um

processo que só poderá se realizar na e com a presença do (talvez quase insuportável) outro. O um só poderá ser salvo por este **'quase'**. Quase da relatividade que será ou não suportada.

Se, puder escapar da soberba de tudo ser, tudo ter, tudo saber, tudo poder, tudo, tudo, entrará para o reino dos céus humanos e, mesmo que tristonho, poderá 'vencer', fazer-se cargo de seu despreparo, de sua fraqueza e poderá preparar-se, proteger-se, ser, mesmo não sendo o mais perfeito dos animais, embora triste por sua incompletude. Poderá construir fortalezas internas e externas que propiciarão uma proteção possível, embora tendo que aceitar tristemente as vicissitudes do acaso da vida e de sua natureza.

Mas, oh vaticínio terrível!

Pobre forte! Pobre todo, pobre tudo!

Em sua fraqueza do não suportar o não tudo, viverá na ilusão...

Passará pelos tempos vomitando sua fraqueza sobre o outro de quem depende não só para sobreviver, mas também para viver. Passará pelos tempos como dono de uma falácia moral, **tomada como a verdade** e enxergando apenas a si mesmo, obedecendo ao comando de seu superego ideal. Cego! Cego de si mesmo! Cego para si mesmo. Cego para aquilo que poderia salvá-lo, cego para o abrir-se para o outro...

Mas, como abrir-se sem jogar para dentro do outro aquilo que nele não pode ser suportado? Destinado à prisão perpétua do desfazer-se de si mesmo, daquilo que não suporta em si mesmo, perpetua a solidão de sua suposta e arrogada perfeição.

E, imperfeito, olha para o outro como imperfeito, arrogando-se divina perfeição, jorrando sobre o outro sua própria limitação, realizando seu fatídico objetivo de ser divino, sem ter sido apenas humano.

Notas: (1) Bion, W.R. Estudos Psicanalíticos Revisados, cap7:81-86, trad, Wellington Marcos de Melo Dantas. RJ: Imago Ed., 1988

Cecília Noemí Morelli Ferreira de Camargo
Av. Brig. Faria Lima, 1690, cj. 62. CEP 01451-001
011 99603 9043.
mormicam@gmail.com

O fim de uma análise

ESTANISLAU ALVES DA SILVA FILHO

Na última vez em que lá estive,
durante um instante só, momento mínimo,

uma gota desprendeu-se da dispersão dos dias.
Uma gota só.
Pequena, limitada, íntegra.
Um todo breve
que, se assim não fosse, não poderia ser vivido.
Se mais durasse, quem suportaria o entreato,
entreaberta porta ao esquecido,
àquilo que foi posto além do sonho?
Mas, por um instante,
um instante tão somente,
tudo o que fui e tive
em sensação veloz me faz visita.
Perpassa,
pasma,
completa,
passa.

[*Fronteira*, Ligia Cademartori]

A única coisa que interessa do que se fala é o que não se pode dizer. Mas o falar interessa. E quem sabe não se possa escrever algo d'isso. O real é

Psicanalista

dublado pelo simbólico, eis a morte da 'língua original'. Que coisa irritante. Ou triste. Ou angustiante. Não é, senão, justamente uma tal inadequação o centro de nossa atenção. Quando você se deparar com o sonho ou o fato da tristeza, como poderá vestir essa descoberta, com quais palavras vai vesti-la? E para quê? Ademais, uma vez que a gente queira dizê-lo, fica forçado a supor que há um interlocutor: e, a partir desse momento, a gente está na magia... Que o bem-querer e o Bem-dizer nos guiem nesse Silêncio povoado.

[UM-E-MUDANÇA]

A entrada deverá pressupor uma saída - uma terrível brincadeira que acaba com a cronologia ontológica, repetidamente, de saída. De fato, é por vezes a saída que sustenta e suporta uma entrada-empreitada, o que não quer dizer que a antecipação ativa da saída não se modifica durante o transcurso. A saída muda? A saída, muda!

Benjamin Disraeli (1804-1881), primeiro-ministro da rainha Vitória, dizia "never complain, never explain" - nunca queixar-se e nunca dar explicações. Isso não seria mal para um final de análise. Pode-se passar a vida esperando, pedindo um lugar ao Sol, queixando-se disso ou daquele outro. Que tal seria descobrir que nem um nem Outro existem? Que tal seria uma desaparição profunda, radical e autêntica da demanda? E, veja, precisamente pela desaparição do próprio lugar de onde se demanda. Não, mais exatamente, pela justa desconstrução das posições de demandante e de onde se demandar! Não, não é desconstrução, é constatação, é realização do não-lugar! É abandonar e abandonar-se. Sair da posição de objeto que se se coloca e se é colocado e, para mais além, deixar de colocar o outro que se ama em tal posição também. Suportas um estar que não implica prestar contas nem ter do quê se queixar?

É, vá lá, num primeiro momento, tem um ar de certo tipo de solidão cínica. E que risco, não? São os cínicos que, na história do pensamento, encarnam a condição do sujeito se conduzindo por aí como se o outro não existisse e, assim, se permitindo de tudo, sem pudor, porque não está esmagado, limitado pelo olhar do outro, do Outro, do Deus; um sujeito que vive no coração de seu ser, como se o outro não fosse senão semblante. Se forem como Diógenes não causarão mal a ninguém... [a lenda diz que esse grego, que vivia num

barril em plena rua, sentia tamanho desprezo pela humanidade que era comum vê-lo em plena luz do dia com uma lanterna acesa na mão 'à procura do homem honesto'].

A demanda há de desaparecer, mas não a sua causa, a sua cousa. Uma falta existe enquanto alguém espera preenchê-la. Quando ela se torna incurável, deixa de existir como falta. Talvez se torne uma cicatriz. Isto não exclui a moção! Só que, se não há um objeto adequado, pode-se menos lamentar, menos deplorar, ter menos nostalgia, e resta espaço para se aprender a fazer com o deslocar, os ininterruptos deslocares. Um deles, o do dizer - e aí vem o bem dizer.

Que é o bem dizer? Não é dizer o desejo, pois isso não é possível - o que a gente deseja, a gente não sabe. Trata-se de um saber fazer. É dizer, levando em conta que o desejo não pode ser dito diretamente, mas que é dito sempre entre as palavras. É saber dizer de lado, por alusão, é ter um domínio do alusivo e saber dizer a verdade pela metade, porque a verdade toda, se dita, se converte sempre em mentira ou insulto. Quando alguém diz ao outro "vou-lhe dizer toda a verdade", está ameaçando. O bem dizer é fazer-se responsável, da maneira segundo a qual o outro vai entender o que é dito. Esse é o desejo do analista. Seria o analista um sujeito que sabe o que diz? Não, ninguém sabe o que diz. Mas, o analista seria um sujeito que sabe que o essencial está entre as palavras e não nas palavras. Um analista - profissão impossível, dizia Freud; estafante, dizia Lacan - é um sujeito que aceita ser responsável pelos efeitos de seu dizer mais além do que diz, e que não pode se desculpar pelo fato de que não seria isso o que quereria dizer. O analista seria o que aceita isso até suas últimas consequências. Não sabe o que deseja e nem o que diz, mas está ali para se responsabilizar - à justa oposta posição [ou em justa oposição] ao analisante que, por estar em definida condição, é aquele que não diz o que queria dizer, que não o assume, ou o assume como erro e não como de validade; aquele que no indiscreto momento do lapso se põe a explicar, e a explicar que queria dizer outra coisa, que o que disse foi sem querer, por ali não se reconhecer. Ou, ainda, a se justificar. A responsabilidade de alguém começa quando deixa de lado o porquê e se encarrega do que produz. Não se trata do porquê produzi tal desgaste na vida, mas de como estou produzindo desgastes na minha vida e na dos demais, e como posso fazer-me responsável por isso. O final da análise contrai o

citado dístico alemão, de Angelus Silesius: <a rosa cresce sem porquê>. Cede-se do se querer saber o porquê das coisas, do querer-se inventar sentido, mas não sem também incluir um responsabilizar-se e, na justa medida do possível, de um surfar a onda e, sem-Tudo, tirar Um proveito d'Isso.

Como válido apontar, lembraria que a experiência psicanalítica dá um lugar eminente à função do engodo por suportar em si a função do analista. É o que mostra que o engodo pode sempre se tornar fraude, e que retorno, nesse último caso, não haverá. [Se o analista não puder suportar o semblante que lhe é atribuído, é do lado do analisante que a condição de objeto vai se manifestar] Um duro risco ao corajoso trilhar.

Aproximamo-nos do como as palavras se moldam em coisas... mas sem daí passar... porque prontos teríamos de estar para notar que ambas, etiquetas e cocoisas, nem uma nem outra, há! Como fazer vingar seres inviáveis? Sabe-se-lá... Mas faz diferença por trás da cortina passar para olhar. Ainda que seja para disso se envergonhar ou mesmo lamentar. Pois só por mentiroso se poderá passar. Se tem ou não tem algo debaixo da multidão de véus, não se saberá. Até porque é sem consciência que se desaba pelo alçapão aberto no caminho plano da existência, sendo-se remetido, nesta viagem no tempo, lógico, ao fundo do artifício em que se foi constituído. [Quem nos dera tivéssemos nos construído os alçapões vítreos do *Poema Orelha* de Carlos Drummond de Andrade; talvez assim a sensação de ter sido lançado numa situação contra própria vontade, de de repente notar-se sozinha num quarto estranho com aquele homem estranho em algum hotel cujo nome não se sabe, ficasse ligeiramente mais aceitável]. O pano espesso se desfia sobre a mesma matriz que o havia tecido.

Reduzir o imaginário campo [do m'Um-do à dois], reduzir as identificações [posições] e reduzir o fantasiar [o fantasma atravessar]. Dar uma volta pelos bastidores para saber como isso funciona, essa experiência de sem-sentido, não é sem efeitos. Ao contrário, tem consequências, as mais agudas: o sujeito é modificado no coração de seu ser. Pense você que alegria eufórica não haveria de ser ao deparar-se com o desvanecer daquele poder de esmagá-lo que você dava aos outros e ao mundo? Mas, também, conjuntamente, que tristeza depressiva advém da descoberta da inexistência dos lugares e das paixões que

giravam a seu redor! Não, não há glamour no fim. Nem honrarias. É singelo e tosco. Modesto. Não é de se admirar. É como o encontro dos trilhos de uma velha e enferrujada ferrovia com as águas do mar, num projeto que, ali, deixa de avançar. Deixa-se, talvez, abandonar. Enfim, o final de uma análise possibilita, sem garantias, que o sujeito efetue a troca da busca neurótica de um caminho que leve a algum lugar [exigência de um final feliz] pela certeza pacificadora de que todos os caminhos conduzem a nenhum lugar, desde que do impossível se possa recuperar Si.

OUTROSSIM

– 'E quem é que diz que um novo encontro com o real não me levará ainda, uma vez mais, a querer fazer-me escutar por um analista?' Consentir à divisão subjetiva tem que ver com amar-se na própria e irreconciliável parcialidade. E isso inclui o dignar-se a ouvir-se somente desde outrem, numa inescapável suposição de interlocução. Amar-se na diferença do que se pensa de si, na própria diferença de si. Pois eis o que é e do que se trata o 'inconsciente': precisamente uma fronteira intransponível ao ato de pensar. ['Ora penso, ora existo'; 'Ou não penso, ou não sou'; 'Penso onde não sou, logo sou onde não penso',] É por coincidência que se encontra o sujeito. Por ter-se feito coincidir os distintos num mesmo. Mesmo sujeito? Mesmo indivíduo? Mesmo momento? Distintas condições numa mesma posição? A psicanálise é o advento desta coincidência. A antifilosofia que ama o não-saber? Baboseira. Mas não uma baboseira sem consequências. Uma baboseira que põe o falar na linha do babar. Impossível falar; impossível não falar. Entre um não cessar de vir a ser e um cessar de ser, se está incessantemente num outro do que se é. Assim sendo, quem é que dirá que o derradeiro final não pode se dar? Que aquela não foi realmente e tão validamente a última sessão? Neste caso, o poema, por certo, consola. E a arte pode mais do que antecipar-se: ela pode mesmo encerrar o assunto, se assim se escolher. Nada obstante, não tendo certeza de ter me feito entender, mas com fé na possibilidade de demonstrá-lo, recapitulo, com o poeta Paul Valéry - numa leitura a ser realizada levando-se em conta o interlúdio psicanalítico -, que 'os meus versos têm o sentido que se lhes empresta' e que 'nem sempre sou da minha opinião'.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Note-se que esta não é a secção padronizada orientada por normas técnicas, mas, sim, uma última pontuação nesta articulação, uma consideração com relação à referenciação. Optar por essa figuração, com apenas Bibliografia e sem Referências Bibliográficas, permite sugerir e explicitar quais trabalhos foram consultados para confecção deste, sem que citações mais diretas e exaustivas ao longo da escrita reduzam o seu ritmo e a sua fluidez, além de, com isso, manter-se fiel a um bem, dito de um Lacan - enunciado a 10 de fevereiro de 1954 -, o qual faço questão de explicitamente agora referenciar: "se há ao menos um preconceito do qual o psicanalista deveria se desvencilhar pela psicanálise, é o da propriedade intelectual." [1]

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GOLDENBERG, Ricardo. *Política e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. *Do amor louco e outros amores*. São Paulo: Instituto Langage, 2013.

LACAN, Jacques. "Luz", lição de 15 de abril de 1980 do seminário "Dissolução". *Ornicar?* 22/23.

_____. O momento de concluir (1977). Em: *Revirão 2* - Revista da prática freudiana. Aoutra Editora, 1985.

_____. A lógica da fantasia. Em: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LAURENT, Éric. As entradas em análise (1994). *Opção lacaniana*, n. 12, 1995.

_____. Alienação e separação I. Em FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire. (Orgs.) *Para ler o seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MELLO, Humberto Haydt de Souza. *O manuscrito perdido de Freud*. São Paulo: Escuta, 1987.

MILLER, Jacques-Alain. *Curso de orientação lacaniana* (2010-2011): O ser e o um. (Inédito).

1. À página 397 de LACAN, **J. Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. [Ainda que, por precaução, nesta mesma linha, também opte por lançar conjuntamente um último disse-que-disse psicanalítico, que José Outeiral disse que Bion disse, que "O idiota que tiver seu nome impresso na capa de um livro vai pensar que o livro é dele."]

_____. Demanda e desejo. Em: MILLER, Jacques-Alain. *Lacan elucidado:* Palestras no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. Duas dimensões clínicas: sintoma e fantasia. Em: MILLER, Jacques-Alain. *Percurso de Lacan*: Uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

_____. *O osso de uma análise + o inconsciente e o corpo falante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.

MILNER, Jean-Claude. *A obra clara*: Lacan, a ciência, a filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

OUTEIRAL, José. *Adolescer*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

SOUZA, Octavio. Considerações sobre a fantasia no percurso analítico. Em: *Revirão 1* - Revista da prática freudiana. Aoutra Editora, 1985.

ZWEIG, Stefan. *24 horas na vida de uma mulher*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007.

Transmissão, transformações e evoluções em psicanálise.[1]

MARIA BEATRIZ ROMANO DE GODOY

Quero agradecer aos meus colegas e amigos, pela oportunidade que me foi oferecida de abrir os trabalhos deste ano, podendo ocupar este espaço tão caro e precioso para nós do Departamento Formação em Psicanálise. Agradeço aos que direta ou indiretamente trabalharam para tornar este momento possível, especialmente aos integrantes da Comissão de Eventos. Também agradeço a todos que aqui estão dando vida aos nossos desejos de encontro, trabalho e trocas.

Este é um momento de confraternização e de alegria. É com esse espírito que desejo falar e ser ouvida, pois meu objetivo é o de dar as boas vindas aos alunos e desejar um ano proveitoso a todos.

Em 22 anos de Sedes, é a primeira vez que falo com os psicanalistas mais jovens de outro lugar que não o de professora/supervisora. E trabalhar aqui no Sedes, sempre foi sinônimo de realização pessoal e profissional, pois esta instituição é plural, faz parte de nossa história política e psicanalítica e me permite desfrutar de trocas intelectuais e afetivas, que surgem tanto nos seminários teóricos e clínicos, que aqui tenho o privilégio de coordenar, como na relação com os colegas e amigos que aqui pude construir. Esses dois campos, da educação/transmissão e o trabalho realizado em meu consultório, atendendo pacientes e desfrutando da intimidade de tantas vidas, formaram os pilares da minha experiência de psicanalista.

Psicóloga, Psicanalista
Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
Membro efetivo do Departamento Formação em Psicanálise
Docente do Curso Formação em Psicanálise, Instituto Sedes Sapientiae
Docente do Curso de Pós Graduação em Psicoterapia Psicanalítica, UNIP

1. Texto lido na aula inaugural do curso de Formação em Psicanálise em 02 de março de 2016

Mesmo passados tantos anos, continuo a me encantar ao sentir o brilho nos meus olhos e ver esse mesmo brilho estampado nos olhos dos que compõem esses grupos quando, nesses encontros, a psicanálise vai tecendo, com seus fios invisíveis, contornos de outro universo, o do inconsciente, revelado em infinitas nuances que pouco a pouco alcançamos, tendo como inspiração o conhecimento deixado pelos psicanalistas que nos antecederam. Costumo dizer que, ao fechar a porta da nossa sala de aula, ou do consultório, criamos uma moldura, "instalamos um enquadre", e nossa atenção flutuante, nossa associação livre, nossa memória sonho e tudo o que isso carrega de criatividade, de sensibilidade e de conhecimento, abre um espaço "mágico" para que as transferências emerjam e possamos ouvir o que está sendo comunicado num código especial que a psicanálise promove.

Nosso lugar de psicanalista, seja o daquele em começo de formação ou do psicanalista com mais experiência, pode desenvolver uma compreensão particular da dinâmica que ali vai se configurando. Nesse espaço e tempo assim constituídos, uma história clínica de um paciente, um texto a ser ensinado e apreendido, ou uma simples conversa, servem de pretexto para o encontro ganhar volume e profundidade; para o contato com o que é mais íntimo e precioso, emergir: a linguagem que o inconsciente comunica e sobretedermina. Estas são marcas que o psicanalista carrega. Não só em seu consultório. Há analistas que abrem espaço para convites às diferenças, às transferências e expandem um lugar e um tempo. Isto vai marcando nossos espaços públicos e privados. Cabe a cada um de nós estarmos atentos para perceber em que enquadre estamos e o que vivemos, sentimos, captamos, podemos transformar. Assim compreendo a psicanálise viva e expandida, que não é só uma profissão, mas um ofício e um projeto de vida que merece delicadeza, autenticidade, verdade e respeito. Mas o que necessitamos para sermos psicanalistas?

Quando estava amadurecendo a comunicação de hoje, lembrei-me de um texto que me marcou: *Cartas a um jovem poeta*, de Rilke (1953). No texto, um jovem poeta perguntava a Rilke se seus poemas eram bons e ele, compreendendo que a pergunta era mais profunda, que continha o desejo de saber se poderia ser poeta, faz a seguinte afirmação:

O senhor está olhando para fora, e é justamente o que menos deveria fazer neste momento. Ninguém o pode aconselhar ou ajudar - ninguém. Não há senão um caminho. Procure entrar em si mesmo. Investigue o motivo que o manda escrever: examine se estende suas raízes pelos recantos mais profundos de sua alma; confesse a si mesmo: morreria se lhe fosse vedado escrever? (p. 22).

Acho que temos que nos perguntar se é possível viver sem a psicanálise e tudo o que ela nos oferece e exige, pois não se trata de obedecer a cânones, regras, leis, fazer disso uma obediência cega ou um ideal de vida. Mas de se oferecer às transformações que a psicanálise permite, em nós e no outro, por desejo e razões íntimas, levando em conta limitações, tanto nossas, como da própria psicanálise.

Falo do famoso tripé, exigido na formação do analista, este é um tema recorrente em aulas como esta, pois não nascemos psicanalistas; não viramos psicanalistas; não é só o nosso desejo que nos autoriza a sermos psicanalistas. O desejo é o nosso poderoso ponto de partida, nos sustenta, mas há uma construção a ser feita. Nesse tripé, a nossa análise pessoal é a parte fundamental nessa construção, nessa constituição de vir a ser psicanalista. Esse vir a ser próprio da análise é, para nós, o encontro com o nosso inconsciente, com o nosso passado atualizado na transferência e com o nossos presentes vividos. É a análise que nos prepara e nos ajuda a conhecer a psicanálise, realizar um estudo profundo e a atender os pacientes. Por isto é necessária durante todo o processo oficial de formação. Porém, ler e estudar exaustivamente os textos da teoria psicanalítica de Freud e de seus seguidores, sua metapsicologia, é o que fornecerá o apoio à prática clínica, sua sustentação. Mas, novamente é preciso salientar que esse ensino se dá numa relação acompanhada e orientada pelos mais experientes. O estudo e a leitura dos textos dos diferentes autores também necessitam de uma tradução que leve em conta o que há nas entrelinhas e nas entre palavras da teoria. Caso contrário essa leitura, ou esse estudo, correm o risco de serem "chapados", de não terem profundidade, não serem compreendidos ou, pior, serem distorcidos.

Dois aspectos merecem relevo: um, diz respeito ao fato do perigo de transformar a teoria em dogma fechado, acabado e religioso. Tanto de quem

acompanha sob sua responsabilidade os menos experientes, como dos menos experientes que podem engessar a sua capacidade de escuta e sua liberdade para aprender o novo, em nome de uma militância ou fidelidade teórico - "partidária" a um único autor, muitas vezes, escolhido precocemente. O estudo criterioso e crítico podem ser substituídos pelo fazer, obedecer, pegar carona nas ideias dos outros e de repetir o que o outro disse. Passa-se a viver de idealizações e não de sublimações.

O segundo aspecto é o que faz da teoria um "crivo". Assim, o psicanalista em formação muitas vezes deseja encaixar o que o paciente diz na teoria ou vice-versa. E, na clínica, o psicanalista necessita viver a experiência do encontro com seu paciente inteiramente. Escutá-lo! Sem teorias ou crivos, precisa aprender a escutar o que está sendo dito como algo novo a cada sessão, a cada encontro e a suportar o não saber, as dúvidas e incertezas que, inevitavelmente, ocorrem no processo analítico. Para haver encontro vivo é necessário esquecer o passado e o futuro, para que eles possam emergir como material de nossas associações livres, com qualidades oníricas, míticas, com possibilidades de gerar transformações e não verdades que engessam nosso pensar.

A prática clínica, junto com a supervisão dos casos atendidos, integra o outro ponto do tripé. Atender pacientes e supervisionar os atendimentos são o que dá sustentação a nossa formação. O espaço de supervisão e/ou de seminários clínicos é um lugar privilegiado onde, tanto aqueles que iniciam, como os mais experientes nesse ofício, podem encontrar a oportunidade de colocar a escuta de sua experiência de atendimento, sob reflexão acompanhada. É o lugar e o momento em que o psicanalista pode se ouvir e aprender a usar a teoria que vai estudando, para refletir sobre o que uma pessoa fala em análise e como lidar com esse discurso tão diferente daquele que normalmente usamos em nossa vida cotidiana. É nesse lugar que pode haver o encontro do psicanalista, com a reflexão sobre o objeto psicanalítico. É onde ele pode pensar sobre sua contratransferência, seus afetos, emoções, e sobre aqueles que o paciente suscitou; ter contato com as dúvidas e incertezas ligadas ao seu desejo de saber onipotente, que é bem desafiado em nossa prática, e perceber o valor de desenvolver a paciência e de estar atento ao seu próprio narcisismo. Portanto, a necessidade da análise pessoal, do estudo cuidadoso e crítico, da experiência

de atendimentos de pacientes e supervisões clínicas fazem parte desse campo que a psicanálise constitui. Para sermos psicanalistas nos submetemos voluntariamente a esse tripé. Faz parte da nossa tentativa de cuidar de nós e do outro, pois, por sermos humanos, somos passionais, carregamos sentimentos, emoções, afetos não só angelicais; carregamos amor, mas também ódio, medo, inveja, ciúmes, ternura, sedução, distúrbios neuróticos, perversos, psicóticos.

Há um custo emocional para sermos analistas e temos que nos aproximar de nosso aparelho psíquico, e conhecê-lo faz parte dessa escolha e desse compromisso. Bem como é preciso ter consciência de que temos que aprender fazendo e com alguém que possa nos acompanhar, nos ensinar. O ofício de criar ou desenvolver nossa função psicanalítica supõe depender necessariamente. Depender de criar um vínculo com esses outros mais experientes. Trata-se de uma tessitura sutil e delicada que essa artesania inclui. Esse é também o ponto aonde desejava chegar neste encontro: falo da IDENTIDADE PROFISSIONAL ou sobre O NOSSO TECIDO IDENTITÁRIO.

Quando inspirada em Rilke, que convidava o jovem poeta a olhar para dentro de si e a se perguntar se podia viver sem escrever, radicalizando o desejo, eu afirmo que é preciso escutar o que surge internamente, ao responder se podemos e desejamos ser psicanalistas. Essa resposta não se refere somente à profissão, pois surge mesmo antes de qualquer experiência, e nos fisga. Aí começamos a tecer nossa identidade de psicanalistas.

Quero com isso ressaltar que nessa escolha e compromisso vai sendo escrita também a nossa história singular com a psicanálise, feita de necessidades, desejos, transferências, transformações, evoluções... Vai se constituindo o nosso tecido identitário. Falo de nossa vocação que inclui o ontem, o hoje e o devir. Convida a observar uma lógica própria, com raízes na fantasia, no onírico, no não sabido. E, mesmo sem saber, vamos tecendo um "elo de ligação" entre a subjetividade e a cultura, durante nossos estados solitários, antes mesmo de atender nossos pacientes.

Quando me interessei pela psicanálise, lá pelos idos de 1970, era aluna da USP e tinha como professores de psicologia clínica e como supervisores alguns analistas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, com quem tive o privilégio de ser aluna e/ou supervisionanda. Faltava-me análise

e maturidade, mas me fascinava o que ouvia. Comecei a desejar ser psicanalista e não mais a psicóloga que atenderia crianças para ajudá-las a superar dificuldades escolares e familiares. Nessa época, fora a Sociedade, existiam grupos de estudo que eram oferecidos pelos psicanalistas e frequentados por anos, décadas, pelos simpatizantes da psicanálise, que assim iam construindo seus conhecimentos. A psicoterapia de base analítica e as supervisões de orientação analítica formavam o tripé daquela época.

Assim fui conhecendo Freud e me comprometendo com a psicanálise. Freud, como se sabe, preocupou-se com a transmissão da psicanálise, tentando cuidar para que o eixo de sua descoberta não se perdesse, e o campo tão rico e fértil não se pervertesse. Instituiu a filiação e com ela os institutos de formação como forma de cuidar da herança que deixou.

Freud foi, é e sempre será a nossa base. O grande mestre, o gênio que pôde realizar uma castração narcísica à humanidade, dizendo ao homem que o que ele sabia e tinha consciência não era tudo. Ele carregava seu inconsciente que o sobre determinava e o fazia sofrer, agir, desejar, pensar ser sem saber de si.

Quando falamos em psicanálise, falamos de Freud e de sua criação e descoberta, da riqueza de seus textos, da elegância de sua escrita. Da profundidade com que tratou assuntos tão difíceis e delicados, ainda mais para a época em que viveu, e sua coragem em desvelar os segredos da alma. Inclusive da própria.

Falando desde um contexto macro da psicanálise, seu conceito fundamental e fundante de Complexo de Édipo, que liga as pulsões capturadas pela linguagem, enquanto movimento de simbolização, que possibilita uma rede de representações seria o que liga natureza e cultura. Freud dedicou muito tempo de sua vida trabalhando esse conceito, desde 1897, quando escreveu sobre isso ao amigo Fliess. Nesse mito está representada também a presença da subjetividade humana e da luta contra a barbárie, ou da luta humana contra os aspectos destrutivos que nos habita, a nossa peste. Penso que essa seria a invariância encontrada na psicanálise, uma espécie de motor que transcende os tempos e as teorias psicanalíticas.

Mas, refletindo hoje sobre esta questão, percebo-me sensível e sensibilizada para outros vértices que já se apresentavam quando desejava ajudar

crianças com dificuldades de aprendizagem. Comecei a me encantar com a teoria kleiniana, mesmo estranhando sua prática clínica. Ela desfazia o enlevo dos textos freudianos e me obrigava a encarar o que de mais penoso e doloroso temos que enfrentar: nossa intimidade e subjetividade escancarada pelas dores e prazeres que nossas características e nossos sintomas deixam entrever. Durante todo este tempo de mergulho nos textos dessa autora e na psicanálise freudiana, com a sua releitura, pude ir descobrindo o valor de sua proposta: nem todos os pacientes, crianças ou adultos, têm mente organizada. Vinha um desafio: era preciso aprender a lidar com psicóticos, compreender as pulsões de vida e de morte, sua teoria das posições, os conceitos transformadores do Édipo primitivo, de inveja primária, o mecanismo de identificação projetiva, bagagem que muito me ajudou a conhecer e trabalhar com o abandono e o desamparo, frente a si próprio.

Tempos depois conheci a teoria de Bion, desde uma experiência como analisanda, por longos anos, quatro ou cinco vezes por semana. Percebi-me desejosa de conhecer esse autor mais a fundo e, sua história de vida e cultura erudita me conquistaram. Bion começou seu percurso como psicanalista sendo analisando de Melanie Klein. Porém sua obra se desenvolveu de forma original e fecunda, a ponto de se distanciar dela criando um corpo teórico de concepções próprias. Em sua obra é possível perceber a incorporação harmoniosa de uma dupla parental psicanalítica - Freud e Klein, mesmo tendo dado direções diferentes a postulados desses dois autores. Sua principal experiência foi analisar esquizofrênicos e outros pacientes muito regressivos. Conceitos como diferença entre personalidade psicótica e não psicótica, sua teoria sobre o pensar e o conhecimento, os ataques ao elo de ligação, a teoria sobre transformações e a diferença entre acolhimento, empatia e continente vivo e ativo, entre tantos outros, transformaram minha escuta e meu modo de trabalhar. Meu modo de ser também. Só aí busquei formação na Sociedade.

Muitos de vocês podem estar se perguntando: qual a importância desse histórico? Mas como estou focando a questão do tecido identitário na formação de um analista, desejo ressaltar a importância das escolhas, das transferências e das transformações que cada um de nós vivencia como algo precioso, sagrado e legítimo. As diferentes trajetórias não fazem de um percurso algo menor, pior,

ou melhor. Não há a verdadeira psicanálise, só mesmo a de Freud, pois foi ele quem descobriu e desenvolveu esse campo do conhecimento. De resto, somos todos herdeiros de Freud e fazemos transformações, evoluções.

Finalmente, é preciso dizer que uma apropriação de uma herança, especialmente como a que Freud e seus seguidores nos legaram, inclui enlutar. Enlutar para fazer mudanças. Este será um luto que equivale a renunciar à idealização que acompanha todo um processo de formação. Renunciar à figura idealizada do professor/supervisor, à perfeição dos institutos formadores, renunciar ao narcisismo da infância e poder aceitar os próprios limites: é o luto do outro no lugar idealizado da completude e a aceitação as limitações que todos carregamos.

A teoria, ou as teorias, só serão de fato úteis, se não forem herança morta. Se puderem ser criadas e recriadas pela experiência emocional viva. Caso contrário pouco acrescenta e pouco serve como elo de ligação para a criação, que o conhecimento do novo nos desafia a construir.

Atravessamos um momento delicado. Como nos disse Frei Beto em uma palestra aqui no Sedes, durante o ano passado: não estamos vivendo uma mudança dentro de uma Era. Estamos vivendo uma mudança de Era. Não sabemos ainda quase nada do que isto significa. O que foi útil e serviu a outros tempos, pode não servir mais atualmente.

Pode ser que a própria psicanálise, como hoje a conhecemos, desapareça. Mas, enquanto houver um psicanalista e um paciente que nele confia, haverá lugar para o desenvolvimento desse ofício. Aí cabe também uma responsabilidade ímpar a todos nós: a de manter viva a Psicanálise como método, como técnica, como metapsicologia que conserve o amor à herança deixada, que une os psicanalistas desde Freud; e a de permitir que aqueles que buscam, como vocês e como nós, o conhecimento e o desenvolvimento de si próprios, possam tecer ponto a ponto a construção da teoria com a prática clínica e com a subjetividade, fazendo do aprendizado, uma fonte e um interminável devir.

REFERÊNCIAS:

ALONSO, S. A apropriação das heranças no caminho da construção de um analista. *Jornal de Psicanálise/ Instituto "Durval Marcondes"*, SBPC. São

Paulo, v.38, n.69, p.165-77, 2005.

BARONE, L. Editorial. *Jornal de Psicanálise/ Instituto "Durval Marcondes"*, SBPC. São Paulo, v.38, n.69, 2005.

BION, W. R. *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

_____. *Transformações: mudanças do aprendizado ao crescimento.* Rio de Janeiro: Imago, 1983.

GODOY, M.B.R. Psicoterapia psicanalítica e a transmissão da herança viva: Os bastidores do processo de formação. In: SIMON, R. e LEVINZON, G. K. (Org) *Progressos em psicoterapia psicanalítica: Dez anos, uma história*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.305-330, 2006.

LA BOETIE, E. de. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta e A Canção de amor de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke*. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo: Globo, 1953.

SOUSA Neto, M. F. O ofício, a oficina e a profissão: Reflexões sobre o lugar social do professor. Cad. Cedes, Campinas, v.25, n.66, p.249-59, 2005.

ZIMERMAM, D. E. *Bion, da teoria à prática - uma leitura didática*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Maria Beatriz Romano de Godoy
Avenida Rouxinol, 84 cjtos. 44/45 - Moema
11 5093-9822
biaromagodoy@uol.com.br

A psicanálise é a ciência da falta

DURVAL MAZZEI NOGUEIRA FILHO

Durval Mazzei Nogueira Filho é psicanalista e psiquiatra, professor do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e membro aderente à Escola Brasileira de Psicanálise. É autor, entre outros, de *Psicanálise e Ciência: a Neurociência questiona?*, trabalho ainda não publicado, cujos eixos temáticos são abordados nesta entrevista: a diferença epistemológica entre psicanálise e neurociências, a imiscuição de interesses econômicos nas pesquisas científicas e a avaliação de psicoterapias. Este último tema foi, aliás, objeto de apresentações de Durval no X Congresso Argentino de Saúde Mental, no III Congresso Regional da *World Federation of Mental Health* e no VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, ocorridos nos meses de Agosto e Setembro de 2016. A entrevista foi realizada por Luana Viscardi Nunes e Telma Nunes de Oliveira Ximenes em 19 de Agosto de 2016, no Instituto Sedes Sapientiae.

Boletim Formação em Psicanálise: O que o motivou a trabalhar sobre o tema das neurociências?

Durval Mazzei: Basicamente perceber que é um tipo de discurso, um tipo de proposta, um tipo de apresentação ao mundo que compete com o discurso analítico. E, então, a minha intenção - além, é claro, de curiosidade - foi efetivamente tentar desenvolver um discurso que diferenciasse de modo marcante esses discursos que, num determinado contexto, seriam pura e simplesmente concorrentes. Às vezes, eu acho que os analistas têm o mesmo complexo

de vira-lata dos brasileiros [risos] ao acharem que, se a psicanálise pudesse ser confirmada em bases neurocientíficas, ela seria mais convincente, mais respeitada. Uma outra razão era justamente demonstrar o contrário: que esse é um modo de efetivamente fazer com que a psicanálise perca suas especificidades epistemológicas.

BFP: O cérebro hoje, no contexto histórico em que a gente vive, é uma espécie de celebridade. Foi alçado à condição de órgão cujo funcionamento parece representar a resposta última a todas as questões humanas. É uma redução explicativa que fica muito claramente ilustrada pela afirmação alegórica do neurocientista Francis Crick de que não somos mais do que um pacote de neurônios. Neste cenário, o que pode a psicanálise?

DM: Eu ri muito lendo os *Fundamentos neurofilosóficos das neurociências*, texto do Peter Hacker e do Maxwell Bennett, quando eles, comentando o *Astonishing hyphotesis*, do Francis Crick, dizem que a hipótese do Crick pode ser fantástica, mas é muito velha! E vão citar Thomas Hobbes (o filósofo autor de *Leviatã*), Jean-Pierre Cabanis (médico e filósofo francês no século XVIII), Julien Onfray de La Metrie (autor do *O homem máquina* e contemporâneo de Descartes que opta exclusivamente pela *res extensa*, desprezando *a res cogitans*) dizendo exatamente a mesma coisa que Crick. Essa redução explicativa é um tipo de discurso muito comum. O Hacker, que é um filósofo e também estuda as neurociências, e o co-autor dele nesse livro, o Bennett, que é um neurocientista, criticam duramente essa redução explicativa. Mas, por mais que um psicanalista possa ficar absolutamente simpático a neurocientistas que não seguem esse caminho redutivo, como o Steven Rose e o Gerald Edelman, a diferença epistemológica se mantém. O Steven Rose, por exemplo, é um autor que eu posso dizer que é um neurocientista lacaniano porque ele afirma que o que fez crescer o cérebro humano foi a linguagem. Ele se opõe à ideia de que cérebro humano ficou grande durante o processo de humanização e que aí então o humano aprendeu a linguagem. O Steven Rose fala exatamente o contrário ao afirmar que foi justamente a existência, no corpo, de um aparelho fonador ultracriativo que, ao começar a montar um monte de

sons, favoreceu com que o cérebro *sapiens* - que é como o Rose o chama - ficasse esse cérebro esquisito como é o nosso. Não é que, de repente, apareceu "por milagre" uma criancinha com um cérebro grandão e saiu falando e ensinou todo mundo, imagem que a meu ver ilustra a posição dos biólogos furiosos. Qualquer biologista sabe que mutação ao acaso acontece numa pessoa, não acontece de uma vez numa população inteira. Steven Rose é um autor, então, que até recomendo que os analistas leiam. Da mesma maneira o Gerald Edelman, que efetivamente se dá conta que não há como deduzir do cérebro um centro organizador. Esse centro organizador está em outro lugar. São os tais processos enactivos.

BFP: O que é um processo enactivo?

DM: Dificil explicar em poucas palavras, mas é uma coisa que implica uma espécie de globalidade na ação. Não há no cérebro um ponto central que organize tudo, como o Crick acredita, por exemplo. A redução explicativa é efetivamente uma coisa que não bota para debaixo do cu de cobra apenas a psicanálise, mas também a filosofia, a sociologia, as relações pessoais, o desenvolvimento das pessoas, criando uma espécie de objeto completamente privilegiado que domina o mundo inteiro. Isso é uma coisa muito curiosa: esses nossos cientistas nunca conseguem se afastar de uma proposição que se assemelha à proposição religiosa ao proporem uma espécie de centro organizador de absolutamente tudo. Se não é o cérebro, é o gene, se não é o gene é a proteína, se não é a proteína é a rede neural, se não é a rede neural é um setor do cérebro... a redução explicativa é divina, nesse sentido. Não há explicação mais reduzida do mundo do que "Deus criou".

BFP: A ciência empirista/verificacionista é, por princípio, essa espécie de religião que concebe o seu recorte do real como o único verdadeiro? Trata-se de uma questão de fundamentos, que está presente na própria epistemologia científica? Ou essa posição excludente resulta do uso, da manipulacão que a autoridade econômica sabidamente faz da produção do conhecimento, excluindo tudo aquilo que não serve a seus interesses?

DM: Eu só posso responder sim, especialmente em relação à segunda parte da pergunta. Um dos três grandes eixos temáticos abordados em meu artigo *Psicanálise e ciência: a neurociência questiona?* é aquele em que desenvolvo a ideia de que o interesse econômico favorece com que a tão alegada neutralidade da ciência - que o método empírico verificacionista por definição quer garantir - acaba sendo questionada. A partir do fim dos anos 1980 começam a ocupar os periódicos internacionais psicológicos e psiquiátricos as pesquisas sobre a eficiência das psicoterapias. São pesquisas feitas sem o devido cuidado, em que fica evidente que a questão é efetivamente econômica. Elas partem da seguinte injunção: "Vocês, psicoterapeutas, devem provar qual é o método psicoterapêutico mais eficiente. O método para isso vocês já têm, é o método empírico verificacionista." Só que o que ninguém chegou a se dar conta é que efetivamente o psicanalista, o cognitivista, o comportamentalista, o existencialista, o rogeriano, o psicodramatista... se vão fazer esses testes, vão concluir cada qual que o seu método é melhor. E se você pega um método que já nasceu com um formato breve estruturado, está claro que ele vai ser mais eficiente. Como eu digo em meu artigo, se eu pegar o melhor maratonista da história do planeta e fizer ele correr 100 metros com o pior velocista da olimpíada, o pior velocista da olimpíada ganha. Mas deixa a corrida chegar a 1 quilômetro para você ver onde é que foi parar o velocista: morreu, ele caiu! E o maratonista está lá correndo como se estivesse passeando na cozinha dele. É mais ou menos essa a comparação a se fazer em relação a pesquisas, cujo resultado só pode ser, do ponto de vista da ciência, uma falácia. É uma falha lógica, um furo lógico.

BFP: Eric Kandel, neurocientista entusiasta da neuropsicanálise, defende que as neurociências poderiam oferecer uma nova fundação para o desenvolvimento futuro da psicanálise, mais satisfatório do que a metapsicologia psicanalítica. E que para tanto que a psicanálise deveria ajustar-se ao método científico de investigação. Restaria algo de psicanalítico no projeto da neuropsicanálise?

DM: No Eric Kandel não. Mas, no Mark Solms e especialmente na mulher dele, a Karen Kaplan-Solms, parece que sim. Ainda resta algo de psicanalítico aí. O Kandel, na autobiografia dele, que se chama *Em busca da memória*,

conta que começou a sua vida profissional como psicanalista. Ele foi analisado e nesse *Em busca da memória* até demonstra uma certa gratidão pessoal à analise dele. Mas depois Kandel seguiu o caminho de pesquisar a memória, que é aliás, a meu ver, o fundamento do trabalho freudiano. Especialmente a primeira tópica freudiana é um trabalho gigantesco sobre a memória. Sobre a memória que aparece, que desaparece, que retorna, que se disfarça. É claro que em Freud ela está ligada a um sujeito, não é a memória como fato neurobiológico. E eu creio que esse método científico que o Kandel fala é o método empírico verificacionista. Ele é um sujeito que efetivamente acredita que só se pode fazer ciência nessas bases, que não há um outro modo de pensar racionalmente as questões que não seja essencialmente o empririco-verificacionista. Mas a gente tem alguns outros autores na epistemologia que efetivamente discordam disso. Por exemplo, o Gerard Fourez em seu escrito "A Construção das Ciências", que diz literalmente que não se pode acreditar que o mesmo método que serve para a física sirva para qualquer outra ciência. Um outro epistemólogo, Gilles Granger, defende o mesmo ponto de vista no escrito que se chama justamente *A ciência e as ciências*, abrindo a possibilidade ao pensamento científico, além da restrição de sua definição ao método de pesquisa. O analista é tão cioso dos seus conceitos e da sua construção teórica quanto qualquer cientista. Isso pode ser visto no trabalho do Freud, isso pode ser visto no trabalho do Lacan. É bastante interessante, e às vezes até uma coisa que impressiona, como os analistas, mesmo não tendo um método empírico verificacionista, diante de um caso clinico acabam falando daquele quadro clinico de uma maneira muito semelhante. Se você passar por baixo da diferença entre o linguajar de cada uma das significativas escolas psicanaliticas, pensa-se de maneira muito parecida. Sem, para isso, precisar de um método supostamente neutro que, digamos assim, é o único que pode garantir que eu não sou um canalha. Não é a toa que a questão ética é uma questão absolutamente fundamental em Freud, em Lacan, em Bion... em Melanie Klein eu não saberia dizer. Porque eu acho que todo mundo se dá conta de como é que eu posso transformar aquilo que se passa entre duas pessoas em algo que tenha um sentido transmissível. Aí sou contra, completamente contra os analistas que tentam fazer da psicanálise uma experiência inefável. Acho que o Bion é um grande representante

disso. De que o que se passa numa sessão analítica é tão sei lá eu de que jeito que eu não tenho como falar disso para alguém. Eu realmente creio que aí a gente se aproxima do misticismo, se aproxima de algumas coisas que eu não creio que caibam no discurso analítico. Mas o fundamental é poder perceber que há uma racionalidade que não deve nada a qualquer princípio iluminista no discurso analítico.

BFP: O Lacan reconhece que o conhecimento psicanalítico deriva da emergência histórica da ciência, mas entende que o modo psicanalítico de construir e transmitir saber difere do da ciência. Em que consistem essas diferenças?

DM: Há uma frase do Freud que eu acho que define essa diferença, que se não me engano está em uma das *Conferências Introdutórias*, que diz que o neurótico não sabe que sabe. Então nós, os analistas, somos um grupo de prestadores de serviço subversivos. Porque a gente parte do princípio que o sujeito que nos procura com uma indagação sabe mais que nós próprios. Eu creio que essa novidade no manejo do saber, que é o que define a epistemologia desde a psicanálise, é o que torna a transmissão da psicanálise diferente de todas as outras ciências, em que se parte do princípio que o cientista acaba de algum jeito sabendo mais do que aquele que lhe dirige uma pergunta. Esse é o ponto fundamental. Lacan efetivamente não considera a psicanálise uma ciência e acho que, quando ela fala isso, ele fala isso já em *A função do campo e da palavra*, eu creio que é uma espécie de provocação aos analistas que queriam fazer da psicanálise, no pós-guerra, uma ciência verificacionista e, ao mesmo tempo, é uma tentativa do Lacan de construir o campo psicanalítico como um campo epistemológico que não se confunde com a biologia, com a filosofia, com a religião, com a linguística. Então é uma tentativa de dizer: "Olha, o que a gente apresenta ao mundo é algo diferente." E por mais que seja absolutamente tentador eu me transformar num cientista, eu me transformar num filósofo, num biólogo, num sociólogo ou num linguista, eu tenho que dar um jeito de sustentar a posição da psicanálise como campo epistêmico novo.

BFP: Ou seja, esse Deus da ciência que tenta unificar, para a psicanálise, está dentro. É o sujeito que sabe.

DM: Eu acho que a psicanálise não é globalizante. Eu acho que essa é a grande novidade, a coisa da psicanálise. Mas, se formos pensar nesses termos, esse Deus aí tem que ser necessariamente um Deus manco. Ele não pode ser o Deus da onipotência, da onipresença. Ele tem que ser um Deus manco. E, como se falar em Deus manco é um paradoxo, então a gente vai pensar a psicanálise como... para eu ser provocativo... não como a ciência do inconsciente, não como a ciência da linguagem, mas a ciência da falta. E aí nesse sentido o grande, digamos assim, patrono da psicanálise seria alguém de fora da psicanálise: o Kurt Godel. A gente pode até fazer uma brincadeira com esse Godel: God-Godel. O Godel, como todo mundo sabe, é o sujeito que diz que nenhum sistema lógico pode provar em si mesmo a sua própria consistência. Nenhum sistema lógico se fecha em si mesmo. Godel é o patrono extrapsicanalítico da psicanálise. E que ficou maluco também como o Alan Turing, o Georg Cantor, John Nash... tem certas coisas com o que a gente não pode brincar! [risos]

BFP: Em que termos o debate entre psicanálise e neurociências pode acontecer?

DM: Só pode acontecer se houver o reconhecimento de que a epistemologia não pode ser única, que os recortes do real podem perfeitamente ser reconhecidos como tal. Assim como o Kandel há outro vienense, o Paul Feyerabend, um epistemólogo, que escreveu, por exemplo, *Adeus à razão*, *Contra o método*. Feyerabend foi um contemporâneo mais jovem que o Karl Popper que participou do Círculo de Viena e acabou sendo um oficial do exército nazista durante a Segunda Guerra, mas não sei se ele era propriamente um nazista. Este autor é um sujeito que defende o princípio da proliferação dos saberes, o que implica num princípio de proliferação de métodos. E aí, nesse sentido, o método analítico pode acabar sendo ungido e esse diálogo passa a ser possível. Isso se a coisa não for dominada pela injunção econômica que diz: "Vocês

discutam o quanto quiserem, mas digam para mim como vou gastar menos para tratar um esquizofrênico porque para mim é isso que interessa." Se não houver esse tipo de injução, eu acho que é perfeitamente possível esse respeito mútuo às diferenças no modo de recortar o real.

BFP: Mas, para além do respeito, uma colaboração seria possível?

DM: Eu acho que não. Acho que a colaboração fundamental seria o que chamo de respeito ao princípio metodológico, isto é, reconhecer a diferença entre os métodos. Por exemplo, se eu digo que a angústia, pensando em Freud, é um sinal de que algo do inconsciente vai aparecer, ou se digo que a angústia é a falta da falta, como diz o Lacan, ou ainda se digo que a angústia, cujo nome mercadológico é síndrome do pânico, é uma espécie de desequilíbrio dos neurotransmissores - acho que nenhum neurocientista e psiquiatra sério acreditaria nisso hoje em dia - são formulações em que se pode ver que não há uma colaboração possível, mas sim um respeito. Acho que infelizmente a gente tem que se acostumar com um mundo recortado mesmo.

BFP: Você conhece o trabalho do Benilton Bezerra, da Perla Klautau e da Monah Winograd. São psicanalistas que tomam plasticidade cerebral, epigênese e normatividade como conceitos-chave para o diálogo entre neurociências e psicanálise e propõem que o conhecimento sobre o cérebro pode auxiliar a psicanálise a teorizar e intervir nos casos em que a técnica interpretativa se mostraria inoperante. Eles falam, por exemplo, na clínica com pessoas que têm falhas básicas na constituição psíquica, seja por causas psicogênicas ou por lesões cerebrais, causas orgânicas, apontando para a necessidade de ações mais construtivas e menos interpretativas, em que o analista se pensaria também como um agente das transformações sobre a materialidade cerebral. Você vê alguma fertilidade nesse tipo de pesquisa?

DM: Eu conheço o trabalho da Monah e do Benilton e, inclusive, já falei com o Benilton sobre isso. Acho que esses conceitos são efetivamente conceitos que tornam o analista muito simpático ao discurso neurocientífico.

O Jean Pierre Changeux, um neurocientista francês fundador da noção de neuroplasticidade e autor de *O homem neuronal*, escreveu seu livro depois de uma conversa com quatro analistas da Escola da Causa Freudiana, o Alain Didier Weill, o Jacques Alain Miller, o Eric Laurent e acho que o Jean Bergès também. Esta conversa entre eles está publicada na revista *Ornicar?* números 17/18. Inclusive o Changeaux escreveu *O homem neuronal* logo depois da morte do Lacan. O criador da noção de plasticidade neuronal, Changeux, acredita que no futuro a gente vai extirpar a angústia do ser humano. Eu não sei como um homem que é brilhante, inteligente, lê poesia, lê filosofia, assiste Pasolini é capaz de pensar uma sandice dessa! Mas ele pensa. Eu acho interessante essa proposta do Benilton e da Monah, mas acho que o que eles falam é mais ou menos chover no molhado. Tem-se um conceito muito antigo na psicanálise que é analisabilidade e eu creio que o analista possa efetivamente se dar conta de que há certas coisas que não cabem no campo dele. Eu não sei se vale a pena eu fazer um raciocínio contrário e aí dentro dessa ideia de que eu preciso fazer da psicanálise uma totalidade, pegar uma coisa que tem como elemento de referência uma reabilitação pós-AVC, por exemplo, e chamar isso de uma psicanálise. Existem outras áreas que fazem isso. Se aquele trabalho da linguagem chegou até um ponto que não foi mais além, tá bom, a psicanálise foi até aqui. Se vale a pena continuar a psicanálise enquanto o paciente faz algum outro tipo de tratamento, isso pode ser discutido. Um dos livros que eu publiquei chama-se *Psicanálise e Medicina*, sobre o uso de psicotrópicos na clínica. Nele falo que medicar alguém não é analisar alguém. Você usa um outro tipo de saber. Qual o problema de se poder dar conta de que eu medico, que eu analiso, e que essas coisas podem ser tanto convergentes quanto divergentes? A medicação tanto pode favorecer para que o sujeito fale melhor na análise, como a medicação pode favorecer ao sujeito te dizer: "Pô, doutor, eu não tô mais me sentindo em crise, então eu não preciso vir mais, tá bom?" Esses conceitos a que o Benilton e a Monah se referem são conceitos que estão na obra do Edelman, do Steven Rose, de pessoas que não pensam as estruturas cerebrais como se elas fossem efetivamente pedaços de tijolo, em que só se precisa encontrar, reconhecer e descobrir qual é o pedacinho certo para eu poder manipular aquilo.

BFP: Existem muitas críticas em relação à psicanálise, no sentido de que ela uma hora não vai servir mais para nada ou de que ela já não tem qualquer tipo de utilidade. Parece a você que trabalhos como o do Benilton e da Monah são esforços no sentido de reconhecer a importância da psicanálise, mas que acabam por querer fazer dela um saber mais totalizante?

DM: Sim. Nós, os falasseres, - e isso é uma leitura efetivamente possível do Freud e efetivamente uma leitura descarada do Lacan - não suportamos os buracos e a gente procura preenchê-los de qualquer maneira. Uma tentativa como essa é uma tentativa de preencher buracos. É importante manter a psicanálise aqui e a reabilitação ali, e se dar conta de que há certas coisas que eu não vou tratar psicanaliticamente. Lembrem-se: a questão do tratamento da psicose sempre foi um problema para o Freud, por exemplo. Para os kleinianos me parece menos problemático porque eles têm uma noção de psicose muito ampla, a ponto de considerar que o meu sintoma histérico na verdade é uma defesa ao meu sintoma psicótico. Um kleiniano que me corrija se eu falei uma besteira. É um conceito muito amplo de psicose, que não é um conceito estrutural de psicose, que é o que está no Freud e é o que está pelo menos no primeiro Lacan. Isso sempre foi uma questão. Quando os neurolépticos surgiram lá no final dos anos 1950, os analistas ficaram muitos felizes porque eles poderiam analisar melhor os psicóticos a partir do momento em que tivessem tomado a clorpromazina ou a levomepromazina ou o haloperidol, que também é lá do comecinho dos anos 1960. Porque desse jeito dava a impressão que seria possível conversar com os psicóticos. Mas medicar e começar a agir com alguém orientando-o a fazer de uma maneira ou de outra não é psicanalisar. Isso pode ser muito bom, não estou dizendo que não é, mas não é psicanálise. Não que nós psicanalistas, às vezes, em algum momento na direção de análise, não precisemos fazer isso, isto é, deixar estrategicamente de lado o saber do Outro e fazer valer o saber ordinário.

BFP: Aproveitando que você falou do Jean-Pierre Changeux: em seu trabalho *Psicanálise e ciência: a neurociência questiona?* Você menciona que esse neurobiólogo afirma que o conhecimento científico não necessita de justificação,

mas sim de validação e demonstração. Você diz então que a psicanálise, em direção inversa, seria um conhecimento que se justifica e que não pode ser validado nem demonstrado fora do um a um da clínica. O que justifica a psicanálise?

DM: Boa pergunta...o que justifica a psicanálise é o reconhecimento da singularidade de cada sujeito. Fora da clínica do um a um não há psicanálise. Nós temos essa tendência à unidade, que eu acabei de dizer, e ela não é diferente a essa tendência de tomar parte de um grupo. Acho que não é à toa que de repente você chega numa praça e tem 50 pessoas caçando Pokemon, ou de repente tem 50 mil pessoas cantando *A Hard day's night*, dos Beatles, ou *Satisfaction*, dos Stones, como era na metade dos anos 1960. Acho que a gente tem essa espécie de vontade de união, que faz com que a singularidade sempre seja uma pedra no sapato dos pais quando conversam com os filhos, dos filhos quando conversam com os pais, dos amantes, quando eles começam a perceber que eles não concordam com as mesmas coisas. O que justifica a psicanálise é: reconheça que você criou o seu próprio sintoma e vamos ver como é que você pode trabalhar com isso de um modo que não te destrua tanto.

BFP: As pesquisas científicas não são isentas. Em seu trabalho você lembra o Andre Pichot, no livro *A sociedade pura*, quando ele aborda a colaboração entre a ciência e o regime nazista. Como você vê o cenário na atualidade? A ciência fomenta a sociedade de controle? De que maneiras?

DM: Antes de tudo: a ciência do controle do comportamento humano é a ciência que concerne a nós, psicanalistas. Mas acho inegável que a ciência hoje funciona na base de gigantescas somas de dinheiro que são dadas por instituições de fomento, públicas ou privadas, e creio que isso fala por si só. Há uma coisa engraçada e eu estou até para escrever sobre isso - mas não tive saco porque eu não sei se os interlocutores valem a pena: no campo psiquiátrico tem agora uma manifestação dentro desse clima do politicamente correto que se chama "psicofobia". Tem até psiquiatras que querem criminalizar essa fobia, a "psicofobia, que significa tratar com preconceito

uma pessoa que tem uma doença mental. Então tem: islamofobia, psicofobia, homofobia, putaqueopariufobia e sei lá o quê mais! Agora os psiquiatras estão querendo fazer valer isso. O que eu queria escrever, que tem a ver com a sociedade de controle, é que se trata do próprio discurso psiquiátrico que faz com que essa psicofobia prevaleça. Porque o discurso psiquiátrico vem de certa maneira sustentar que, se eu tenho uma doença mental, ou se faço uma coisa muito ruim - se eu mato alguém ou se eu não paro de comprar, não paro de trepar, não paro de comer... - eu faço tudo isso porque eu tenho um defeito genético. Quando alguém afirma isso, afirma que aquilo que me faz ser diferente está completamente fora do alcance do outro: está lá inscrito nos profundos miasmas do meu DNA e que, sendo assim, o meu tataravô já tinha isso e a coisa veio passando de geração em geração, escondido pela minha família, até chegar a mim. Esse discurso psiquiátrico me coloca como um sujeito efetivamente marcado pelo mal, marcado pela loucura ou marcado pelo descontrole. Creio que esse tipo de discurso acaba fazendo muito sucesso porque, você imagina: um pai que sabe que o filho tem déficit de atenção e que esse déficit de atenção tem uma relação com sei lá eu que merda que acontece no cérebro da criança, e, portanto, você, pai e mãe, se vocês fossem mais amorosos, menos amorosos, mais dedicados, menos dedicados, não ia adiantar merda nenhuma! No discurso mais radical é isso que se pensa. Eu acho que alguns psiquiatras pensam exatamente assim, só que também não é politicamente muito correto dizer isso, então eu acho que eles douram um pouquinho a pílula dizendo: "Se a senhora trabalhar um pouco menos, quem sabe o seu filho melhore." Numa sociedade do espetáculo e midiática esse discurso psiquiátrico parece se justificar, porque chega como que demonstrando para todo mundo que se precisa de fato de uma polícia mental para evitar que as pessoas façam grandes cagadas. Até os tais lobos solitários dessa coisa do terrorismo islâmico. Alguns deles, vocês já devem ter notado, o pessoal faz questão de dizer que eram doentes, tinham passado por um psiquiatra, usavam drogas, não sei mais o quê e, de repente, foram cooptados por um discurso que os valorizou. Já li isso para falar de um monte desses caras, principalmente o pessoal que faz os atentados na Europa.

BFP: Quer dizer o sujeito, a pessoa não tem nada a ver com isso. Nem ela, nem pai, nem mãe...isso é algo que acontece e que não implica o sujeito com o seu sintoma.

DM: E esse discurso acaba gerando nas pessoas uma coisa do tipo: "se é assim, então, quem é que vai controlar isso?". Aí se fomenta a sociedade de controle, mas é um discurso que a princípio é um discurso ideológico. Eu acabei de ler um texto do Philippe Labarthe, que é alguém até ligado ao campo lacaniano também, chamado *O mito nazista*. Uma aluna minha do Hospital do Servidor Estadual, quando viu aquilo, ficou meio estarrecida, como se aquele livro quisesse dizer que o nazismo foi um mito, não tivesse sido verdade. Mas o que ele escreve na verdade é que o mito nazista, ao contrário do que muita gente pensa, não foi algo que escapou completamente da racionalidade iluminista - o Labarthe diz que o mito nazista se inscreveu diretamente nessa racionalidade do Iluminismo e da ciência, que era exatamente essa ciência biológica que assume a tentação eugênica. O Julian Huxley, por exemplo, que é um biólogo renomadíssimo (tio do Aldous Huxley, que nos deu a *As portas da percepção*; *Céu e inferno*; *A ilha*; *Admirável mundo novo* e tal), e que era um membro da Real Academia de Ciências Britânica e um darwinista ferrenho, defende literalmente que a eugenia tem que ser feita. E o primeiro congresso de eugenia da história, que deve ter sido em 1910-1920, foi dirigido por um sobrinho do Darwin. Pode-se constatar que se tem todo um discurso gestado previamente ao nazismo que diz: "A ciência está demonstrando que a gente pode melhorar as pessoas, então se eu posso melhorar o pé de alface, por que eu não posso melhorar o humano?" Disso para "eu tomei o poder e não gosto de homossexual, deficiente mental, judeu, cigano e preto, então eu vou matar todo mundo porque eles são humanamente impuros" é um passo. E, então, não é produto de maluco ou de alguém que está como exceção de um discurso, é alguém que está inteiramente no discurso.

BFP: Você vê, em sua clínica, ressonâncias de um projeto de padronização, modelização empreendido por esse cientificismo contemporâneo? Estamos pensando sobre o paciente que chega ao psicanalista tendo passado

antes, por exemplo, por um médico que lhe deu um diagnóstico, ou então que fez uma pesquisa no Google e que nomeia o seu sintoma como algo que está dentro de um sistema codificado...então é quase como se ele anunciasse de início que não resta muito para ele fazer, aquilo já está dado, respondido. Isso tem aparecido na sua clínica?

DM: Sim. Além de psicanalista, eu sou um médico psiquiatra. Então é um prato cheio para isso. Mas daí eu volto à pergunta sobre o que justifica a psicanálise. O que justifica a psicanálise é a gente conseguir fazer valer, no meio dessa uniformidade inteiramente favorável à sociedade de controle, que o sujeito se dê conta da singularidade dele.

BFP: Como você vê a psicanálise nas universidades? Parece a você que o ensino nas universidades tenderia a equiparar a psicanálise a outras disciplinas científicas, destituindo-a de sua originalidade?

DM: Sim, certamente. Mas é aí que entra uma coisa que certamente não é a minha praia, mas eu creio que os psicanalistas não devem nem se furtar a esse debate e a essa prática. Há analistas que escrevem coisas que um lacaniano, por exemplo, quer se jogar da ponte, mas é interessante o serviço que eles prestam à psicanálise. São analistas como o Glenn Gabard, o Peter Fonagy, o Marco Chiesa, que têm feito trabalhos psicanalíticos empíricos. Psicanalistas dos países nórdicos têm um trabalho que eu até cito em meu artigo, que é um trabalho feito num segmento de três a cinco anos, demonstrando o quanto a psicanálise, três anos depois, é superior a qualquer outro método. Isso de vez em quando aparece até no *The Journal of the American Medical Association*. O *JAMA*, que é uma das principais revistas médicas do mundo, publicou há uns quatro anos um artigo afirmando que a psicanálise era o método mais eficiente dos métodos psicoterapêuticos. Acredito que temos que olhar para isso sempre com muita desconfiança, porque acho que a gente tem que sustentar a psicanálise num outro lugar e não nessa demonstração de eficiência, que é na verdade uma *mise en scène* para, sei lá, o Ministério da Saúde ou para o convênio médico não sei das quantas.

BFP: Mas não dá para se furtar dessa discussão.

DM: Não podemos nos furtar desse debate, nos encastelando em simpósios psicanalíticos para psicanalistas, sem participar de simpósios de filosofia, neurociências ou medicina. Esse isolacionismo é ruim.

Durval Mazzei Nogueira Filho
R. Almirante Pereira Guimarães, 298 - Pacaembu
11 3862 5716
dr.durval@uol.com.br

Luana Viscardi Nunes
R. Coronel Artur de Godói, 149 - Vila Mariana
11 3384 0575
luana.viscardi.nunes@gmail.com

Telma Nunes de Oliverira Ximenes
R. Manoel da Nóbrega, 456 cj 123 - Paraíso
R. Apucarana, 326 cj 13 - Tatuapé
11 99143-2236
telximenes@gmail.com

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

1. LINHA EDITORIAL

O *Boletim Formação* em Psicanálise, revista do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, tem por proposta editorial a divulgação de trabalhos relacionados à psicanálise e campos afins, em uma tendência contemporânea de integração e complementaridade. Nesse sentido, valorizamos a diversidade na busca de articulações com outras áreas e conhecimentos, tendo como finalidade maior a compreensão do sofrimento humano e a constante (re)construção metapsicológica.

2. NORMAS GERAIS

Os originais devem ser enviados para a Comissão Editorial da Revista *Boletim Formação em Psicanálise* (endereço abaixo). Se o material estiver de acordo com as normas estabelecidas pela revista, ele será submetido à avaliação do Conselho Editorial. O artigo será lido por dois membros do conselho, os quais poderão rejeitar ou recomendar a publicação de forma direta ou com sugestões para reformulações. Caso não haja consenso, haverá uma terceira avaliação. Se dois conselheiros recusarem o material, este será rejeitado para publicação. Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não aprovados. Sendo o artigo aprovado, sua publicação dependerá do programa editorial estabelecido.

Endereço para encaminhamento dos trabalhos:
Instituto Sedes Sapientiae
Departamento Formação em Psicanálise
Rua Ministro de Godói, 1484

05015-900 - São Paulo, SP / Brasil
Tel/Fax: (11) 3866 2730

3. TIPOS DE TRABALHOS

Além de artigos, a revista publica leituras (comunicações, comentários e resenhas de livros), conferências, entrevistas e traduções.

A tradução deve apresentar uma cópia do trabalho original, com todas as indicações sobre a edição e versão da qual foi traduzida, acompanhada da autorização do autor.

4. NORMAS PARA ENVIO DE ARTIGOS E RESENHAS

Os artigos originais deverão ser enviados em três cópias impressas, acompanhadas de uma cópia eletrônica ou CD no padrão Word for Windows 6.0.

A Revista *Boletim Formação em Psicanálise* segue os padrões gráficos da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As regras da digitação do texto devem seguir os termos abaixo:

- o texto deve ser digitado em uma só face (frente);
- a fonte deve ser Times New Roman; em corpo 12 para o texto e corpo 11 para citação direta de mais de três linhas;
- o trabalho deve ser digitado com espaçamento entre linhas de 1,5, exceto as referências e os resumos, os quais devem ter espaçamento 1,0;
- não utilizar recursos especiais de edição na cópia eletrônica ou CD (macros, justificação, etc.);
- a letra em itálico deve ser usada apenas para nomes científicos, títulos de obras, expressões latinas e estrangeiras;
- não usar o tipo sublinhado;
- o **negrito** deve ser restrito ao título do artigo e aos subtítulos das seções;
- as citações longas, notas, referências e resumos em vernáculo e em língua estrangeira devem ser digitados em espaço simples.

5. FOLHA DE ROSTO

O nome ou qualquer identificação do autor deve constar apenas na página de rosto de modo a garantir o anonimato durante o processo de avaliação do trabalho.

O trabalho entregue deve conter uma folha de rosto constando:

- o título do trabalho em português;
- o nome do autor e sua qualificação (3 linhas no máximo);
- o seu endereço (com CEP); telefone/fax (com DDD);
- endereço eletrônico (e-mail).

6. FOLHA DE RESUMO

O trabalho deve conter uma folha de resumo digitado com espaçamento 1,5, em um único bloco (sem parágrafo), seguido das palavras-chave. Deverá constar:

- o título do trabalho em português;
- o resumo em português (no máximo 10 linhas) com palavras-chave (no mínimo 3 e no máximo 5);
- título do trabalho em inglês;
- *abstract* com *keywords* (no mínimo 3 e no máximo 5).

7. CITAÇÕES

Segundo a ABNT, as citações são trechos transcritos ou informações retiradas das publicações consultadas para a realização do trabalho. São introduzidas no texto com o propósito de esclarecer ou complementar as ideias do autor. A fonte, de onde foi extraída a informação, deve ser citada obrigatoriamente, respeitando-se desta forma os direitos autorais.

Nas citações, as chamadas são feitas pelo sobrenome do autor ou pela instituição responsável ou, ainda, caso a autoria não seja declarada, pelo título de entrada, seguido da data de publicação do documento, separado por vírgulas e entre parênteses. Se incluído na sentença estas devem vir em letras maiúsculas e minúsculas, porém quando estiverem entre parênteses as mesmas devem ser em letras maiúsculas.

Citação textual

Até 3 linhas - deve ser inserida no corpo do texto, entre aspas e com indicação do(s) autor(es), da(s) página(s) e do ano da obra de referência. Exemplo: Ferraz (2000, p. 20) considera "como tipicamente perversos certos atos ou rituais praticados *com* o consentimento formal do parceiro".

Com mais de 3 linhas - deve aparece em destaque e com recuo de margem esquerda de 4 cm, sem aspas, espaço simples, corpo 11 e com indicação do(s) autor(es), da(s) página(s) e do ano da obra de referência. Exemplo: Freud (1905/1980, p.86) ensina:

> Esse último exemplo chama atenção para o fato de que éessencialmente a unificação que jaz ao fundo dos chistes que podem ser descritos como "respostas prontas". Pois a réplica consiste em que a defesa, ao se encontrar com a agressão, "vira a mesa sobre alguém"ou "paga a alguém com a mesma moeda"-ou seja, consiste em estabelecer uma inesperada unidade entre ataque e contra-ataque.

Citação indireta

O sobrenome do autor é apresentado dentro dos parênteses em letras maiúsculas seguido do ano da publicação. Exemplo: Em *O mal-estar na civilização* Freud faz um esforço para circunscrever o mal-estar na modernidade ao tecer seus comentários sobre as relações entre sujeito e cultura (BIRMAN, 1997).

Citação de autor

No corpo do texto deverá constar o sobrenome do autor acrescido do ano da obra. Exemplo: Reik (1948).

Fora do corpo do texto (citação indireta) o sobrenome do autor deve vir em letras maiúsculas seguido do ano da publicação entre parênteses. Exemplo: (REIK, 1948).

Citação de dois ou três autores os sobrenomes

- devem ser ligados pela letra "e" no corpo do texto e por ";" (ponto e virgula) fora do corpo do texto. Exemplo: Ades e Botelho (1993) ou (ADES; BOTELHO, 1993).

Caso tenha mais de três autores

- Deverá aparecer somente o sobrenome do primeiro, seguido da expressão *et al.*. Laing *et al.* (1974) ou (LAING *et al.*, 1997).
- Obs.: Na lista final de referências todos os nomes dos autores deverão ser citados.
- Em caso de autores com o mesmo sobrenome, indicar as iniciais dos prenomes. Exemplo: Oliveira, L. C. (1983) e Oliveira, V. M. (1984) ou (OLIVEIRA, L. C., 1983; OLIVEIRA V. M., 1984).
- Se houver coincidência de datas de um texto ou obra do mesmo autor, distinguir com letra minúscula, respeitando a ordem alfabética do artigo. Exemplo: Freud (1915a, 1915b, 1915c) ou (FREUD, 1915a, 1915b, 1915c).
- Caso o autor seja uma entidade coletiva, deve ser citado o nome da entidade por extenso. Exemplo: American Psychological Association (2000).
- No caso de autores onde a obra é antiga e foi reeditada, citar o sobrenome do autor com a data publicação original, seguida da data da edição consultada. Exemplo: Freud (1915/1980) ou (FREUD, 1915/1980).

Citação de citação

- Colocar em primeiro lugar o sobrenome do autor citado, sucedido da palavra *apud* e, em seguida, o sobrenome da referência utilizada. Exemplo: Para Rank (1923) *apud* Costa (1992).
- Caso o autor citado tenha um capítulo em um livro, fazer a citação usando-se a palavra In. Exemplo: Para Kehl In Slavutzky e Kupermann (2005) ... (Maria Rita Kehl tem publicado um capítulo no livro *Seria trágico... senão fosse cômico* de Abrão Slavutsky e Daniel Kupermann).

Citação de depoimento ou entrevista

- As falas são apresentadas no texto seguindo-se as orientações para "citações textuais" e devem vir entre aspas. Exemplo: O relato a seguir ilustra bem esse aspecto: "O fim da gestação é uma morte".

Citações de informações obtidas por meio de canais informais (aulas, conferências, comunicação pessoal, endereço eletrônico)

- Acrescentar a expressão "informação verbal" entre parênteses após a citação direta ou indireta, mencionando os dados disponíveis em nota de rodapé. Exemplo: Freud foi influenciado pelas ideias de Darwin. (Informação verbal)[1].

Obs.: Não é necessário listá-lo na relação de referências no final do texto.

Citações de trabalhos em vias de publicação

- Cita-se o sobrenome do(s) autor(es) seguido da expressão "em fase de elaboração". Exemplo: Besset (em fase de elaboração) ou (BESSET, em fase de elaboração)

Obs.: É necessário listá-lo na relação de referências no final do texto.

Citações de eventos científicos (Seminários, Congressos, Simpósios, etc.) que não foram publicados

- Proceder da mesma maneira que para "canais informais" (item 7.8).

Citações de Homepage ou Website

- Cita-se o endereço eletrônico de preferência após a informação e entre parênteses. Exemplo: (www.bvs-psi.org.br)

Obs.: Não é necessário listá-lo na relação de referências no final do texto.

---

1. Informação obtida por Rogério Lerner em aula no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em março de 2007.

8. NOTAS DE RODAPÉ

Caso sejam indispensáveis, as notas devem vir na mesma página em que forem indicadas, usando o programa automático do Word. As referências dos autores citados no texto devem ser apresentadas no final do mesmo, NÃO em notas de rodapé.

9. REFERÊNCIAS

Devem vir no final do texto, com o título **REFERÊNCIAS**, relacionado em ordem alfabética pelos sobrenomes dos autores em letras maiúsculas, seguido das iniciais do prenome e cronologicamente por autor. Quando há várias obras do mesmo autor, substitui-se o nome do autor pelo equivalente a sete espaços, seguido de ponto. Exemplos de referências:

Com apenas um autor

BIRMAN, J. ... 1992.

_____ . ... 1997a.

_____. ... 1997b.

Com dois ou três autores

JERUSALINSK, A.; TAVARES, E. E.; SOUZA, E. L. A. ...

Com três ou mais autores

LAING, P. *et al*...

Quando houver indicação explícita de responsabilidade pelo conjunto da obra em coletâneas de vários autores

A entrada deve ser feita pelo nome do responsável seguida pela abreviatura singular do mesmo (organizador, coordenador, editor, etc.) entre parênteses. Exemplo:

BARTUCCI, G. (Org.) *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação.* Rio de Janeiro: Imago, 2001.

Livro

Sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título do livro em itálico, ponto, edição (a partir da segunda: "2.ed"), cidade, dois pontos, editora, ano de publicação. Se for uma reedição, colocar o ano em que foi escrito logo depois do nome do autor. Exemplos:

CECARELLI, P. R. (Org.) *Diferenças sexuais.* São Paulo: Escuta, 2000.
FIGUEIREDO, L.C.M.; COELHO JUNIOR, N. *Ética e técnica em psicanálise.* São Paulo: Escuta, 2000.
LACAN, J. (1959-1960) *O seminário livro 7, A ética da Psicanálise.* Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
RIBEIRO, M.F.R. *Infertilidade e reprodução assistida: Desejando filhos na família contemporânea.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

Capítulo de livro e ou coletâneas

Sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título do capítulo, ponto, In: título do livro em itálico, ponto, cidade, editora, ano de publicação e página. Quando for coletânea logo após o "In:" colocar sobrenome e iniciais do organizador e "(Org.)" logo após. Exemplos:

DUARTE, L.F.D. Sujeito, soberano, assujeitado: Paradoxos da pessoa ocidental moderna. In: ÁRAN, M. (Org.) *Soberanias.* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.
MENEZES, L. S. A construção do vínculo social sob o ponto de vista freudiano: A lei, os ideais e as identificações. In: *Pânico: Efeito do desamparo na contemporaneidade. Um estudo psicanalítico.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

Artigos de periódicos

Sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título do artigo, ponto, título do periódico em itálico, vírgula, cidade, volume, número, página e ano de publicação. Exemplo:
ROSA, M.D. O discurso e o laço social nos meninos de rua. *Psicologia USP.* São Paulo,v.1, n.1, p.205-17, 1990.

Dissertações e Teses

Sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título da dissertação ou tese em itálico, ponto, ano, ponto, número de folhas, identificação do documento (tese, dissertação, trabalho de conclusão de curso, etc.), o nome da instituição, o local e a data da defesa. Exemplo:

LOFFREDO, A. M. *Angústia e repressão: Um estudo crítico do ensaio "Inibição, sintoma e angústia"*. 1975. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, PUC, Rio de Janeiro, 1975.

Trabalhos publicados em eventos científicos (Congressos, Seminários, Simpósios, etc.) publicados em anais ou como artigo

Autor(es), título do trabalho. In: título do evento, numeração do evento, ano e local de realização, tipo de documento (Anais, Atas, Resumo) editora, ano de publicação e página. Exemplo:

MARAZINA, I. A clínica em Instituições. In: CONPSIC - II CONGRESSO DE PSICOLOGIA, 1991, São Paulo. *Anais*. São Paulo: Oboré, 1992, p.25-43.

Trabalhos que não foram publicados

Dependendo do tipo (artigo de periódico, capítulo de livro, etc.), proceder da mesma maneira que foi indicado anteriormente, seguido no final de "Texto não publicado".

Trabalhos que estão em vias de publicação

Dependendo do tipo (artigo de periódico, capítulo de livro, etc.), proceder da mesma maneira que foi indicado anteriormente, seguido no final de "no prelo".

Resenhas

Sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do prenome, título do livro, ponto, cidade, dois pontos, editora e ano de publicação. Resenha de sobrenome em letras maiúsculas, seguido das iniciais do prenome do autor da resenha, título da resenha (se houver), ponto, nome do periódico em itálico, volume, número, páginas e data de publicação da revista.

Referências de Freud

Sobrenome do autor em maiúsculas, seguido da inicial do prenome, título da edição utilizada em itálico, cidade, editora e ano de publicação da edição consultada. Abaixo, ano em que o artigo foi escrito, título e volume. Exemplos:

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

(1895) Uma réplica às críticas do meu artigo sobre neurose de angústia, v. 3.

(1896) Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa, v. 3.

(1897) Sinopses dos escritos científicos do Dr. Sigmund Freud, v. 3.

(1917) Die Verdrängung, v. 10.

(1917) Das Unbewusste, v. 10.

Documentos extraídos de fontes eletrônicas

Documento de acesso exclusivo em meio eletrônico inclui bases de dados, listas de discussão, BBS (site), arquivos em disco rígido, programas, conjuntos de programas e mensagens eletrônicas entre outros. Os elementos essenciais são: autor(es), título do serviço ou produto, versão (se houver) e descrição física do meio eletrônico. Quando se tratar de obras consultadas online, no caso de arquivos eletrônicos, acrescentar a respectiva extensão à denominação atribuída ao arquivo. Exemplos:

MICROSOFT Project for Windows 95. Version 4.1. [S.l.]: Microsoft Corporation, 1995. 1 CD-ROM.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. Normas.doc. Curitiba, 1998. 5 disquetes. ALLIE'S play house. Palo Alto, CA.: MPC/ Opcode Interactive, 1993. 1 CD-ROM.

ÁCAROS no Estado de São Paulo. In: FUNDAÇÃO TROPICAL DE PESQUISAS E TECNOLOGIA "ANDRÉ TOSELLO". Base de Dados Tropical. 1985. Disponível em: Acesso em: 30 maio 2002.

Proceder da mesma maneira seja para livro, capítulo de livro e artigos de periódicos, entretanto, adicionar no final "recuperado em (data)", seguido do endereço eletrônico. Exemplo:

PAIVA, G.J. (2000) Dante Moreira Leite: Um pioneiro da psicologia social no

Brasil. *Psicologia USP*, n. 11, v. 2. recuperado em 5 de fevereiro de 2006, da Scielo (Scientific Eletronic Library Online): http://www.scielo.br.

10 IMAGENS E ILUSTRAÇÕES

Tabelas, gráficos, fotografias, figuras e desenhos devem ser referidos no texto em algarismos arábicos e vir anexos, em preto e branco, com o respectivo título e número. Se alguma imagem enviada já tiver sido publicada, mencionar a fonte e a permissão para sua reprodução, quando necessário.

11 DIREITOS AUTORAIS

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados pertencem à Revista Boletim Formação em Psicanálise. A reprodução dos artigos em outras publicações requer autorização por escrito da Comissão Editorial da Revista.

BIBLIOTECA MADRE CRISTINA
DOAÇÃO: Depto. Formação em Psicanálise
DATA: ____/____/____

ARTIGOS

A dimensão de extensão do método psicanalítico
LUCIANNE SANT'ANNA DE MENEZES

A formação do analista e o método em psicanálise (Como o analista chega à interpretação ou, mais precisamente, como a interpretação chega ao analista)
LUANA VISCARDI NUNES

Bion ou Thanks to the tanks
ORLANDO HARDT JR.

"E se eu fosse você?": Breve visita ao conceito de identificação projetiva
ANA KARINA FACHINI ARAUJO, ELISA MARIA ULHÔA CINTRA

O feminino e suas nuances: relação entre o conceito de devastação e a violência contra a mulher
MARCELLA OLIVEIRA

A poeta bebe águia; os sonhos e as palavras
EDUARDO RODRIGUES DE LARA

LEITURA

Defesas Primitivas: arrogância, identificação projetiva, estupidez
CECÍLIA NOEMÍ MORELLI FERREIRA DE CAMARGO

O fim de uma análise
ESTANISLAU ALVES DA SILVA FILHO

AULA INAUGURAL

Transmissão, transformações e evoluções em psicanálise
MARIA BEATRIZ ROMANO DE GODOY

ENTREVISTA

A psicanálise é a ciência da falta
DURVAL MAZZEI NOGUEIRA FILHO

ISSN 1517 4506

DEPARTAMENTO
Formação em Psicanálise

SEDES SAPIENTIAE